

SERÕES



Nº 14.
AGOSTO.
1906

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{DA} — Livreiros-Editores

Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

JOÃO CHAGAS

BOM HUMOR

ACABA DE PUBLICAR-SE: Um vol. in-8.^o com perto de 400 pag.

Brochado 600 réis — Cartonado 750 réis

Este livro é a escolha de tres mezes de collaboração do seu auctor com Raphael Bordallo Pinheiro que teve sempre o privilegio de se associar aos mais scintilantes espiritos do seu tempo, como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, etc. Estes secundaram Bordallo no *Antonio Maria* e nos *Pontos nos ii*. João Chagas foi seu collaborador na *Parodia*, onde pôde dizer-se, accentuou faculdades desconhecidas da sua intelligencia que só se tinha manifestado até aqui no debate politico e na polemica.

Bom Humor tem, como livro, a vantagem de não ter sido voluntariamente escripto para esse genero de publicidade. O auctor está n'elle á vontade, sem pensar no publico do livro: muda de inspiração a cada passo, porque a sua obra vae sendo feita ao sabor dos factos que vão interessando o seu espirito. O que faz a superioridade n'esta obra, isto é, o que constitue o seu valor intrinseco, é que ella poude passar para o livro sem perder nenhuma das suas qualidades: o tempo não a destruiu; está sempre fresca e viçosa.

Bom Humor, em resumo, é um livro de intelligencia, de critica, de philosophia e de arte.

SUMMARIO

Verifica-se a existencia de uma liga n'um cofre á prova de fogo — Sua Santidade e a clinica cirurgica — Em que se espera vêr a tuberculose no Tribunal de Contas — Emilio Zola na imprensa de Lisboa — Baudelaire e uma estroinice do sr. Conde de Valenças — Denuncia ao fisco de uma industria nova: a «intellec-tualidade» — Averigua-se que, como o sr. Ribeiro Seabra, Nossa Senhora tem uma quinta — Patriotismo e arroz carolino — Pede-se licença a el-rei para não o felicitar pela sua chegada — O Municipio e a Rua — A moral christã e o perú christão.

*
* *

Espectaculos para hoje: S. BENTO, «Resposta ao discurso da Corôa» Liberdade ás colheres, ou liberdade de pharmacia — A revolução de cima ou o fim dos trens virados — O nariz do sr. Fuschini acolhe-se ás classes inactivas: reconhece-se que elle ganhou o seu justo repouso — A Bernarda: lojas maçonicas e lojas de bebidas — O rei de Inglaterra em Lisboa, o céu, a alliança ingleza e o regimento de cavallaria 3 — Outros tempos e outros costumes, Walter Scott, o Gaspar da Viola e a «Prece de uma virgem» — A Arte e a Mulher: um mólho de razões e um mólho de chaves — O telephone entre Lisboa e Porto, ou as iniquidades do Progresso — Estomagos vazios e consciencias revoltadas: adduzem-se razões, afim de demonstrar que a fome do Porto não é paga pelo sr. Lima Junior para deitar abaixo o governo — O sr. Samagaio, nós e os immortaes principios de 89 — Em que se espera ver pedir o Milagre e em que se vê pedir caldos — O Estado e o café de grão de bico — A rotação no «boulevard» dos Italianos e a senhora Liane do Pougy no Ministerio do Reino — A Honra: cita-se Crébillon e o Codigo Administrativo — O general Ascárraga em Lisboa, ou as vicissitudes da «reportage» — O culto das

apparencias — Um jantar na sala do Risco e alguns pontos de interrogação — A morte do equilibrista — A «interview», o que ella devia ser e inconvenientes do conselho de Estado — A Alma e o Corpo, ou philosophia de uma escorregadella — As festas ao rei de Hespanha, Deus, o governo e o sr. Queiroz Velloso.

*
* *

Uma conferencia do sr. Dias Ferreira — Em que a Camara Municipal de Lisboa se declara coacta — Elogio do deputado Oliveira Mattos e affirmação de que elle é indispensavel ao systema parlamentar — S. Bento e o Café Baldomero — As pateadas no ponto de vista dos interesses da justiça — A greve dos jornaes: machinas de compôr e machinas de pensar — O crime do quartel da Estrella, ou o charlatanismo homicida — A Cidade eleitoral e a função civica do carneiro com batatas — Theoria do governo, ou governar não é fazer um recado — Mademoiselle Bartet e Portugal na balança da Europa — Guerra Junqueiro, o «radium» e algumas superstições tocantes — O Cancero — O monopolio dos tabacos; apresenta-se a idéa de pôr em praça o poder — Os tyxicos: Margarida Gauthier e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos — Psychologia do politico profissional — Medicina antiga e medicina moderna: o doutor Semana e o doutor Fausto — O Ascensor — O «Diario de Noticias» e um problema ardente — A Noite, no ponto de vista da primeira auctoridade do districto — Um novo povo e um novo almanach — A Barca — Um medico no poder: administração e clinica — Golpe de vista sobre a Hespanha — O Tenor — Considerações a proposito de um cadaver que pede uma borla — Procura-se demonstrar que o monopolio dos tabacos é um mau negocio — O Estado-Pae — O patriotismo e o habito das viagens — O «Times» declara a ban-carrota do casamento.

Summario

MAGAZINE

PAG.

REMBRANDT

Retrato do proprio auctor..... FRONTISPICIO

JULIO DINIZ — UM AUTOGRAPHO E UM INEDITO DO GRANDE ROMANCISTA... 91

IMPRESSÕES DA MADEIRA

(11 *illustrações*) por JULIO DINIZ (Inedito)..... 96

FLOR DE SANGUE

Soneto por ALFREDO GUIMARÃES 104

O ROUXINOL

(15 *illustrações*) por FREITAS BRANCO..... 105

O NOSSO SENHOR DO OCEANO

(2 *illustrações*) por ANATOLE FRANCE..... 119

A INQUISIÇÃO

(16 *illustrações*) por ANTONIO BAIÃO..... 123

DESALEN' O

Soneto por LUCIANO D'ARAÚJO..... 135

CREPUSCULO — (POESIA)

(1 *illustração*) por ANDRÉ DOS REIS..... 136

ARCACHON

(11 *illustrações*) por ALCANTARA CARREIRA..... 137

BENITA, Romance Africano

(5 *illustrações*) por H. RIDER HAGGARD..... 143

OVAR — PRAIA DO FORADOURO

(11 *illustrações*) por A. DIAS SIMÕES..... 156

OS SERÕES DOS BÉBÉS—O LAVRADOR E O ONZENEIRO

(2 *illustrações e 1 vinheta*) 164

ACTUALIDADES

(18 *illustrações*)..... 166

MARTYRIO — (QUADRO) 172

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"—MENÇÃO HON-

ROSA — NÃO CHORES QUE TAMBEM VAES...

Cliché do sr. Victorino Cardoso, Porto..... 142

OS SERÕES DAS SENHORAS (45 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS	
MODAS DE OUTOMNO.....	pag. 21
CALÇADO DE VERÃO.....	» 22
CHAPEUS PARA USO PRATICO.....	» 23
OS NOSSOS FIGURINOS ...	» 24
LINDOS AVENTAES	» 26
CHAPEUS DA ESTAÇÃO..	» 27
A NOSSA FOLHA DE MOLDES...	» 28

APROVEITAR LUVAS VELHAS.....	pag. 29
PEQUENAS MAXIMAS.....	» 29
PELOS ALTOS—REGIA CREANÇA.....	» 30
LAVORES FEMININOS	» 31
CONSULTORIO DE LUIZA	» 34
NOTAS DA DONA DE CASA.....	» 35
ESTATURAS REGIAS COMPARADAS.....	» 36

Correspondência dos «SERÕES»

PASTAS PARA OS NOSSOS SUPPLEMENTOS

A demora das pastas destinadas aos nossos dois supplementos—*Os Serões das Senhoras* e a *Musica dos Serões*—justifica-se pelo primor artistico que nós desejamos dar-lhes. Com esse fito se estão elaborando, e brevemente as porremos á disposição das nossas leitoras, as quaes poderão, a seu bel-prazer, aproveitá-las no seu mister de pastas onde recolham esses supplementos ou servir-se d'ellas para capas de encadernação.

Os Serões das Senhoras, relativos ao anno preterito (junho de 1905 a junho de 1906). formam já um elegante volume, digno de ser consultado pela variedade de materias n'elle contidas, muitas das quaes conservam permanente actualidade, e digno de figurar, quando artisticamente encadernado, n'uma linda *étager* de *boudoir* feminino, entre umas jarras de flores e umas deliciosas estatuetas de Saxe.

A *Musica dos Serões* ainda forma um volume bastante exiguo para se encadernar, e é talvez preferivel recolher todos os numeros na pasta que lhes destinamos, elegantemente atada com um nastro de seda, junto do piano, como um repositório de inspirados trechos musicaes para as *soirées* da estação.

Eis os alvitres que respeitosa e apresentamos ás nossas amaveis leitoras, a quem os *Serões* devem certamente o melhor da sua reputação.

O MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM COIMBRA

Do nosso illustre collaborador Mario Mon-

teiro recebemos um energico e justissimo protesto contra os vandalismos perpetrados n'este edificio de brilhantes tradições historicas.

N'essa especie de reclamação, dirigida á benemerita Sociedade *Propaganda de Portugal* e já publicada na imprensa diaria, acautelam-se igualmente vandalismos futuros, que os precedentes lamentavelmente fazem antever, e pede o sr. Mario Monteiro a aquisição do historico monumento para o Estado, ou que pelo menos se procurem salvar ainda as magnificas cantarias que restam da passada grandeza artistica.

Não nos permite o espaço reproduzir na integra o eloquente appello do sr. Mario Monteiro, mas aqui deixamos bem patente a nossa adhesão ás reclamações feitas. Assim nol'õ aconselham o entusiasmo patriotico e o desvelo pelos interesses da arte, que temos sempre tentado desenvolver na nossa publicação.

O CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

Escreve-nos o sr. Luiz Marques de Souza, do Porto, premiado no nosso ultimo concurso photographico, participando-nos que põe a importancia do seu premio á disposição da *Associação dos Jornalistas do Porto* para o seu cofre.

Folgamos em que tão meritoria applicação tenha o nosso premio, e fazemos votos por que o distincto amator alcance jus a novos premios, que duplamente estimaremos poder destinar-lhe.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno 2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 1\$200	Moeda fraca..... 12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de payzagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.^a — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9×12 centimetros.

2.^a — As photographias premiadas serão publicadas nos «Serões» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «Serões» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.^a — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os efeitos de publicação, ficará pertencendo aos «Serões»

4.^a — A direcção dos «Serões» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.^a — A decisão do jury, escolhido pelos «Serões», será definitiva.

6.^a — As provas devem ser enviadas á direcção dos «Serões» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrião os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.^a — Haverá tres premios, sendo o primeiro de 10\$000 réls; o segundo Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES; o terceiro Uma assignatura de um anno dos SERÕES, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço da photographia :

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.^a, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do envelope a indicação: Terceiro concurso photographico.

VINHOGELHO

DO PORTO



O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. E' sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana, que lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórmula de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar enquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra



Obtem-se MAIS GRACA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"

Depositarios:

ZENHA, RAMOS & CIA

RIO
DE
JANEIRO.

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brasil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DAS SEGUINTE FIRMAS:

General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagon.

The Chloride Electrical Storage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Drill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co. Mobilia de escriptorio.

Worthington Pumping Engine Co. Bombas a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

CAXAMBÚ

AGUA DE MESA



FABRICANTES AGRÉDITADA **ÁGUA INGLEZA DE GRANADO**



GRANADO
& C.^A

Pharmaceuticos

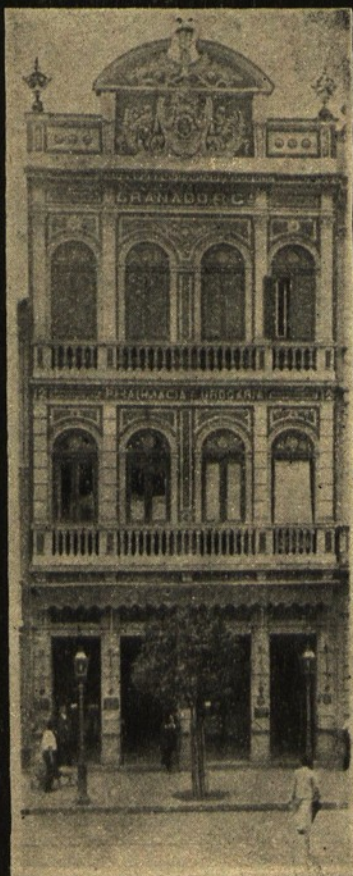
Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12

End. Teleg. «GRANADO»



Grande
Laboratorio
Chimico
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO



DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de Seguros

Mutuos sobre a vida

terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.



A vintage advertisement for Pook cigars. The central illustration shows a man in a dark suit, light trousers, and a hat, holding a smoking pipe. A large, dark cigar is positioned horizontally behind him, with a label that reads "Pook". The word "Pook" is written in a large, stylized, black script font across the middle of the advertisement. Below this, the text "CASA LAUSEN" and "RIO DE JANEIRO" is written in a smaller, black, serif font. The entire advertisement is framed by a dark, rounded border. In the bottom left corner, there is a small signature "P. Marinho Sr." and in the bottom right corner, there is a small signature "M. G. S."

Pook

CASA
LAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho Sr.

M. G. S.

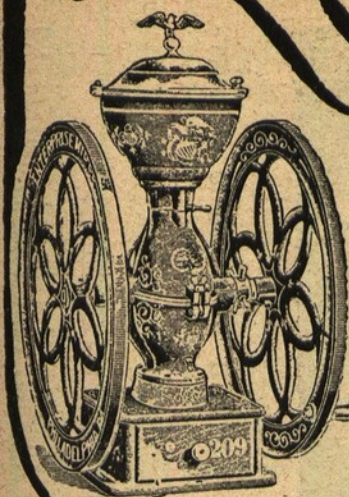
Ottoni, Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

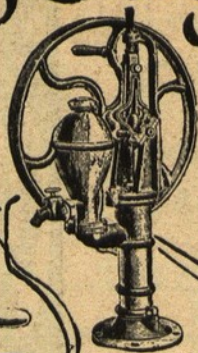
13 e 15

TELEPHONE 912.

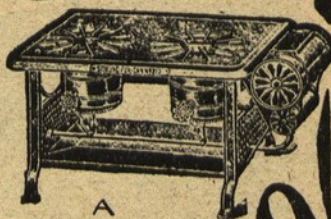
RIO DE JANEIRO



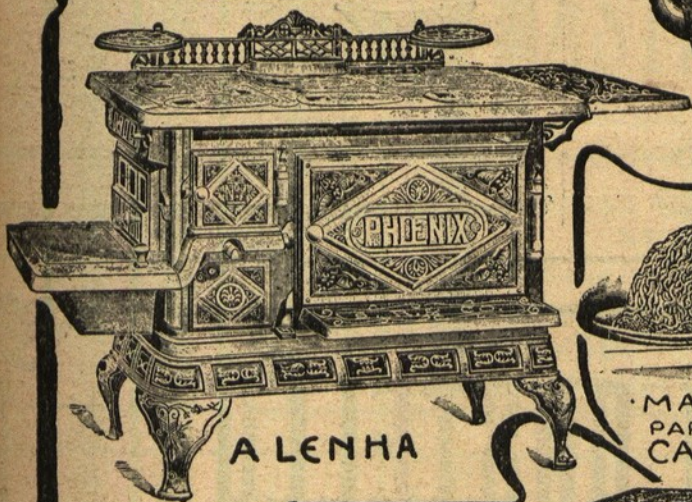
MOINHO
PARA CAFÉ



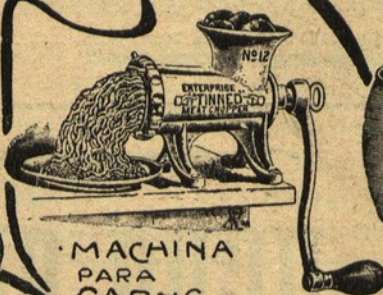
BOMBAS



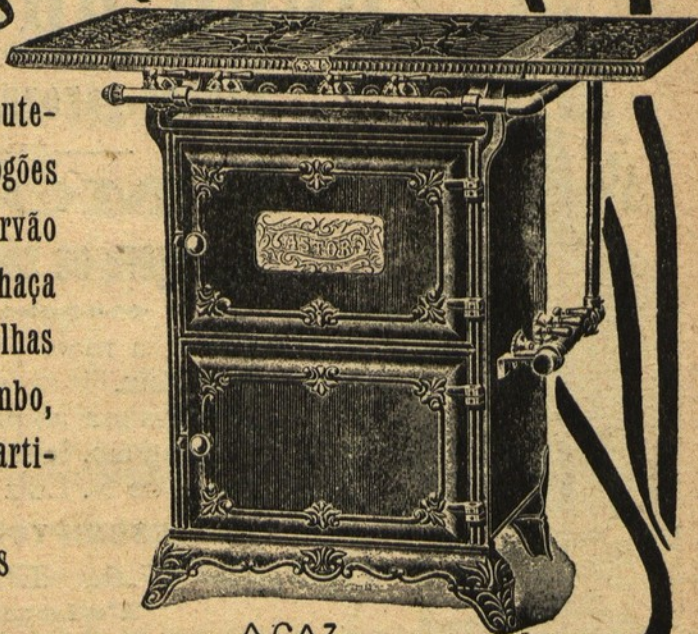
A
PETROLEO



A LENHA



MACHINA
PARA
CARNE.



A GAZ

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COSINHAS

PHONOGRAPHS

CILINDROS

IMPORTAÇÃO DAS PRINCIPAES CASAS DE NEW-YORK BERLIM E PARIS

SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA

REPRESENTANTE DO CENTRO PHONOGRAPHICO PORTUGUEZ



RUA DOS OURIVES Nº 1090 RIO DE JANEIRO

AGENCIAS NO PARA E RIO GRANDE DO SUL



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —
MOURA

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a
LISBOA

GRANDE DEPOSITO

— † DE † —

Moveis de ferro e colchoaria

— † DE † —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

— † † LISBOA † † —



PASTA DENTIFRICA
 ———— **HYGIENICA** ————
A

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
 RUA DA PRATA, 115 e 117
 Unica que branqueia os dentes, desinfecta
 a bocca e fortifica as gengivas
 Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão,
 do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e
 chamamos a attenção para os vinhos verdes, especialidade
 d'esta casa.



Chamamos a attenção para as condições dos
 annuncios, que inserimos na capa dos Serões.



O Commentario

DESDE 1903 publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista**, original e util aos contemporaneos e aos futuros prescrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que ocorre na capital brasileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de oportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros; a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.^a serie. principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia
dos seus collaboradores,
e pela superioridade dos conceitos que emite

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Pão—Raposo de Oliveira—versos. Um livro de 16 pag.—Livraria Editora—Viuva Tavares Cardoso—Lisboa.

A Profissão de Advogado—Em face da legislação Portuguesa actual—Oração pronunciada na conferencia solemne de inauguração da Associação dos Advogados de Lisboa do anno de 1904-1905 por Antonio A. Pires de Lima, advogado e professor do Lyceu de Lisboa—Ferreira & Oliveira L.^{da}, Editores—Lisboa.

A Construção Moderna—*Revista Illustrada*—Anno vi—n.º 34—1 de Junho de 1906—n.º 190.—Summario—Um quartel e estação de Bombeiros, projecto do constructor civil, Luiz Caetano Pereira de Carvalho—Liquefacção do ar—Tramvia electrico de Lincohi—Os afluentes occidentaes do caminho de ferro de Simplon—Busto de Silva Porto—As nossas barras—O novo edificio da Escola Medica—Distillação do cobre—Serviços meteorologicos—Theatros e Circos.

Revista Portuguesa Colonial e Maritima—n.º 105—9.º Anno—20 de Junho de 1906—18.º vol.—Summario—Alguns factos passados no districto de Lourenço Marques no tempo da guerra anglo-boer—(continuação) por Carlos Roma Machado.—Dados genealogicos e biographicos d'algumas familias fayaenses (continuação) por Antonio Ferreira de Serpa—Floresta do Mayombre (continuação) A. A.—Móvimento Colonial, por João Farmhowse—Notas navaes, por E. de V.—*Revista Ultramarina*, por Augusto Ribeiro—Livros e publicações periodicas recebidas—Informações commerciaes—Generos vindos d'África para o mercado de Lisboa.

Os Annaes—Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria—Anno iii—n.º 83 Rio de Janeiro 31 de Maio 1906—n.º 84 Rio de Janeiro, 7 Junho 1906—n.º 85 Rio de Janeiro, 14 Junho 1906.

Boletim photographico—*Revista mensal Illustrada de Photographia*—Setimo anno—n.º 75—Março de 1906—Summario—Banhos de revelação—Os papeis Luna—Esmalte das provas em papeis de gelatina—Tabella de exposições—Productos e material novo—Formulario etc.

A Construção Moderna—*Revista illustrada*—Anno vi—n.º 35—10 de Junho de 1906—n.º 191—Publicação tri-mensal—Summario—Projecto de uma casa de habitação em estylo egypcio modernizado, para o sr. Ricardo José da Silva e Castro—projecto do sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior—Liquefacção do ar—Sociedade de saneamento aseptico—Melhoramentos do porto de Lisboa—Trabalhos dos moinhos de vento—serviços meteorologicos—Bibliographia.

Vera-Cruz—Quizenario politico—litterario e humoristico—Anno iii—n.º 13—S. Paulo.

Seguros e Finanças—*Revista Economica e Industrial*—i anno—n.º 5—Maio 1906—Numero dedicado a **Nacional**—Companhia Portuguesa de Seguros sobre a vida humana—Constituida em 17 de Abril de 1906.

Portugal Agricola—Dedicado aos interesses fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias—n.º 12—15 de Junho 1906—Summario—A questão vinicola por Virgilio Bugalho Pinto—Prados e forragens na ilha da Madeira—Carlos A. Menezes—Zambujos e zambulhos—Menezes Pimentel—O anno agricola—J. Marques de Carvalho—

Alterações e defeitos dos azeites—Diogo Folque Possollo—Contra o piolho e branco das roseiras—Utilização das turfeiras para a producção de nitratos—F. R. de Sousa d'Arte—Enrolamento das folhas do pecegueiro—*Indicações rudimentares*—Prados—iii. Irrigação dos prados—Séga dos prados—Fenação—Arrecadação do feno—J. S. Seabra—*Revista das Revistas*—J. V. Gonçalves de Sousa—*Livros, conferencias e communicações*—O motor de essencia em agricultura—por F. Cabral Paes—Mello de Mattos—*Informações e Noticias*—Exposição de solipedes—*Secção Official*—Varios decretos—Portarias—Avisos—etc.

Revista de Manica e Sofala—3.ª serie—Julho de 1906—n.º 29—Summario—Conselheiro Antonio Eduardo Villaça—O Territorio de Manica e Sofala em 1905 (continuação)—Um artigo notavel—A cultura do algodão—População do Territorio de Manica e Sofala em 1905—Nomes e Povoações—Relatorio d'uma viagem por Abeillard Gomes da Silva (continuação)—De toda a parte—Chronica, Notas e informações—Carteira da Revista—As nossas gravuras.

Novos Horizontes—*Publicação mensal operaria de propaganda e de critica*—n.º 1—15 de Junho de 1906—Summario—Apresentação—Luctemos—Deus e seu proféta—Posse, e não saque—Outras ideias—Meditando—A policia—Os homens fortes—Ilusão desfeita—O transformismo—Procriae.

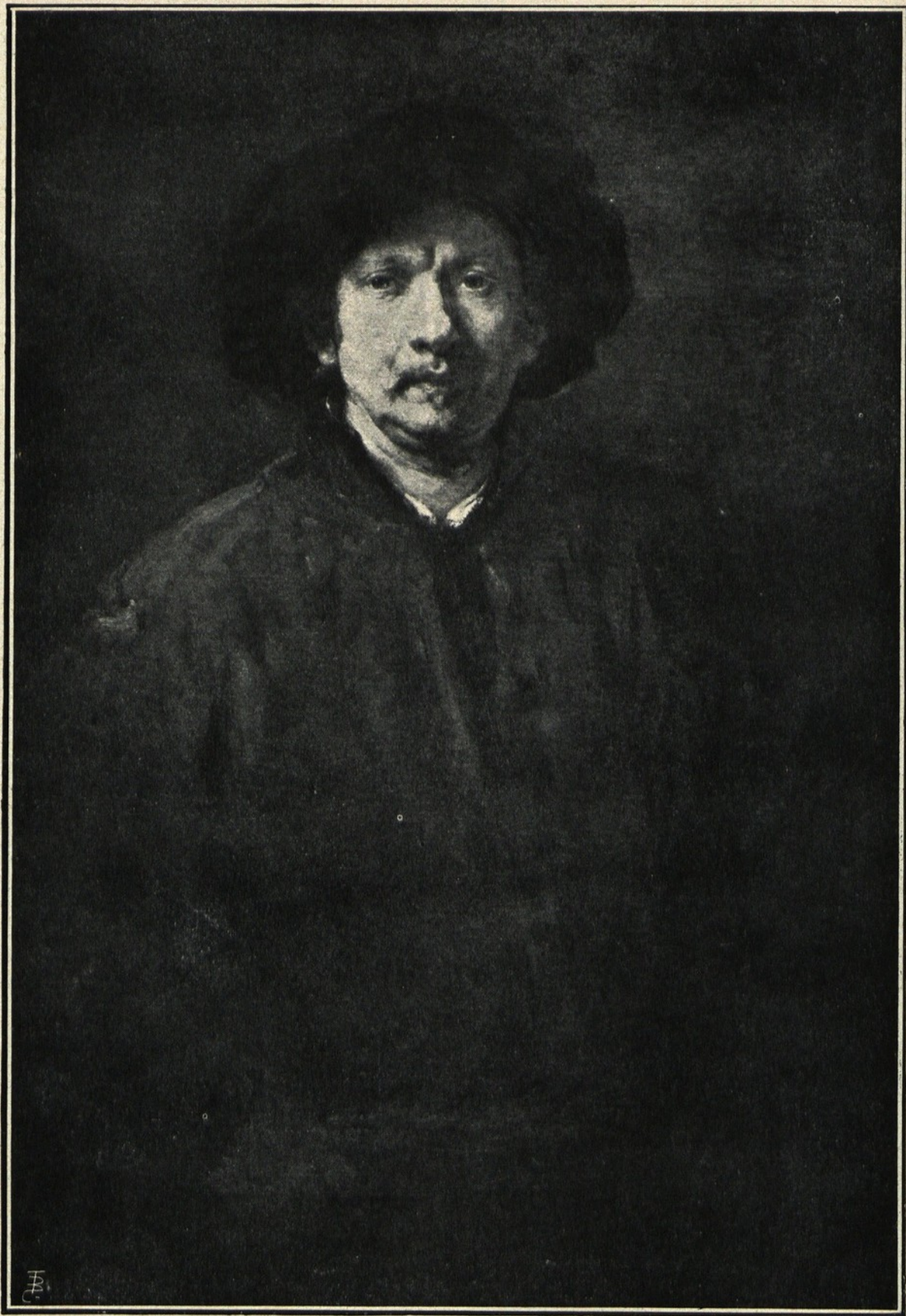
Echo Photographico—*Jornal mensal de Sport Photographico*—Anno 1—Julho 1906—n.º 2.

Mappa do Estado do Amazonas—Com o calendario de 1906 e 1907 e grande numero de Annuncios.

Boletim photographico—*Revista mensal Illustrada de Photographia*—n.º 76—Setimo anno—Abril de 1906—Summario dos principaes artigos—Photographia Estereoscopica—Revelação lenta na photographia artistica—Um instantaneo por 85 libras—Productos e material novo—Formulario etc.

A Construção Moderna—*Revista Illustrada*—Anno vi—n.º 36—30 de Junho de 1906—n.º 192—Summario—Ampliação e modificação da propriedade de rendimento, na rua Augusta 142 e 156, pertencente ao sr. Leopoldino Ribeiro—Constructor civil, sr. João Rodrigues Sebola—Os afluentes occidentaes do caminho de ferro do Simplon—As concessões de minas—Caminhos de ferro economicos—As maiores redes e vias de communicação—Entre Hamburgo e Argentina—Aço de calcio—Colla para linoles e coiro—Serviço meteorologicos—Expediente.


O Progresso—Anno iv—n.º 97—Junho 1906—É publicado trimensalmente por uma commissão eleita pela Associação Litteraria Gonçalves Dias.—S. Paulo—Summario—A Litteratura e a Philosophia de Tolstoi, por Leopoldo de Freitas—Manola, por Joaquim Morse—A mulher na Familia e na Sociedade, por Annibal Nora—Esurraçada por Alfredo Nora—A Inquisição e o Ensino Jesuitico, por Celso Valle—Passeiando, por Carlos da Silveira—Simple Refutation, por Ernest Copéran—O cabeça Branco, por Aroldo Nefra—Corundum em São Paulo, por Ernesto Pyles—Saudação ao rio, por Ide Schloemback—A republica Argentina, por Irene Braga—Lord Averbury, por Nathanael Bizarro—As cartas de ha 5000 annos—Actualidades.



REMBRANDT

O GRANDE PINTOR HOLLANDEZ CUJO CENTENARIO SE CELEBROU A 15 DE JULHO

Retrato do proprio auctor



Julio Diniz

Um autographo e um inedito do grande romancista

Aboa e velha amizade do seu camarada Guilherme Gomes Coelho deve o nosso director litterario o precioso mimo que offerecemos aos leitores dos *Serões*. Sobrinho do chorado romancista, que escreveu *As Pupillas do senhor Reitor* e *A Morgadinha dos Canaviaes*, presenteou-nos elle com dois ineditos d'essa penna suggestiva e sincera. O alvoroço em que ficámos é simples prologo do alvoroço com que os leitores vão devorar esses dois trechos. Em ambos se espalha por igual a alma dulcissima de Julio Diniz. O primeiro, comtudo, que, para conservar intacta a commoção intensa que o ditou, segue publicado em *facsimile*, é um documento autobiographico de transcendente valor. É a carta em que o futuro romancista, depois de doutorado na Escola Medica, comunica a seu pae a sua nomeação para demonstrador da mesma Escola. Para bem se alcançar toda a significação affectiva d'esse documento, convem conhecer algumas particularidades do viver intimo de Julio Diniz, durante a sua infancia e a sua adolescencia, as quaes colhemos das piedosas reminiscencias de seu sobrinho.

O pae de Julio Diniz, o Dr. José Joaquim Gomes Coelho, era dotado

de um temperamento concentrado e excentrico, rispido na apparencia e bondoso no fundo, o original em summa d'aquelle Richard Whitestone que seu filho admiravelmente delineou na *Familia Inglesa*, porventura o mais realista ou, como hoje é uso dizer, o mais vivido dos seus romances. As relações entre pae e filho tiveram sempre uma certa tensão, não devida a quaesquer conflagrações que o mutuo amor não consentiria, mas proveniente do conflicto permanente de dois temperamentos igualmente reservados, austero no primeiro, melindroso no segundo. Raro trocavam palavras que não fossem de mera saudação quotidiana. Quando o velho doutor julgava urgente alguma comunicação a seu filho, fazia-a geralmente por uma carta ou nota que lhe deixava no quarto, quando o sabia ausente. Exactamente o que se reproduz no romance alludido, entre o fleumatico commerciante inglez e seu filho Carlos.

Vem a pello uma anecdota, perfectamente illustrativa d'esse apparente alheamento d'aquelles dois espiritos que se estremeciam. Em março de 1866 começou a apparecer em folhetins, n'um jornal do Porto, o bello romance *As Pupillas do senhor Reitor*, que desde o começo produziu por toda

a parte um movimento de alvorçada sympathia e de viva curiosidade. Quem seria aquelle brilhante espirito, aquelle emulo portuguez de Dickens, que se occultava sob o modesto pseudonymo de Julio Diniz? Nas ruas, nos cafés, no seio das familias, aventavam-se hypotheses, formulavam-se alvitres, e pouca era a gente, ainda entre a mais avessa a assumptos de ordem intellectual, que se desinteressava do palpitante problema. O proprio Dr. Gomes Coelho trazia das cavaqueiras com os amigos ideias e suggestões, que, vencendo a sua habitual frieza, irrompiam aos farrapos á meza da familia. Calado o escutava Joaquim Guilherme, a esse tempo já demonstrador da secção medica na Escola do Porto, e apenas, quando instado, respondia com monosyllabos ou phrases vagas ás perguntas ou presumpções de seu pae.

Eis senão quando este, um bello dia, entrando acaso no quarto do filho, onde o levava provavelmente alguma communicacão escripta que precisava deixar-lhe, ficou surprehendido de ver na secretária uns quartos avulsos, para impressão, sobre os quaes lançou machinalmente os olhos. Surgiam-lhe os nomes das personagens cuja historia fabulada commovia ao tempo o Porto inteiro. Aguçado pela curiosidade, leu e comprehendeu tudo. E o orgulho paterno não lhe permittiu guardar segredo. Revelou-o aos amigos. E foi assim que o Porto soube, e que o paiz inteiro veiu a saber, quem era o novel romancista, e identificou com uma creatura viva e contingente o nome que devia ser uma das mais puras glorias da litteratura nacional.

Mas voltemos ao nosso estudante de medicina, intimidado e perplexo sempre ante a visagem severa do pae doutor.

A fina sensibilidade do seu espirito não o enganava; elle bem sabia que sob aquelle aspecto carrancudo se escondia uma alma amoravel e cheia de dedicacão extremosa. O seu olhar sereno bem via transluzindo sob uma mascara ferrea, os jubilos que inspiravam seus triumphos escolares, os tacitos desvelos pela sua saude sempre combalida, as apprehensões que revolviam o espirito paterno, solícito pelo futuro dos filhos. Em 1861, Joaquim Guilherme concluiu distinctamente o curso. Quatro annos depois, era despachado, em virtude de concurso, demonstrador da secção medica da mesma Escola em que se formara. E foi então que, talvez pela primeira vez na vida, deu largas aos impetos de gratidão e de ternura, que o atiravam aos braços d'aquelle velho rispido e amoravel, que era seu pae, a quem devera mais do que a vida, a educacão e uma situacão desafogada no mundo.

É a expressão eloquente e espontanea d'esses sentimentos que forma o conteudo da carta, dada em *fac-simile*. Só uma bella alma pode sentir assim, só um delicado espirito, como o de Julio Diniz, pode encontrar as palavras commovidas e quentes que traduzam plenamente esse sentir. É uma joia inestimavel essa carta; de futuro constituirá porventura um d'esses exemplares classicos de epistolographia que andam pelas mãos da infancia. Ao calor d'esse affecto e á pura belleza d'essa linguagem se educarão com effeito as almas das creanças, habituando-se a não ter em menos conta as finezas do coração do que os primores do genio.

* * *

Outro inedito de Julio Diniz publicam

os *Serões*. Esse pertence á phase dolorosa da vida do grande romancista. A herança morbida materna, que já prostrara seus oito irmãos, ameaçava o implacavelmente. Aos primeiros rebates da tuberculose, envidaram-se esforços para travar a roda da Fatalidade. Exgotados os primeiros recursos, occorreu naturalmente a ideia da Madeira, então, mais do que talvez agora, apregoado refugio cosmopolita de tísicos. Em 1868, para lá foi passar uns mezes Julio Diniz. Em 1870, para lá voltou «á procura do ideal que se chama saude», diz elle proprio. A carta, que pela vez primeira publicam os *Serões*, collige as impressões fugidias e lampejantes de um grande espirito, ameaçado de morte, perante o espectáculo assombroso da Natureza e da Vida. É um documento de alto interesse biographico e litterario.

Em duas casas habitou Julio Diniz, que saibamos, durante a sua estada na Madeira. Uma d'ellas, aquella cuja fachada publicamos, era na rua da Carreira, no Funchal. Devemos estas informações e a photographia ao nosso insigne collega Reis Gomes, redactor do *Heraldo*, do Funchal, o qual accrescenta, referindo-se á casa: «Hoje está ligeiramente modificada no seu aspecto exterior, isto é, mais remoçada, conservando a mesma disposição: cinco janelas no primeiro andar e uma no alto... Eram donas da casa as senhoras D. Romana e D. Josephina Pio, duas irmãs... A sua sobrinha senhora D. Olympia Pio Fernandes, professorano Porto, é actualmente a sua parenta mais proxima».

Antes de residir n'esta casa, morou Julio Diniz pouco tempo nos Ilhéus, n'uma Villa onde actualmente reside o Doutor Nuno Ferreira Jardim (informação dada igualmente pelo sr. Reis Gomes, a quem cordealmente agradecemos estas notas interessantissimas, e cremos que ineditas, para a biographia do grande romancista).

Como a primeira carta, esta do Funchal, posto que indubitavelmente destinada á circulação litteraria, revela a amorosa individualidade de Julio Diniz, que nem as crueis apprehensões de valetudinario conseguem obscurecer. A saudade entristece-o, o espectáculo do oceano acabrunha-o, mas, quando a a seus olhos a Madeira surge, em toda a sua magia deslumbrante, os primeiros jubilos adejam em torno da alma esmorecida do poeta. Mas a tristeza volta de novo, ao divisar a sombra da Morte pairando sobre o risonho Funchal, como sobre um sanatorio cosmopolita de condemnados... É preciso sahir da cidade para que essa visão fatidica se desvaneça, e então, que hymno de contentamento e de admiração brota da penna commovida do artista! E a sua alma aquece-se de gratidão, perante a misericordiosa sympathia que vê em todos os olhos.

E porventura, nos ultimos periodos da carta, transparece alguma cousa mais: um doce sentimento, quiçá partilhado, que um formoso rosto feminino houvesse feito desabrochar no coração melancolico do romancista...



Fac-simile de uma carta de Julio Diniz

Papai'

A estas horas e' provavel que ja' saiba que estao suspachado. Não tinha in-
formado impactadamente o caminho de Ferra-
ra Pinto, quando vim que que 5.º fez a
se assignar o decreto e mistra nomea-
ção. E' com a carta de 20 que elle vem
no diario de 22. Em mesmo tempo,
escrevem de Lisboa e em aculo de
vros e diaris. O am ammen de 23.
Chute eorum em tem tem. Finalmen-
te esta' cuido; alabaram todos os do-
vidos e inquistiçoes.

Nesta occasião, em que o meu futuro
se fixou, não posso deixar de me recordar
de muito que devo ao Papai pela sacrifici-
fletos por mim. Alegria me deplamente
o resultado d'esta minha empenho, porque
com o proser que me ~~deixa~~, sei que não me
nos intendo havia de produzir ao Papai,
que ali agora são improprios tanta
vista ftearem os seus grandes esforços para

a seu pae, o Dr. José Joaquim Gomes Coelho

e felicidade do filho.

Meus irmãos foram privados, não sei
porque vistes providencias, de estarem in-
te mundo o fructo da eorum adre-
ção, que o Papai lhes deia. Esse mesmo
poder, que os sacrificou tão novos, puen-
ter me reservado, como que para reali-
sar em mim a recompensa, que lhe
mercia a assignação do Papai.

Alegria me deia e anima me
acreditar que não me faltará a v. d.
e a saúde, para poder compor este
animo, talvez pro general.

Cria a que tenho sentimentos para
avaliar todos os seus sacrificios e para com-
prehender o alcance da delicadeza com
que procurava não me o favor sentir.

Nesta vez, em do meu solenne de ter
a minha vida, permite-me que compro
com o meu primeiro dever, beijando-lhe des-
pistamente a mão. Sem p'isso goste
seffo 24 de julho
de 1885
João Diniz



PANORAMA DA CIDADE DO FUNCHAL

Impressões da Madeira

CARTA INEDITA DE JULIO DINIZ

MEU AMIGO

Funchal, Março de 1870

Recordo-me de lhe haver promettido, ao separarmos, escrever-lhe de quando em quando d'esta ilha, onde pela segunda vez abordei, á procura do ideal que se chama saude.

Tarde me lembrei do cumprimento da promessa; mas a tempo vae ainda,

Não é uma monographia que eu vou fazer. Deixarei em paz a constituição

geologica, a flora, a fauna da ilha e todas as questões medicas, economicas e politicas que se prendem a este torrão fertilissimo. O meu intento é mais modesto. Quero mostrar-lhe a Madeira atravez das individualissimas impressões que o meu espirito recebe n'ella, e isto sem plano, sem methodo, sem coordenação didactica e só conforme a corrente irregular e caprichosa das minhas ideias.

Fazer-lhe esta observação equivale a avisal-o de que não serão de tintas



muito vivas os quadros que traçarei. A imaginação de um valetudinario tinge de côres amortecidas as mais ridentes paizagens e as scenas mais pittorescas que observa; para elle o brilho do sol é visto como atravez de um cristal corado; percebe as gradações de luz, mas sempre sob o tom uniforme e sombrio do cristal, que, n'este caso, se chama preocupação.

As viagens, esse sonho doirado que tanto seduz a imaginação da mocidade, ansiosa, como a ave prisioneira, por alargar horisontes e bater azas em demanda de climas novos, transformam-se em amarga proscricção, sempre que as emprehendemos forçados por uma triste necessidade e partimos levando o espirito assombrado por uma ideia,

ou, antes, por um presentimento doloroso.

Nada então nos compensa as lagrimas da despedida e o cruel confrangimento do coração que responde ao ultimo adeus do amigo, que de olhos humidos nos acena da gare do caminho de ferro ou nos aperta a mão no tombadilho do vapor. Partimos com a alma opprimida e sem aquelles voluptuosos estremecimentos de jubilo, que se misturam ás saudades de quem se afasta dos seus seduzido pelo prazer de viajar.

Quando se perde de vista a terra em que nos ficaram todos os affectos intimos, parece-nos escutar uma voz interior a perguntar-nos se voltaremos a vê-la.



AOS 24 ANNOS
(1863)

AOS 26 ANNOS
(1865)



AOS 27 ANNOS
(1866)

AOS 30 ANNOS
(1869)

JULIO DINIZ

E não ha um clarão de esperança a responder a essa interrogação.

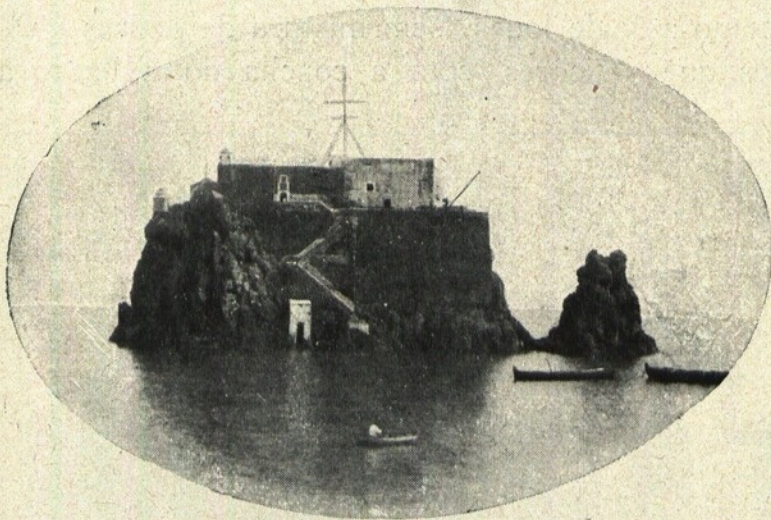
Que tristeza a d'aquelle instante!

Depois o mar, o mar, esse immenso fóco de melancolias, acaba de escurecer-nos o pensamento.

Olhar em roda e não avistar um só d'esses objectos que nos fallam do pas-

sado, da familia, do remanso domestico! Vêr tudo em movimento, tudo em irrequietação, tudo revolto! Ter necessidade para satisfazer a instinctiva ancia de repouso, que sentimos, de elevar os olhos para o ceo, como faz o homem desalentado pelo tumultuar das vagas da vida, que considera aquella outra

patria como o unico lugar de verdadeiro repouso — impressões são estas que não dissipam as nuvens do nosso horizonte, antes mais as carregam.



O ILHEU

Apesar da sua grandiosa solemnidade, o oceano é um desconsolador companheiro para a alma n'aquellas disposições.

Por vezes, quando ao amanhecer de um d'esses dias longos e desoladores se avista alem, muito alem, no horizonte, uma sombra mal distincta atravez da qual só o olhar amestrado do marinheiro consegue distinguir a terra demandada, sauda-se essa sombra como uma promessa de redempção.

Todos os olhos a procuram com anciedade e, á medida que ella se ergue e aclara e se contornêa e se colora com as tintas naturaes, revelando-se emfim tal qual é, entre o azul do mar e o azul do ceo, dissipa-se a mais e mais a cerração de melancolia que nos poisava no coração.

Como a ave extenuada por longa travessia por sobre mares vastissimos abate o vôo a repousar na terra que lhe surge do seio das ondas, assim o espirito, cançado tambem d'aquella immensidade e irrequieta agitação das aguas, vôa a engolfar-se no regaço

das verduras, que parece haverem emfim obedecido á invocação das suas nostalgicas, saudades.

Quando a formosa ilha da Madeira, levantando-se da espuma do mar, como a mythologica Citherea, crescia para nós a receber-nos, abrindo o seio benefico e maternal aos desconfortados que n'ella só depositavam as suas derradeiras esperanças, sentiamos todos penetrar-nos o coração um d'esses suaves prazeres, como o que nos produz, no meio de uma turba de estranhos, o encontro de um rosto e de um sorriso de amigo.

Formava um consolador contraste com a tremenda severidade do mar a amena perspectiva da ilha!

Horas depois de a avistar, a marcha rapida do vapor fez-nos dobrar o cabo de S. Lourenço; transportando o amplo portico que elle forma com o grupo das penhascosas Desertas, sentira-se uma subita mudança de clima, como se, de repente, se tivessem vencido muitos graus de latitude.

Afagou-nos as faces a briza tepida e perfumada da ilha, aspirámos com prazer o halito acalentador e salutifero d'esta fada maritima; achavamo-nos sob o seu abençoado encantamento, reconheciamos emfim a Madeira!

A costa do sul ia passando em revista, com as suas rochas escarpadas, as suas ribeiras profundas, a sua vegetação vigorosa, as suas formidaveis quebradas e os altos picos onde poisam as nuvens, os valles fertilissimos e as povoações graciosas. Momentos depois, vencida a ponta do Garajao, as casas e as quintas do Funchal illuminadas por um esplendido sol de outomno, que doirava

as extensas plantações de canna, saudaram-nos por sua vez.

A magia do espectáculo emmudeceu-nos. De um lado o mar, do outro as serras e, entre estas duas grandezas magestosas, a cidade sorrindo, como a creança adormecida entre os paes, que

ctaculo que lhes offerecem e os abundantes thesouros de pedrarias que escondem nas suas moveis areias, affectam-nos tristemente o aspecto d'esta praia negra, formada de calhaus roliços, côr de lousa, sem mistura de pedras multícôres, sem a concha do mollusco a



HOSPITAL PRINCEZA D. AMELIA

a defendem e acalentam. Dentro em pouco poisavamos pé em terra.

Não é grata a impressão recebida ao desembarcar. Costumados aos extensos e alvejantes areas das nossas praias, tão ricas de formosissimas conchas e em cujas penhas se formam aquarios naturaes, onde aos raios do sol as actinias matizadas expandem os seus braços gelatinosos, as algas crescem em delicadissimas arborisações; costumados ás praias risonhas, que attraem as mulheres e as creanças com o animado e variadissimo espe-

adornal-a, sem uma d'essas pequenas maravilhas naturaes, que são o principal attractivo da beira-mar.

Esta pedra escura parece conservar ainda evidentes os vestigios do cataclismo vulcanico que a arremessou á superficie das aguas. Dir-se-ia que ainda está defumada e quente do fogo do immenso fôrno em que foi fundida. Ao seu aspecto comprime-se o coração do viajante.

Entramos na cidade. Há um não sei que melancolico no aspecto d'ella. Por isso mesmo que é a generosa consola-



CASA DO FUNCHAL, ONDE HABITOU CHRISTOVAM COLOMBO

dora de tantos afflictos, por isso mesmo que acolhe no seio maternal os que soffrem e que de toda a parte do mundo correm a abrigar-se no seu calor salutar, por isso mesmo parece annuiar-lhe os sorrisos aquelle ar de piedade e de compaixão, que é, por assim dizer, a alegria da caridade.

Não nos sentimos impellidos a saudal-a com um cantico festivo, com uma acclamação de prazer, mas apenas com uma serena commoção equal áquella com que se beija a mão generosa que se estende a soccorrer-nos ou a enxugar-nos as lagrimas.

Ó Funchal! que tristes dramas se tem passado á luz do teu sol benefico! que lutosos desenlaces de tantas historias de paixões! que de lagrimas

ardentes cahidas no teu solo sequioso que se apressa a escondel-as discreto! e á sombra das tuas arvores, quantas fronte, esaldando de febre, vergaram sob o peso de cruel melancolia! Illusões desvane-cidas, esperanças desfolhadas, sonhos de amor, de gloria, de felicidade, dos quaes se des-perta á beira do tumulo, tudo tens presenciado, ó humanita-ria cidade, e debaixo dos ce-dros e cyprestes dos teus ce-miterios dormem o ultimo somno muitos martyres, sem que as lagrimas dos que os amaram lhes caiam na cam-pa como tributo!

D'ahi vem a sympathia e a tristeza que inspiras. As tuas virtudes, como irmã de caridade que consagra os dias ao cumprimento da sua missão christianissima, brilham entre scenas e espectaculos de de-

solação e de dôr.

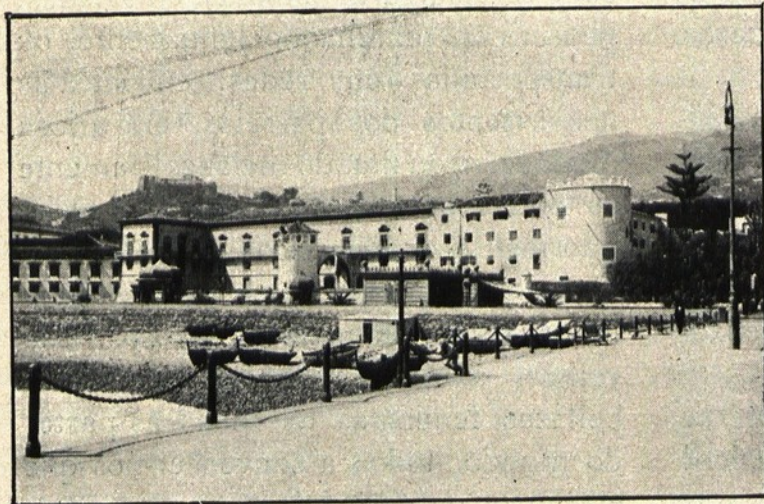
Este caracter da cidade avulta aos primeiros passos dados no interior d'ella.

O viajante cruza-se a cada momento com certas figuras pallidas, emaciadas, pensativas, marchando lentamente, ou transportadas em rêdes, encontra-as nos assentos dos passeios, em ociosa meditação, ou fitando melancolicamente as ondas que se succedem na praia. São inglezes cadavericos, allemães diafanos, portuguezes descarnados, bazi-leiros, norte-americanos, russos, são velhos, adultos, creanças, vaporosas bellezas femininas de todas as partes do mundo, todos a convencer-nos que entramos na *citá dolente*, mas no portico d'esta não se vê gravado o distico

desesperador que o poeta inscreveu no da região dos tormentos eternos. Pelo contrario, á entrada, aqui, revertem-se de esperança os proprios condemnados.

Para que a Madeira nos sorria, para que nos appareça formosa, como a descreve o poeta inglez, e fragrante como uma verdadeira flôr do Oceano, é necessario sahir do recinto da cidade, procurar as freguezias ruraes, subir as ingremes ladeiras que costeiam os picos e espriar então a vista pelos formosissimos valles que vão descobrindo o seio fecundissimo aos nossos olhos maravilhados.

Que vigor e variedade de vegetação! O verde doirado da canna realça entre as diferentes cambiantes da mesma côr das plantas de todos os climas. A palmeira de Africa agita a sua fronde graciosa junto dos carvalhos da Europa, a bananeira, vergando ao peso dos seus cachos, cresce cheia de viço nos mesmos pomares onde se enfeitam de flôres os pecegueiros e laranjeiras odoríferas. As rosas, as malvas, as madresilvas florescem espontaneas á beira dos caminhos; debruçam-se dos muros as bougainvil lias entretecendo os seus cachos rôxos com as flôres alaranjadas



ENTRADA DO FUNCHAL

FUNCHAL — CASA ONDE HABITOU JULIO DINIZ
(E' a primeira completa á direita)

das begonasi; tudo tem um ar de festa e algeria; a choça mais humilde tem um jardim á entrada; as flôres sorriem á porta dos ricos e dos pobres.

E quanto mais nos elevamos, mais se pronuncia este magnifico aspecto do paiz. De um lado vemos aos nossos pés o mar liso como um espelho, azul como saphira, limitado ao longe pelo grupo das Desertas vagamente tingidas do azulado da distancia; do outro, as altas serranias, que rompem as nuvens, e cujos cimos tantas vezes tinge a offuscante alvura das neves, e nos flancos, abertos em fundas quebradas, sulcados em ribeiras pelas torrentes do inverno, uma vegetação exuberante, cheia de vida, encobrindo aqui uma casa isolada, enfei-

tando alem uma povoação risonha, que se agrupa em torno de um campanario.

Então sim, então a atmospheria embriaga, o peito aspira com voluptuosidade esse ar balsamico, o espirito liberta-se de todas as apprehensões que nos gelavam os sorrisos nos labios e gosa-se, despreoccupado, do mais surprehendente spectaculo que pode imaginar-se.

Mas não é só a natureza que tão affavel e acariciadora se mostra aos desesperançados enfermos que se refugiam aqui; impressões igualmente consoladoras lhes veem de origem diversa. É geral a sympathia que os doentes inspiram á gente da Madeira. Se os doces affectos de familia, se os carinhos de uma esposa, de uma mãe ou de uma filha se podem substituir no mundo, é aqui a terra para tentar a experiencia.

Sentis que vos rodeia uma atmospheria de sympathia. Pessoas que nunca vos fallaram, que não conheceis, seguem passo a passo, com sincero interesse, os progressos das vossas melhoras ou as alternativas do vosso padecimento.

Com o olhar, que a experiencia tem amestrado, estudam-vos no semblante as probabilidades do bom ou do mau exito na lucta pertinaz da natureza contra o influxo fatal que vos subjuga. E esse prognostico é quasi sempre infallivel.

Rara é a familia que, levada por generosa curiosidade, se não informe com o medico que a vizita ou com os proprietarios dos hoteis, do estado dos estrangeiros doentes.

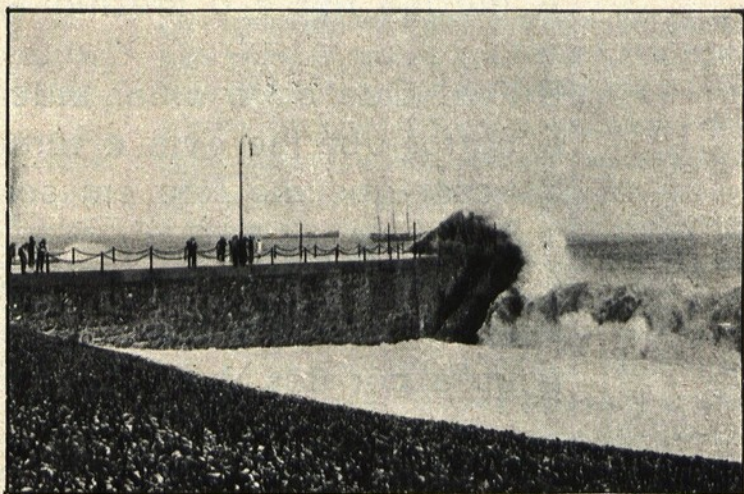
N'estas victorias do clima

sobre a doença estão empenhados os brios e o principal brasão da terra, e o amor patrio é um sentimento profundamente entranhado no coração d'este povo. Uma cura operada é um triumpho e todos a conservam na tradição gloriosa da terra com sympathico e louvavel orgulho.

A sympathia vae ainda mais longe, revela-se sob mais cordeal manifestação, exerce-se mais efficaç e abençoada ainda. As formosas madeirenses, e quem tendo visitado esta terra não conservará memoria d'ellas? condescendem muita vez em animar a alma desolada dos solitarios enfermos com o raio vivificador dos seus olhares magneticos. Amoraveis, movidas por uma generosa sympathia, exaltadas pelo entusiasmo natural a um coração de rapariga, acalentam muitas vezes esses amores, que ellas bem sabem ser sem futuro, e illuminam os ultimos dias de uma triste existencia com a doce luz do mais casto e immaculado affecto.

Quantos, que morriam longe dos seus com o coração partido de saudades, lhes devem os ultimos doces sonhos da sua vida, as derradeiras illusões e um tributo de lagrimas na campa?

Anjos adoraveis, corações generosos,



FUNCHAL — PONTE CAES COM ARREBENTACÃO DO MAR

vós concorreis com o thesouro dos vossos affectos para a santa missão que se desempenha aqui. Às vezes, sob a influencia do vosso amor, voltam as côres ás faces desmaiadas, um sangue novo circula nas veias exauridas e, por um milagre de affecto, renasce para a vida o que a sciencia já condemnara.

Outros succumbem, não tendo ao menos nos labios um nome querido,

no pensamento uma imagem e no coração a esperança de que não ficará sem sentido para todos a inscripção funeraria que lhe gravarem na lousa.

Abençoadas sejaes pelo conforto que tendes dado ás almas tristes que succumbiam á mingua d'elle.

Reparo porém agora, meu amigo, no tom elegiaco em que ia tornando a missiva. Será prudente parar aqui, procurando para outra vez ser mais alegre.

Seu do coração

JULIO DINIZ



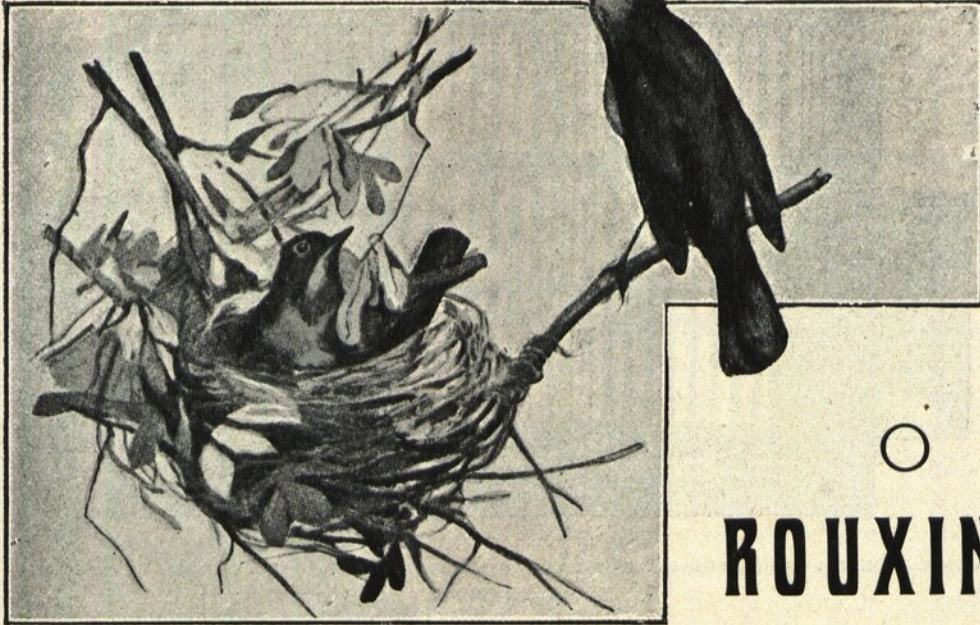
FLÔR DE SANGUE

A mim o que doendo me retém,
mais do que a vida com a maré louca,
é pensar que ainda o cravo d'essa bocca
ha-de um dia perder a côr que tem.

Nunca a minha ventura fosse além
de a ver vermelha e nova, mas tivesse,
já que a luz da manhã nunca envelhece
A mesma flor e o mesmo amor tambem.

Ruiva! Que de a olhar ardente e pura,
o horror que me gela e tortura,
o pesar que me fere em seus arrancos,

é vêr que ao fim da vida, sem carinho,
tambem tu bocca louca como o vinho
terás a côr dos meus cabellos brancos.



○ ROUXINOL



SE os poetas malbaratam, por vezes, adjectivos encomiasticos; se peccam por immerecidos louvores e exaggeros do seu estro; não é certamente quando se referem com entusiasmo ao mavioso cantor das noites luarentas. Quem ouviu uma só vez os gorgeios de um rouxinol, convence-se de que é elle o rei dos cantores alados; pouca gente, porém, conhece as melodias d'esse vocalizador extraordinario: uns, porque o confundem com a tutinegra, outros, porque não ouviram nunca um verdadeiro *artista*.

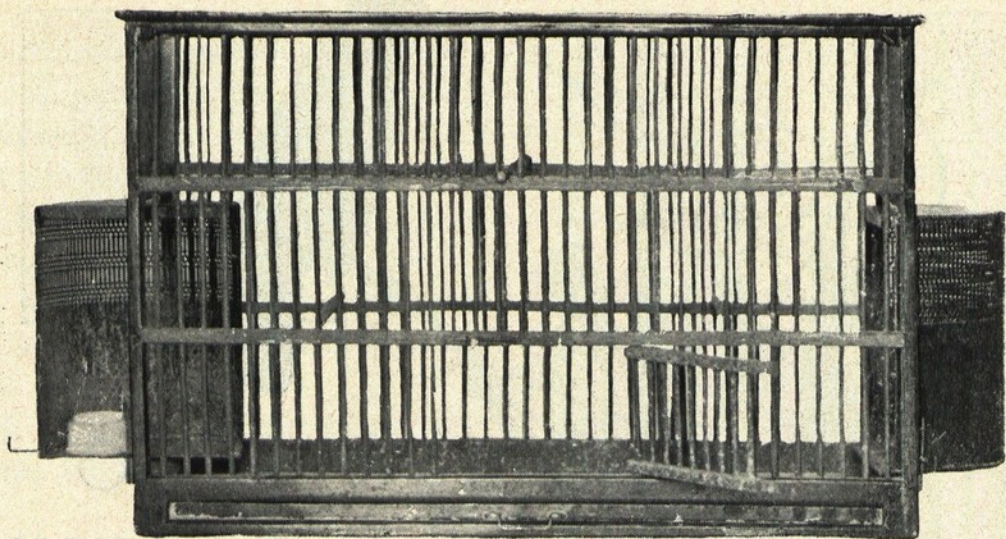
Os Carusos e os Tamagnos são quasi tão raros entre os rouxinoes, como entre os homens.

O rouxinol não só leva de vencida os outros passaros na variedade do canto, mas tambem na qualidade da voz.

Ha canarios, por exemplo, (e sobre todos umas especialidades allemãs) que excutam prodigios de vocalização; esses trinados, todavia, não teem vida, são frios, não vibram na alma. Só o rouxinol sabe gemer e soluçar, só o rouxinol consegue commover-nos, só essa maravilhosa avezinha nos dá a illusão de ouvirmos outra creatura humana que chora e padece. O canario causa-nos admiração; mas quando cessou o canto, acabou-se tambem o encanto. O rouxinol, não. Quando a sua voz

quente e maviosa deixou de modular as variadas estrophes do seu opulento repertorio, a nossa alma conserva-se ainda por longo espaço sob o dominio d'aquella fascinação. O canario é um soprano ligeiro; o rouxinol é um soprano, ou antes um meio soprano dramatico, cheio de expressão e sentimento.

Como é de prever, todos os amadores de passaros desejariam possuir um d'esses adoraveis cantores, e muito se tem escripto sobre a maneira de os conservar em gaiola. Os livros, porém, nem sempre são redigidos por quem conheça o assumpto de experiencia propria, copiam, em regra, uns dos outros, sem criterio, e expõem processos de commoda e efficaz execução tão sómente em determinados paizes. Vou portanto ensinar aos leitores, — e especialmente ás leitoras, — dos *Serões*, como levei a cabo conservar rouxinoes engaiolados durante longo periodo, sempre no goso de optima saude, alegres e cantando, pelo menos, 6 mezes do anno. A epoca lyrica para estes cantores, na vida em liberdade, começa quando termina a de S. Carlos, onde V.^{as} Ex.^{as} exhibiram as suas elegantissimas *toilettes*, — isto é, em principio de abril; e termina em meado de junho. É raro preceder aquella data ou exceder esta. Alguns tambem cantam em outubro. Os rouxinoes captivos começam os seus concertos em novembro ou dezembro,



A GAIOLA COM UMA GUARITA FECHADA E OUTRA ABERTA, DEIXANDO VER DENTRO A CAIXINHA DE PORCELANA PARA A COMIDA

e só os terminam em junho, como os livres, quando vem a muda da penna. Antes de abril, porém, que é para elles o inicio da quadra dos amores, a voz é pouco volumosa e são pouco assíduos no cantar. Um rouxinol distincto, no periodo em que procura noiva e durante a lua de mel, faz vibrar a sua voz encantadora duas e tres horas consecutivas, sem pensar sequer em alimentar-se. Tive um, durante doze annos, que ainda poucos mezes antes de morrer começava o seu concerto nocturno, em maio, entre as 8 e 9 horas da noite, e só á meia noite se calava, quando não prolongava a *serenata* até á uma hora da manhã, sem que por isso deixasse de cantar algumas horas no decurso do dia. Era um Caruso minuscuro!

Um dos fins das instrucções que vou fornecer aos leitores dos *Serões* é pôr cõbro ás barbaridades de que são victimas estas pobres avezinhas, presas por inexperientes, evitando tambem que se tornem raras. A ignorancia chega á barbaridade, inqualificavel e digna do mais severo correctivo, de priva-las da vista, na inepta supposição que só canta engaiolado o rouxinol cego.

Até já vi quem os quizesse alimentar com alpista, como aos granivoros! Contou-me um selvagem que apanhou uma occasião 27 (vinte e sete!) rouxinões, dos quaes apenas um viveu poucos mezes Encerrou-os todos num grande viveiro, deitou-lhes carne de vacca picada, e esperou os acontecimentos!

Um amator deve contentar-se com dois

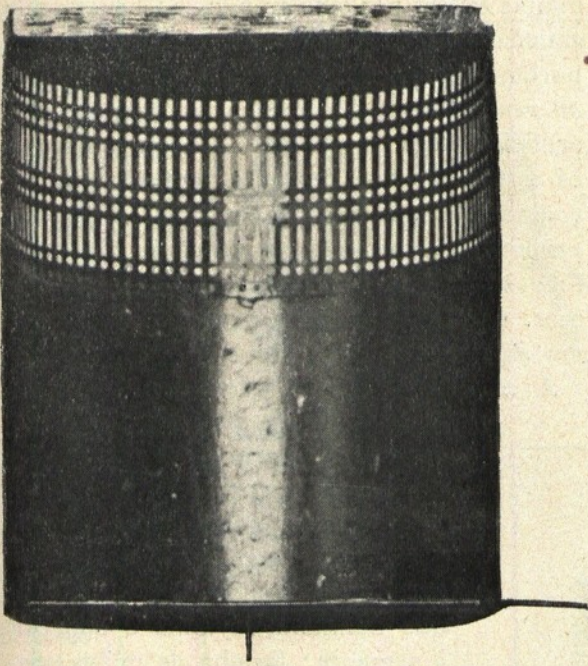
passaros de boa qualidade; porque, tratando os conforme vou ensinar, só decorridos muitos annos passará pelo desgosto de vê-los morrer de morte natural.

Li algures que o rouxinol velho perde o canto. A minha experiencia desmentiu tal asserto. O indispensavel, porém, é não poupar cuidados ao prisioneiro. Merece-os todos. Se o progresso nos ensinou a suavizar o captivo aos criminosos, com sobejas razões nos cumpre usar igual caridade para com estes encarcerados, cujo unico delicto é rivalizarem com o mavioso filho de Apollo e de Calliope.

Comecemos, pois, pela habitação do nosso cantor.

Opinam alguns entendidos que o rouxinol canta mais assiduamente em gaiola de exiguas dimensões, e a minha probidade manda-me corroborar, até certo ponto, aquella affirmativa. O coração, todavia, nunca me consentiu o que, porventura, não será crueldade, mas que a nossos olhos o parece. Demais, a longa pratica demonstrou-me cabalmente que se conségue o desejado fim em carcere mais amplo, onde por certo a existencia do captivo se prolonga.

As minhas gaiolas teem 60 centimetros de comprido, por 23 de largo e 39 de alto. As grades são de junco grosso, passado em buracos abertos em travessas de carvalho, á distancia de 17 milimetros uns dos outros, dos ditos orificios; estes teem 4 millimetros de diametro. Á falta de juncos, podem-se empregar cylindros de carvalho ou outra madeira



A GUARITA SEPARADA DA GAIOLA

escura, resistente, e até, em ultimo extremo, arame estanhado; mas nesta hypothese, é necessario unir mais os furos. O fundo da gaiola póde ser de rede metallica, ou de madeira, mas sempre coberto com dois taboleiros de zinco (um só taboleiro em toda a extensão da gaiola tambem é admissivel), cujos cantos convem soldar perfeitamente para evitar que molhe o sobrado a agua espalhada pelo rouxinol quando se banha. O tecto, qualquer que seja o feitio da gaiola, ha-de ser sempre de panno, porque até os passaros já mansos costumam, em certas occasiões, voar contra aquella parte da prisão, onde contundiriam gravemente o craneo se o choque não fosse recebido por um corpo macio e elastico. Os dois lados estreitos são fechados por táboas delgadas, pintadas de verde escuro ou côr de noqueira, com uma abertura de 17 centimetros de largo por 21 de alto, onde entram as *guaritas* giratorias, semelhantes a metade de um cylindro ôco, cortado na direcção do eixo. Uma porta larga, na frente da gaiola, permite a introducção da mão quando seja indispensavel. O material empregado na construcção d'estas *guaritas* giratorias é o zinco, furado no terço superior a fim de dar entrada a algum ar e luz; só o tecto é feito de madeira rija, onde se préga o zinco com balmázios de latão. As *guaritas* giram sobre dois eixos: um, na base, soldado no zinco, e que entra na táboa da gaiola; outro que pe-

netra na parte superior, partindo de um taco grudado na mesma táboa. Esta disposição permite que se sirva ao captivo a agua e a comida sem necessidade de introduzir a mão na gaiola, manobra unicamente necessaria em casos muito excepçoes, e convenientissimo evitar, quanto possivel, pelo susto que causa ao animalzinho.

O rouxinol bebe pouco, mas banha-se muito, mórmente na primavera e no verão. A falta de uma ablução diaria é, em regra, symptoma de incommodo physico. Não se presuma porém que se trata de um banho a medo, de uma *lavagem de gato*, como presencemos na maioria dos passaros granivoros. O rouxinol, como todos os insectivoros, mette-se inteiro na agua, agita as azas com impeto, e molha-se a ponto de não poder voar nos primeiros minutos. È, pois, indispensavel fornecer-lhe agua fresca todas as manhans, (e mesmo duas vezes ao dia quando haja calor intenso), e em vasilha onde o banhista caiba á vontade. Uso, para os meus, uns tachinhos de barro vidrados por dentro, com 13 centimetros de diametro na bocca; os passaros preferem esta banheira rustica. A comida, que, assim como os bichos, é servida na outra *guarita*, deita-se sempre em vasilhas de porcelana ou de vidro. As caixinhas que do estrangeiro trazem *cold-creams* e cosmeticos analogos para uso das senhoras, servem perfeitamente, com tanto que não cheirem a ranço nem a perfumes. *Banheira e prato* para a comida precisam ser bem lavados todos os dias em agua limpa, e enxutos com panno.

Para servir os bichos, é tambem necessaria uma vasilha de loiça vidrada, a fim de lhes frustrar todos os esforços para a ambicionada fuga. Convem verificar *de visu* que é realmente baldada qualquer tentativa de evasão; aliás os bichos, em logar de darem entrada no papo do cantor, davam ás de Villa Diogo, deixando-o á fome.

Os passarinhos, quando vão *armar ao visco*, levam esta substancia nuns vasilhos de loiça vidrada a que chamam *visqueiros*, aos quaes eu dou a applicação acima referida. Não ha bicho que logre evadir-se de um *visqueiro*.

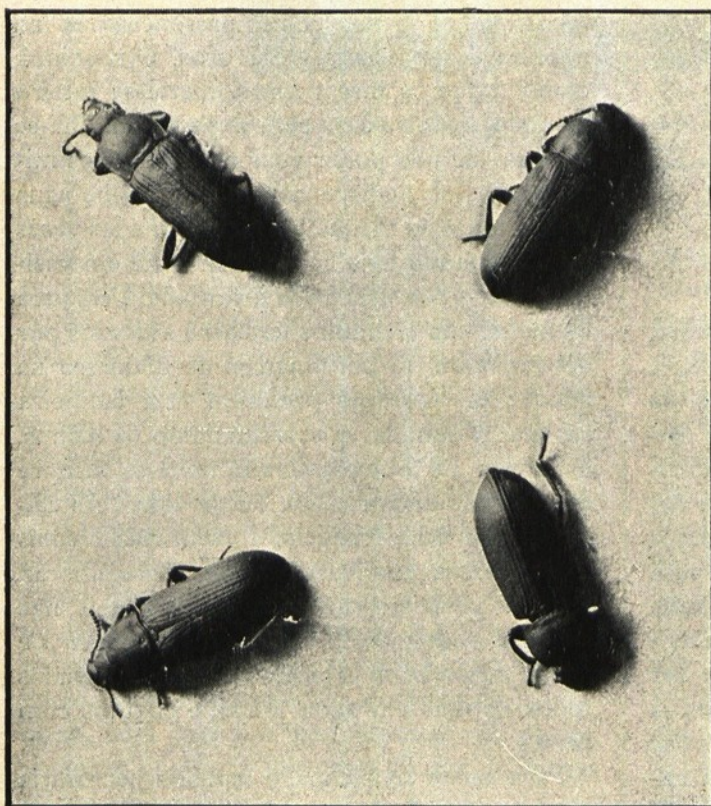


O VISQUEIRO

Estas *nicas*, que a muitos parecerão exag-

geradas, são o preço por que se paga o prazer de um concerto de canto, inimitavel. Creiam que ainda é barato. Quem não tiver paciencia para o sacrificio, — de resto muito menos pesado do que á primeira vista se nos afigura, — desista da companhia d'esses *virtuosi*, que só rodeados de tantos desvelos e atenções gosam saude e vivem largos annos absolvendo-nos do egoismo de que os tornámos victimas.

Alem dos objectos já descriptos, precisamos mais para a gaiola: tres poleiros de canna, vime com a casca, ou ramo de arvore direito,



O BICHO DE PENEIRO (LARVA DE «TENEBRIO MOLITOR»)
DE TAMANHO NATURAL

da grossura do dedo minimo, e uma cortina de panninho verde que tãpe toda a frente da gaiola. Os poleiros collocam-se, dois na travessa de baixo e um na de cima.

Alguns rouxinões não cantam com a gaiola destapada; outros querem-na tapada até meio, ou completamente. Só com experiencias se consegue descobrir o gosto do nosso prisioneiro.

Tratemos agora da alimentação artificial, que ha-de substituir as larvas, os ovos de formigas, as moscas, abelhas, e innumerous insectos que o rouxinol devora em liberdade, mas que não lhe podemos offerer no captiveiro.

Nas principaes cidades da Allemanha e em

muitas outras por esse mundo de Christo onde abundam amadores de passaros, ha casas importantes cujo commercio consiste em *bichos de peneiro*, ovos de formiga, e varias comidas artificiaes para insectivoros. Ainda não chegou cá esse progresso; portanto, temos que ser os cozinheiros dos nossos cantores. *Bichos de peneiro*, encontram-se á venda na Praça da Figueira, mas em pequeno numero e carissimos. Ensinarei tambem o modo de obte-los em abundancia e com pouca despesa.

A comida que tenho visto mais empregada pelos amadores portuguezes é o coração ou a carne de vacca, picado e misturados com farinha de grão.

O passaro come esta mistura, mas vive pouco. Depois de varias experiencias, cheguei á conclusão que nenhuma formula é superior á seguinte: farinha de milho amarello feita n'um bôlo com agua a ferver que se lhe deita em cima; cenoura francêsa (a cenoura comprida não é tão boa), crua, ralada n'um ralador de folha; e coração cru, de vacca, picado muito fino, ou carne crua sem gordura, igualmente picada. A carne ou o coração raspados não prestam. Uma condição indispensavel, — note-se bem! — *indispensavel*, — é ser uma ou outra cousa perfeitamente fresca, sem cheiro a azedo nem a pôdre, nem ao que os cortadores chamam *morrinha*.

Começa-se por escaldar a farinha, que arrefece enquanto se pica o coração ou a carne, e se rala a cenoura. Depois de tudo prompto, toma-se uma parte (em volume) do bolo da farinha, uma de cenoura ra-

lada, e duas de carne ou coração picado (o coração é preferivel á carne) e mistura-se tudo, continuando a picar e juntando-lhe alguma agua a fim de conseguirmos uma massa mólle, mas não muito. E' mister que o rouxinol possa apanha-la com o bico, aos bocadinhos; portanto, antes dura de mais do que em papas. Esta comida deve ser feita fresca todos os dias. A que porventura sobeje da vespera deita-se fóra. (1)

Quando haja impossibilidade de obter carne

(1) A farinha de milho pôde tambem ser empregada crua, conforme sae da peneira, mas, sempre que seja possivel, convem escaldá-la conforme indiquei.

ou coração fresco, coze-se um ovo, pica-se clara e gemma juntas até ficarem em bocadinhos do tamanho de grãos de trigo, e serve-se ao passaro na caixinha de porcelana. Mesmo no caso de não falhar o coração, convem dar ovo pelo menos uma vez na semana. Não ha o minimo inconveniente em dá-lo dois ou tres dias seguidos, com tanto que não falem os *bichos de peneiro*, que passo a apresentar a V.^{as} Ex.^{as}.

O *bicho de peneiro* é a larva do *tenebrio molitor* de Linneu, pertencente ao grupo dos heterometros, familia dos tenebriões.

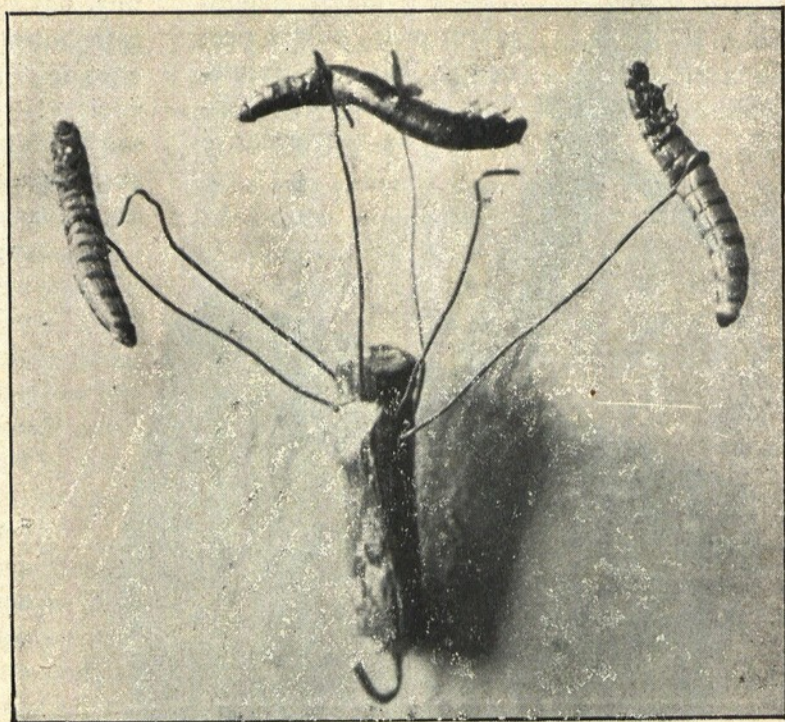
O insecto, semelhante a uma carocha, sae branco da chrysalida, mas logo se torna escuro, até ficar quasi negro.

Já conheci dois amadores que, vendo aquelles insectos nas panellas de barro onde guardavam os bichos de peneiro, os destruíram na convicção de que eram baratas, mal cuidando que dos ovos postos por elles sahiria a futura colheita de bichos.

Os maiores tenebriões attingem 15 millimetros de comprimento. As larvas, a mais tentadora gulodice para um rouxinol e outros insectivoros, são de fórmula cylindrica, lisas, côr de grão quando criadas em casa, teem seis pernas junto da cabeça e dois esporões pouco salientes na extremidade opposta. O tamanho regular é 3 centimetros; algumas attingem 4. — Antigamente, quando os padeiros, — perdão! — os operarios manipuladores de pão, — compravam a farinha em rama e a coavam nos seus peneiros, ficavam ali depositadas as larvas dos tenebriões, e d'ahi lhes veiu por certo o seu nome popular.

Nos antigos moinhos de vento, appareciam tambem muitos; nas fabricas de moagem modernas não é raro encontra-los, e bem assim nas cocheiras, no deposito das sementes. Com cem ou duzentas larvas já se consegue uma boa criação, porque um *tenebrio molitor* chega a pôr 400 ovos.

O leitor, portanto, faz aquisição de um ou dois centos de larvas, compra uma panella de barro não vidrada, de altura não inferior a 40 centimetros, 3 litros de semente superfina e



O BICHEIRO COM TRES BICHOS PRESOS E TRES ARAMES DESPROVIDOS D'ELLES, MOSTRANDO AS EXTREMIDADES CURVAS (AZELHAS)

porção igual da grossa, que reúne e mistura bem, e procura nos seus trapos velhos uns pedaços de flanela ou de panno de algodão grosso, pido, (pannos de cozinha velhos, por exemplo) que corta em quadrados de cerca de 15 centimetros de lado. Começa por deitar na panella uma camada de sementes com altura de 5 centimetros, colloca-lhe em cima um pedaço de panno, sobre o panno solta a terça parte das larvas, cobre-as com nova camada de sementes igual á primeira, estende outro panno, nova porção de larvas, e assim successivamente, não enchendo comtudo mais que um terço da panella, ou pouco menos de metade. Remata a operação com dois pedaços de panno, ou um só, com 30 centimetros de comprimento, que dobra pelo meio; as larvas gostam de insinuar-se na dobra. Sobre este panno deve collocar, de 8 em 8 dias, umas rodas de cenoura fresca ou uns bocadinhos de pão duro, molhados em agua fria e espremidos. A bocca da panella é tapada com um panno ralho preso por um cordel que a cinge. Sem esta precaução fugiriam os tenebriões.

Em fins de maio, ou em junho se o tempo vai fresco, notará que as larvas apparecem immoveis e como que mortas, deitadas sobre o panno. Decorridos poucos dias, já vê as primeiras chrysalidas, e passados mais 11 ou 13, surgem os primeiros tenebriões, que morrerão

d'ahi a 2 mezes, (alguns vivem mais, outros nem tanto) deixando numerosa descendencia. Enquanto ha tenebriões, é

nha, nas suas excursões pelo campo, grillos e gafanhotos pequenos, borboletas, abelhas, bichos de conta, lagartas lisas—(as pelludas são nocivas!)—na certeza que proporcionará ao seu prisioneiro uns momentos de verdadeiro goso, apresentando-lhe, vivos, alguns d'aquelles bicharôcos. Até, porventura, sem sahir de casa, póderá deliciá-lo com duas ou tres baratas jovens, que a V. Ex.^a, minha gentil leitora, causarão arripios de nojo, mas que ao Tamagno pequenino saberão como nos sabe a nós o melhor *foie gras* de Strassburgo.

Outro acepipe delicioso para os rouxinoes, e que ás vezes os cura de certas enfermidades, é o ovo (que não é ovo) da formiga ruiva,—*formica rufa* de Linneu,—cujos ninhos se encontram especialmente em pinhaes no fim da primavera e principio do verão.

São estes ovos o primeiro alimento que aquellas avezinhas ministram aos filhinhos recém-nascidos, sempre que podem desencanta-los. Como se conservam apenas uns 15 dias sem se deteriorarem, os commerciantes estrangeiros d'estas especialidades costumam seca-los em estufa.



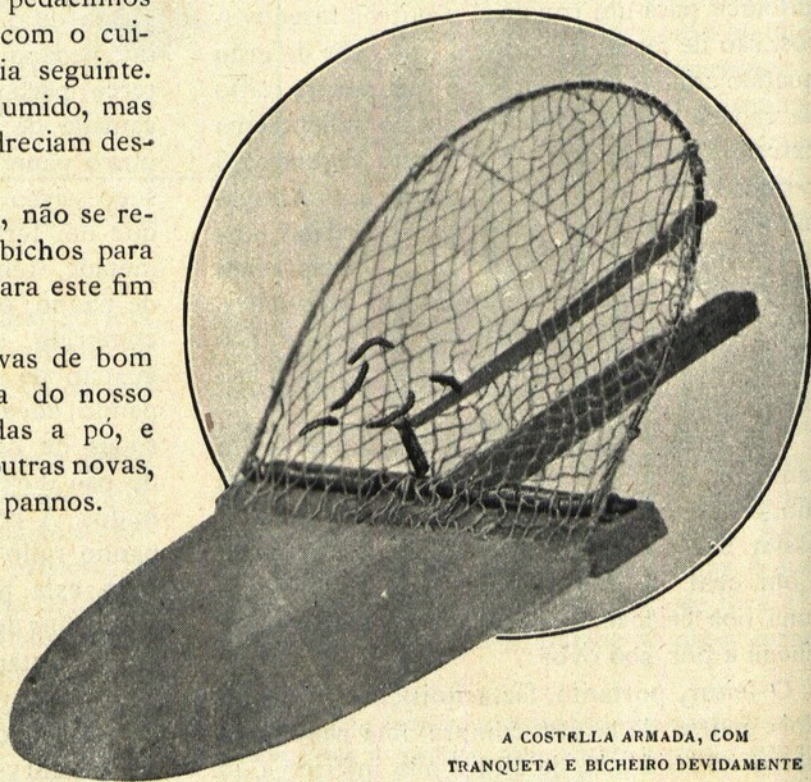
A COSTELLA DESARMADA MOSTRANDO A TRANQUETA SOLTA

necessario deitar uma vez por outra pedacinhos de carne crua dentro da panella, com o cuidado de retirar os sobejos no dia seguinte. Tambem não deve faltar o pão humido, mas sem molhar as sementes, que apodreciam destruindo a criação.

Na panella destinada á criação, não se revolvem as sementes á procura de bichos para os rouxinoes. Reserva-se outra para este fim exclusivo.

Em setembro ja ha larvas novas de bom tamanho para figurarem na mesa do nosso artista. As sementes estão reduzidas a pó, e torna-se urgente substitui-las por outras novas, podendo conservar-se os mesmos pannos.

No mez de agosto é vulgar faltarem os bichos, porque os velhos se transformaram todos, e as novas larvas ainda não attingiram o tamanho preciso. Nesta quadra de penuria,—(e mesmo em qualquer outra occasião),—o amador carinhoso manda apanhar ou apa-



A COSTELLA ARMADA, COM TRANQUETA E BICHEIRO DEVIDAMENTE COLLOCADOS

Os meus rouxinoes sempre se recusaram a tragar os ovos de formiga neste estado, ou humedecidos com leite ou cenoura, como se usa na Allemanha.

A *formica rufa* é facil de distinguir pela côr e pelo tamanho. As operarias medem 4 a 6 millimetros de uma a outra extremidade do corpo, as femeas 9 e meio, e os machos, que são côr de castanha escura, quasi pretos, 11 millimetros.

Ha um processo facil de colher estes ovos, mas não me permite o espaço alongar-me em muitos pormenores, mormente neste caso, que trata de assumpto secundario. Os meus rouxinoes passaram sempre optimamente sem aquelle manjar.

Temos casa e comida para o cantor; segue-se escolher um artista insigne, captura-lo, e habitua-lo ao captiveiro e ao novo regimen.

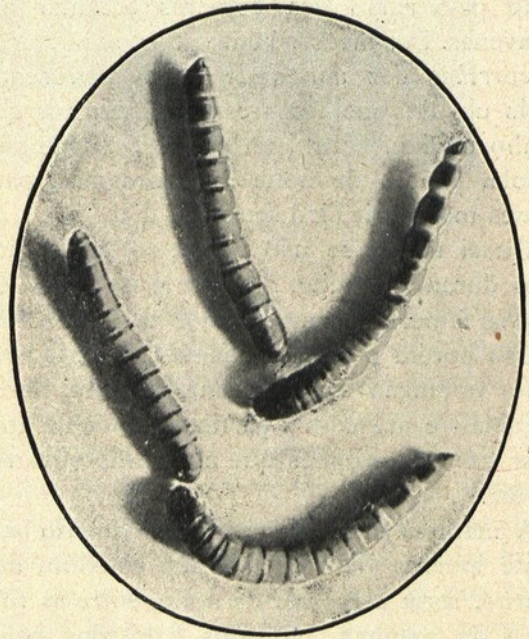
Ninguem ignora que o rouxinol é, como a andorinha, uma ave de arribação. Contaram-me que alguns estabelecem residencia no nosso paiz; mas ignoro até que ponto seja verdadeira aquella asseveração, de que peço licença para duvidar. Seja como fôr, antes dos ultimos luars de março ou dos primeiros de abril, nunca vi nem ouvi nenhum rouxinol; e depois do meado de outubro não me parece que se encontre uma duzia d'elles em todo o paiz. Parece que estes emigrantes só viajam de noite, alumados pelo satellite do nosso planeta.

Os *homens* chegam quasi sempre uns 8 dias antes das *senhoras*, excepto os casados, que veem acompanhados pelas esposas. Sítios onde haja agua corrente, poços com noras, e salgueiros ou arbustos formando sebes verdejantes, são em geral onde elles estabelecem a sua residencia passageira. A agua, especialmente, é attractivo de que não prescindem, gostando de a ouvir murmurar por entre as pedras, ou despenhar-se de alto.

Dá-se com o rouxinol o factio observado nas andorinhas: depois de escolher poiso, volta lá todos os annos, excepto se durante a sua ausencia se derem grandes transformações, taes como: o desaparecimento da verdura ou da agua. O rouxinol não gosta de convivencia, nem sequer dos proprios filhos adultos, assim como se não afasta muito da area limitada escolhida para a sua residencia temporaria; mas tambem não consente ahi mais *ninguem*, senão a esposa que o acompanhou, ou a que venha a sê-lo, attrahida e seduzida pelo seu canto amoroso.

Em meado de abril até principios de maio é que os nossos artistas começam a exhibir todos os seus recursos vocaes; é a occasião mais propicia para a escolha do futuro prisioneiro, tanto mais que, não tendo ainda creado familia, não estranha a perda da liberdade.

Ha quem supponha descubrir vantagem em apanhar os rouxinoes ainda no ninho, quasi implumes, e crea-los em casa. É absurdo. O passaro assim educado póde cantar regularmente se ouvir um mestre no campo ou



mesmo engaiolado; porém nunca será dotado de larynge nem de saude tão robusta como os creados pelos paes em liberdade, nem possuirá voz tão volumosa e viril. Demais, como acima ponderei, nem todos são bons artistas, e corre-se o risco de perder tempo e trabalho com um *comprimario* somenos ou modesto *corista*.

A maioria dos passaros cantores entoam um numero muito limitado de estrophes, que repetem invariavelmente pela mesma ordem. O rouxinol, além das muitas phrazes melodicas, nunca as faz ouvir sem modificações. N'alguns é tal a variedade, que são necessarias tres audições seguidas para lhes conhecermos o repertorio completo.

Uma das mais bellas variações é o chamado *suspiro*, — uma série de *ais*!, encandeados e prolongando-se ás vezes alguns segundos, quasi sempre terminados em *crescendo e accelerando*. O ouvinte fica extasiado e commo-

vido ao escutar um longo *suspiro* vibrado por essas gargantas rivaes das mais insignes *primas donas*.

Outro dom impagavel é o de cantar durante a noite. Nem todos o possuem. Muito se tem discutido o assumpto, aventando-se até que o rouxinol nocturno é uma variedade especial. Nada posso afirmar baseado em factos indiscutíveis. Um parente meu possuiu um rouxinol que, poucos mezes depois de encarcerado, começava a cantar á hora do chá, estimulado pelo ruido das colheres batendo nas chavenas. Dos meus, só um se tornou nocturno decorridos dez annos de captiveiro, sendo aliás um dos melhores cantores diurnos que tenho ouvido. Outro, ao cabo de 3 annos de gaiola, cantou de noite duas semanas, para nunca mais abrir bico senão de dia.

Quasi todos, se não todos, soltam alguns pios durante a noite, mormente na epoca em que as femeas costumam estar no chôco. Não é isso porém o que se chama cantar. O rouxinol nocturno canta durante a noite, horas seguidas, e até com a particularidade de gorgear certas estrophes que nunca lhe ouvimos de dia.

A maneira mais provavel, com quanto bastante incerta, de conseguir um rouxinol nocturno, seria percorrer de noite, entre as 10 e as 2 da manhan, os sitios habitados pelos cantores, marcar a arvore onde elles se em-

poleiram, e armar ahi proximo a *costella* (de que adiante falarei) pouco antes de nascer o sol, com os artificios de que tambem instruirei o leitor. Menos incommodo, porém, é sujeitar-se ao capricho da sorte, comparecer ás 5 horas da manhan em sitios onde conste haver rouxinoes, e escolher um artista que reuna o maior numero de bons predicados não esquecendo o *suspiro* e a voz de *meio soprano* ou de *contralto*, muito mais agradável do que os *sopranos*.

Pouco antes do sol surgir no horizonte e quando começam a fulgir os seus raios matutinos é que os nossos *virtuosi* cantam com mais afinco, mostrando todas as suas prendas; logo que é manhan clara descem ao chão á procura de alimento, e é a melhor occasião de os apanhar. O rouxinol é o passaro menos cauteloso que se conhece, e cae nas armadilhas com extrema ingenuidade. Eis a razão por que podemos apanhar um qualquer á nossa escolha. Se porém conseguiu fugir do laço, torna-se desconfiadissimo e difficilmente lá volta, por mais tentador que seja o engôdo. A estes matreiros chamam os passarinhoes: *passaros escaldados*.

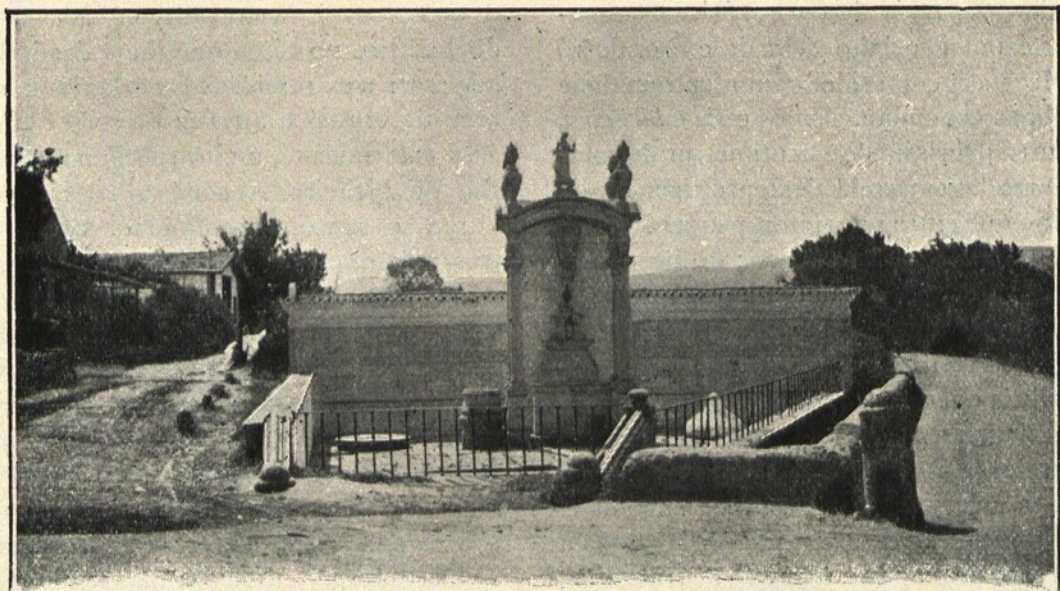
Ha regiões, como por exemplo Caneças, onde se ouvem 20 e 30 cantores, mas nenhum d'elles distincto. Em Santarem e em Coimbra ha abundancia de rouxinoes, quasi todos de boa escola; e mesmo nos arredores de Lisboa se encontram artistas notaveis. E' preciso todavia fazer a caçada onde existam abundancia, a fim de não exterminar estas avesinhas e privar os nossos campos de um dos seus mais bellos attractivos.

Aconselho aos amadores que apanhem os passaros por suas proprias mãos ou que, se por falta de habilidade o não conseguirem, acompanhem o profissional encarregado da caçada, e retirem o rouxinol da *costella* por suas proprias mãos, com o maximo cuidado,

O passarinho de profissão, (sem offensa para alguma excepção honrosissima) prefere que os captivos vivam o que vivem as rosas, por motivos facéis de adivinhar. Comprar-lhes rouxinoes é quasi sempre mau negocio.



Á HORA DO BANHO



O SENHOR ROUBADO, CUJAS IMMEDIAÇÕES SÃO MUITO FREQUENTADAS PELOS ROUXINÓES

Ao risco de adquirir uma fêmea, pois não é fácil distinguir os sexos até para os peritos, junta-se a quasi certeza de ser um passaro estropeado e já portador do germen da enfermidade que lhe abreviará a existencia.

O rouxinol masculino tem a cabeça mais redonda, os olhos maiores, mais vivos e também mais redondos do que as fêmeas. Ouvindo-os primeiro cantar, não ha perigo de sermos em nenhuma maneira logrados. É esta a vantagem de apanha-los na *entrada*, isto é: em abril e começo de maio. Mas embora ainda cantem neste mez e em junho, a voz,—provavelmente em resultado do abalo soffrido pelo passaro quando é colhido na costella,—conserva-se fraca e apagada, e só adquire todo o brilho e força na primavera.

A outra epoca em que os podemos apanhar é proximo da sahida, isto é, em setembro até aos primeiros dias de outubro. Neste caso não sabemos ao certo as qualidades do cantor, se cahir na costella um joven da creação nova e não o pae, que mezes antes ouvimos.

A melhor armadilha para rouxinóes é a costella. Compõe-se este apparelho de tres pedaços de arame de ferro cru (rijo) com 3 millimetros de diametro, sendo um recto e dois curvos. Estes medem 57 centimetros de comprimento; aquelle, 28. — Um dos curvos é fixado numa tira de madeira com 29 centimetros de comprimento por 4 de largo e 1 e 1/2 de espessura, embebendo as extremidades, de 2 centimetros, em dois orificios distantes um do outro 27 centimetros. O outro arame curvo

termina em duas azelhas que giram no arame recto, servindo-lhes de eixo, e enfiado em 3 pitões aparafuzados na face mais larga da tira de madeira, sendo um ao centro, e cada um dos restantes a 13 centimetros e 1/2 delle. As azelhas do arco de ferro devem girar por dentro dos pitões terminaes, aliás fugiriam do eixo. Neste mesmo eixo se enfiam duas mólas espiraes, de arame rijs, e que, presas por uma ponta á táboa e pela outra ao arco movel, o fecham com violencia sobre o fixo.

No arco fixo cose-se um bocado de panno forte, cuja parte livre se prega na tira de madeira a fim de fechar completamente o espaço. No movel, prende-se uma rede de linha crua' cujas malhas só deixam passar a cabeça do rouxinol. A rede, para não deixar fugir o preso, deve ser cosida também ao panno, ou fixada na tira de madeira, mas ficar folgada, a fim de não apertar o animalzinho. Ao arco movel, e á distancia de 16 centimetros de cada azelha, ata-se, pelas pontas, um cordel de 27 centimetros de comprimento, que fica formando um bolso.

Algumas costellas teem a parte fixa feita de madeira ou de grades de arame. Prefiro o panno porque evita contusões violentas. Tanto o panno como a rede devem ser tintos cõr de terra, com um decocto de casca de carvalho com um pouco de alumen.

No meio da travessa de madeira, formando angulo recto com ella (e em direcção opposta ao arco), prega-se uma tira do mesmo material, um pouco mais estreita, e com uns 20 centimetros de comprimento. Esta tira serve para nella

se prender, por meio de um cordel, a tranqueta, que é um pausinho delgado e liso, de 16 centímetros de comprimento, com a extremidade livre talhada em cunha. Temos mais o *bicheiro*, que é outro pausinho de 3 centímetros de comprimento. Numa das extremidades tem um gancho de arame rijo que entra num piton pequenino cravado ao meio da travessa grande; na outra prendem-se quatro ou seis arames delgados de ferro flexível, cujas pontas se curvam em forma de azelha. Nesta mesma parte do *bicheiro* se corta um entalhe pouco fundo.

Estas minucias são dedicadas ao leitor curioso que deseje fabricar as armadilhas. Aquelle a quem a natureza não dotou de habilidade manual procede com mais tino dirigindo-se a um arameiro pratico neste genero de trabalhos, apresentando-lhe as indicações expostas. Em todo o caso nunca empregue uma armadilha sem primeiro experimentar se funciona bem, armando-a e fazendo-a desarmar por meio de um tóque muito leve no *bicheiro*, com uma palha ou junco ou objecto semelhante.

Para a nossa caçada precisamos tambem de um *cevadouro*. O *cevadouro* é uma gaiola rectangular, com 35 centímetros de comprimento por 25 de alto e 20 de largo. O fundo e os dois lados mais estreitos são de madeira; o tecto e os outros dois lados são de panno flexível e pouco tapado. Uma das paredes de madeira tem uma abertura redonda por onde deve caber a mão que solta lá dentro o passaro e o retira quando seja necessario. Costuma-se fechar esta abertura pregando-lhe em volta um pedaço de manga de camisola ou o cano de uma meia que, cingindo-se ao braço quando se introduz a mão no *cevadouro*, evita a fuga do prisioneiro.

Dentro daquelle carcere provisório, a 5 centímetros de distancia do fundo, e fixo ás paredes de panno, colloca-se um poleiro de canna ou de madeira. No alto das paredes de madeira abre-se uma fila de furos (uns 5 ou 6) onde caiba um lapis, e que são destinados a dar entrada ao ar. Tambem se colloca dentro do *cevadouro* uma vasilhinha de loiça cheia de agua fresca para o rouxinol beber, e que nunca deve faltar. No *cevadouro* é que o nosso cantor vae passar os seus primeiros dois dias de captiveiro.

Vejamos agora como se arma a costella.

Começa-se por entalar 4 ou 6 bichos de peneiro nas azelhas dos arames do *bicheiro*, apertando-as convenientemente; depois, levanta-se

o arco movel da costella, enfia-se o gancho do *bicheiro* no piton que lhe é destinado, faz-se passar a extremidade livre da tranqueta pelo arco de cordel e atravez da rede e prende-se essa extremidade, muito subtilmente, no entalhe do *bicheiro*. Á sombra da arvore onde canta o rouxinol escolhido, cavam-se uns tres palmos quadrados de terra, e com ella se cobre todo o panno e as travessas de madeira, a fim de desvanecer as suspeitas do artista, que, não tardando em avistar os bichos em contorsões tentadores, precipita-se sobre elles vorazmente, arrebatando-os com uma bicada furiosa, desarma a costella e lá fica enredado. Á falta de bichos de peneiro servem tambem grillos, gafanhotos e outros insectos, com tanto que se conservem vivos; mas nenhuma isca é tão tentadora como a primeira indicada.

É indispensavel retirar o passaro da costella com a maxima brevidade porque, se ali se demora, debate-se com tal violencia que chega ás vezes a morrer. Para isso é mister estar de olho alerta e visitar a costella com frequencia, especialmente quando o passaro que se pretende apanhar deixou de cantar por algum tempo.

O rouxinol canta geralmente em dois poisos; raro é vê-lo demorar noutros. Se se deixa ouvir fóra dos logares favoritos, é só de passagem e por breves instantes. Esta constancia ainda mais facilita a caçada, especialmente se empregarmos mais uma ou duas costellas, armadas junto das outras arvores onde se observou que o rouxinol costuma cantar.

Se o passaro se acha em logar inacessivel, consegue-se attrahi-lo ao que nos convier chamando-o com um assobio agudo e brando imitando o piar das femeas. E elle, coitado, deixa-se illudir tolamente! Sempre a mesma historia desde a nossa mãe Eva.

Apenas se nos depara o passaro preso na costella, desprende-se-lhe cautelosamente a cabeça e as pennas das azas, que em regra estão enfiadas nas malhas da rede, e solta-se o prisioneiro dentro do *cevadouro*, onde os bons artistas quasi sempre ainda soltam uns trinados. Na occasião da caçada não ha inconveniente em guardar 2, 3 e 4 passaros no mesmo *cevadouro*; mas, logo que se chega a casa, é mister separa-los porque, de contrario, não tardariam a ferir encarniçadas luctas de que poderia resultar a morte.

No dia da captura e no immediato, serve-se como unico alimento uma porção de bichos

de peneiro, — 20, 30, e mais, — deitados vivos para dentro do cevadouro, pe'os orificios abertos nas faces de madeira, 5 ou 6 de cada vez, e de 3 em 3 horas. Por esses mesmos orificios, levantando o cevadouro de mansinho, e evitando tudo que possa assustar o captivo, se espreita se elle está animado e esperto.

Dado o caso de, na tarde do segundo dia, o passaro se mostrar triste, e se conservar immovel a um canto da prisão, é preferivel restituir-lhe a liberdade. Raro, porém, se dá este desastre. Tenho apanhado muitos rouxinões, mas só duas ou tres vezes me convenci de que se não conformavam com o captiveiro e tive de sol-

seus raios com maior intensidade, os nossos amiguinhos escondem-se entre a folhagem. Por este motivo devemos colloca-los em sitio ao abrigo do sol, não exposto a correntes de ar. A propria gaiola, como vimos, não deve primar pelo brilho das côres. Tambem desagradam ao nosso artista as mudanças de logar, a ponto de suspender o canto por algum tempo. Um dos meus emmudeceu um anno, amuado com uma dessas mudanças, e só cantou quando lhe satisfiz o capricho transportando a gaiola para o antigo posto, menos banhado de luz do que o outro. Seriam, pois, os inquilinos ideaes para os nossos senhorios, tão frequentemente ar-



NO VÁLLE DA PAYÁ — Á ESPREITA DE PASSAROS

ta-los, receoso de que morressem Nestes casos excepcionaes tratava-se de passaros velhos, o que se reconhecia pela grossura das pernas. O rouxinol novo tem-nas muito delgadas e com um tom levemente rosado.

O nosso prisioneiro jaz ha dois dias no carcere provisório; na manhã do terceiro podemos passa-lo para a sua habitação definitiva.

Se o rouxinol é socegado, se não se debate muito dentro do cevadouro, pôde passar para a gaiola no dia immediato á captura.

A grande maioria dos passaros gosta de se expôr ao sol; o rouxinol prefere a sombra. Quando aquelle astro começa a dardejear os

reliados com o espectáculo inquietador de escriptos nas janellas dos seus predios em quasi todos os semestres.

Portanto escolha-se a parede onde a gaiola tem de permanecer, e pendure-se num prego de maneira que se eleve uns 2 metros e 20 centimetros, ou mais, acima do sobrado; ponha-se numa das guaritas o tachinho com agua fresca, no outro a comida artificial á qual se adicionaram alguns bichos de peneiro cortados em dois bocados, e dois ou tres inteiros, vivos, enterrados na comida; preguem-se as extremidades da cortina verde nos cantos inferiores da gaiola, de maneira que esta fique



NO VALLE DA PAYÁ. — OUVINDO OS ROUXINÓES

completamente tapada; colha-se o rouxinol cautelosamente, e solte-se na nova casa.

O passaro conserva-se uns minutos pasmado e immovel, mas dahi a pouco saltará para os poleiros, e mal aviste os bichos vivos na comida, não hesitará em traga-los. Depois destes, engóle com certeza os bocados dos cadáveres. Dahi a uma hora, cravam-se na comida mais tres ou quatro bichos vivos, e repete-se depois a operação com intervallos de duas horas. O rouxinol engole juntamente com os bichos algumas particulas da comida, que nestes primeiros dias se deve deixar um pouco mais mólle, e assim se vai habituando a ella, de maneira que ao cabo de 8 dias, o maximo, já se banqueteia sem haver mister do tempero dos bichos, toma banho, e começa a cantar, signal evidente de que se resignou ao novo modo de vida, e que temos artista. E' a occasião de começar a dar mais luz e ar á gaiola, levantando gradualmente a cortina com uma dobra na parte inferior, que de dias a dias se alarga, até ficar descoberta a frente da prisão. Se o passaro se cala, ficamos informados de que prefere occultar-se, e devemos satisfazer-lhe o desejo. A grande maioria quer a cortina descida até a altura do poleiro superior, podendo assim mostrar-se ou esconder-se á vontade. Muitos gostam de cantar no fundo da gaiola,

empoleirados na divisoria dos taboleiros de zinco, por isso me parece bom atravessar um poleiro naquella altura quando falte a dita divisoria, e mesmo quando ella exista.

A demora em tomar banho é mau prenuncio. Se o passaro não se banhó ao terceiro ou quarto dia de captiveiro, devemos observá-lo por uma fiska da gaiola sem que elle nos aviste. Se se mostra triste, com as pennas mal cuidadas, os olhos meio cerrados, melhor será solta-lo e apanhar outro. Mais uma vez recomendo que não haja economias com os bichos enquanto o passaro não come e não se habitua á prisão. Se elle, como ás vezes succede nos primeiros dias, os não fôr extrair da comida onde estão cravados, sirvam-lh'os limpos dentro do visqueiro, 4 ou 5 de cada vez, como se praticava durante a estada no cevadouro. Bichos, comida e agua servem-se sempre, é claro, dentro das guaritas que giram para receber as vasilhas, sem que a mão entre na gaiola e o passaro veja o seu carcereiro, de quem conserva recordações rancorosas. Com o tempo tudo esquece,—até nos rouxinóes o odio cedo se transforma em sympathia, reconhece-o até pelos passos e adverte-o com um *tac! tac!* significativo, de que são horas da ração de bichos.

Logo que o rouxinol se costume á comida

artificial, estabelece-se o novo regimen alimentar, que será o seguinte : de manhã cedo, dois bichos vivos dentro do visqueiro ; d'ali a duas horas, a comida de carne ou o ovo picado, sufficiente para o dia inteiro ; ás 4 horas no

Os rouxinóes são muito friorentos ; as temperaturas baixas são-lhes até fataes. Em chegando o mez de novembro é mister tapar, á noite, a gaiola com um panno espesso, de lã ou de algodão, que a abranja por todos os la-



PARAGENS DO ROUXINOL

inverno, e ás 6 ou 7 no verão, nova ração de 5 bichos. Quando o passaro canta assiduamente, offerecem-se-lhe mais tres ou quatro bichos pelo meio do dia ; elle mesmo os vem buscar á mão do dono, ás grades da gaiola, quando chegou a um certo grau de domesticidade.

Ha um processo simples e quasi sempre efficaz, para incitar os rouxinóes ao canto : deixar correr agua da torneira do contador para o póte, de maneira que o artista oiça o ruido, ou esfregar o chão com uma escova de lavar casas. Este barulho imita, embora imperfeitamente, o murmurio da agua correndo com certa violencia por entre as pedras, ou despenhando-se sobre ellas, recorda aos nossos artistas os recantos poeticos onde cantavam os seus amores, embalados por aquelle brando rumor, e arranca-lhes saudosos e sentidos gorgeios. A chiadeira prosaica do peixe no azeite fervente que o frege tambem produz igual effeito.

Resta-me apontar as precauções necessarias para o inverno e certos cuidados que o prisioneiro requer para conservação da saude.

dos, excepto (é obvio) o que está encostado á parede.

Repito que a gaiola não deve ser removida do seu logar.

Quando o frio é muito intenso e o passaro nos parece menos alegre, é boa pratica levar a gaiola, por excepção, para junto de uma janella por onde entre o sol e o prisioneiro possa expôr-se a elle, durante uma hora.

Os vidros da janella não se abrem. Aquelle banho de sol póde repetir-se dois ou tres dias consecutivos, e mais de uma vez no decurso do inverno, se suppuzermos necessario.

O fastio é incommodo que de tempos a tempos se manifesta nos nossos amiguinhos. Não os prejudica um meio jejum em um ou dois dias. Se o passaro, porém, repelle a comida com maior insistencia, augmenta-se o numero das rações de bichos, servem-se-lhes alguns dos insectos que acima mencionei, insiste-se no ovo picado, e dá-se-lhe a beber agua das Pedras Salgadas (sem reclamo ás ditas aguas !) ou outras igualmente alcalinas. As aguas são recurso final, quando os outros falharam todos.

Reservei para remate um ponto dos mais importantes, mas pouco *parlamentar*; não o posso todavia omitir, tanto mais que fala agora o *medico*, que é, para o corpo, o que o confessor é para a alma. Para com elle, não ha refolhos nem pudôres. Recorda-me agora aquelle preceptor austero, encarregado de expurgar, para uso do principe confiado á sua direcção pedagogica, uma edição completa das obras de certo classico demasiado livre na linguagem. As passagens escabrosas capazes de ruborizar, ao de léve que fosse, o pudico joven, foram implacavelmente supprimidas porém reunidas todas, em appendice, no fim do ultimo volume. O caso agora não é tão feio, minhas senhoras, e trata-se da saude, da vida de um enteinho que se nos tornou querido. Por conseguinte... com licença.

Se a comida do nosso artista nos merece especiaes cuidados, mais especial attenção exigem as evacuações, que sobre todos os outros symptomas nos orientam ácerca do estado de saude do cantor. O passaro captivo, submettido a um regimen tão differente d'aquelle em que foi creado, é sujeito nos primeiros mezes, e no decurso da sua existencia, a irritações e obstrucções intestinaes.

As fezes do animalzinho, no goso de perfeita saude, são escuras com uma parte minima branca, e expellidas rapidamente, d'um jacto, ficando o passaro aprumado e tranquillo. Se ha qualquer irritação ou prisão dos intestinos, as fezes são muito brancas, semelhantes a um pingo de cal, e depois da eva-

cuação, que denuncia algum esforço ou sensação penosa, o rouxinol continua em movimentos e esforços, como se sentisse necessidade de expellir mais alguma cousa. Sempre que se note este desarranjo, deitem-se dois bichos dentro de uma vasilhinha com azeite fino, sem vestigios de ranço, deixem-se ahi ficar uma hora e apresentem-se depois ao enfermo.

Duas horas antes, ou mais, retirou-se da gaiola toda a comida, para que o rouxinol aguilhado pela fome devóre com menos repugnancia os bichos molhados no azeite. Se da primeira vez o resultado foi nullo, repete-se a receita no dia seguinte. Convem tambem augmentar, por uns dias, a quantidade de cenoura addicionada á carne e á farinha de milho. Os ovos de formiga tambem são indicados nesta doença e em todas as demais. E tenho dito o mais essencial e o bastante para V.^{as} Ex.^{as} se deliciarem com os gorgeios da philomela dos poetas, sem sahirem do seu *boudoir* perfumado.

Com a mesma alimentação, porém menos rigorosa porque esses comem tambem sopas de leite, figos frescos e seccos, consegue-se tambem engaiolar um passarinho gracioso e soffrivel cantor: o pisco. O canto d'esta avezinha tem um tom de melancolia que se não ouve com indifferença. Apanham-se os piscos com a costella dos rouxinóes e com a mesma isca viva, mas só em outubro ou principios de novembro, e como elles se habituam á comida artificial e ao captiveiro.

FREITAS BRANCO.





○ NOSSO SENHOR DO OCEANO ○



'AQUELLE anno, afoga-ram-se no mar muitos de Saint Valéry que andavam na pesca.

Foram-lhes os corpos encontrados, trazidos á praia pelo rolo das ondas com os destroços dos barcos; e, durante nove dias, viram-se, na ladeira que vai dar á egreja, caixões levados á mão e que viuvias acompanhavam chorando, sob as grandes capas negras, como mulheres da Biblia.

Assim foram depostos no corpo da egreja o patrão João Lenoël e seu filho Desiderio, mesmo sob a abobada, onde, havia tempos, tinham suspendido um navio com todo seu apparelho, voto a Nossa Senhora. Eram homens justos e tementes a Deus. O sr. prior de Saint Valéry, Guilherme Truphème, havia dito com lagrimas na voz :

— Nunca melhor gente nem melhores christãos que João Lenoël e seu filho Desiderio, foram levados ao campo santo a esperar o juizo de Deus.

E enquanto os barcos com seus patrões encontravam a morte na costa, navios de alto bordo afundavam-se ao largo, e dia não se passava que não trouxesse o Oceano qualquer destroço. Ora, uma manhã, uns rapasitos que remavam n'um barco viram um vulto deitado sobre as aguas.

Era uma imagem de Nosso Senhor, de tamanho natural, esculpida n'uma madeira dura, pintada com suas devidas côres, que devia de ser obra muito antiga. Boiava nas ondas com os braços estendidos. Deitaram-lhe mão os rapazes e trouxeram-a para Saint Valéry. Cingia-lhe a cabeça a corôa de espinhos; eram furados seus pés e suas mãos. Mas faltavam-lhe os pregos e faltava a cruz. De braços ainda abertos, com que parecia offerecer-se ou abençoar, era como, no momento de o darem á sepultura, o haviam visto José de Arimatéa e as santas mulheres.

Entregaram-o os rapazes ao sr. prior Truphème, que lhes disse :

— Esta imagem do Salvador é obra antiga e quem a fez deve de ha muito ser morto. Embóra nas lojas de Paris e de Amiens se vendam por cem francos, e até por mais, imagens perfeitas, havemos de confessar que os santeiros d'outros tempos não deixavam de ter sua habilidade. Mas o que sobretudo me dá contentamento é pensar que, se Nosso Senhor assim veio de braços abertos até Saint-Valéry, foi para abençoar esta nossa freguesia, que por tão crueis provações tem passado, e dizer-nos o dó que lhe faz esta pobre gente andando na pesca a arriscar a vida. E' o mesmo Nosso Senhor que caminhava sobre as aguas e abençoava as redes de Cephas.

E o sr. prior Truphème, tendo mandado pôr o Santo Christo na egreja, sobre a toalha do altar mór, encomendou ao carpinteiro Lemerre uma linda cruz de carvalho.

Apenas este a acabou, pregaram n'ella Nosso Senhor com uns pregos novos, e alçaram-o no corpo da egreja, por sobre o banco da irmandade.

Viu-se então que eram seus olhos cheios de misericórdia e como que humidos de celeste compaixão.

Um dos irmãos que assistia á collocação do crucifixo cuidou ver uma lagrima correndo sobre o rosto divino. Quando, no dia seguinte de manhã, o sr. prior entrou na egreja com o menino do côro, para dizer missa, qual não foi seu espanto vendo desamparada a cruz por cima do banco da irmandade e Nosso Senhor estendido sobre o altar!

Mal acabou de celebrar o santo sacrificio, mandou chamar o carpinteiro e perguntou-lhe porque havia despregado da cruz o Santo-Christo. Respondeu-lhe o homem que não lhe tocára, e,

depois de haver interrogado o bedel e os irmãos, ficou certissimo o sr. Truphème de que ninguem entrára na egreja, depois que Nosso Senhor havia sido posto sobre o banco da irmandade.

Deu-lhe um sentimento de que tudo aquillo devia de ser milagroso e poz-se a medital-o com prudencia. No domingo seguinte, á pratica depois do evangelho, convidou os seus freguezes a contribuirem com donativos para uma nova cruz, melhor do que a primeira e digna d'aquelle que resgatou o mundo.

Deram os pobres pescadores de Saint-Valéry quanto puderam, e trouxeram as viúvas os seus anneis. Logo o sr. Truphème abalou para Abbeville a encomendar uma cruz de madeira preta muito lustrosa, encimada pela inscrição INRI em letras d'oiro. Dois mezes depois, foi erguida no logar da primeira e pregaram-lhe o Santo-Christo entre a lança e a esponja.

Mas deixou-a Jesus, como deixara a outra, e, assim que anoiteceu, foi deitar-se sobre o altar.

Encontrando-o ali o sr. prior de manhãzinha, cahiu de joelhos e desatou a resar por muito tempo. Logo a fama do milagre se espalhou pelos arredores e as senhoras de Amiens começaram pedindo esmola para o Senhor de Saint-Valéry. O sr. Truphème recebeu de Paris joias e dinheiro e a mulher do ministro da marinha, a sr.^a Ida de Neuville, enviou-lhe um coração de brilhantes. Dispondo de tanta riqueza, um ourives da rua de S. Sulpicio compoz, no praso de dois annos, uma cruz de oiro e pedras preciosas, que foi inaugurada com grande pompa na egreja de Saint-Valéry, no segundo domingo depois da Paschoa, em 18. . . Mas quem não se havia negado á cruz dolorosa,



«A MINHA CRUZ É FEITA DE TODAS AS DORES DOS HOMENS, PORQUE, NA VERDADE SOU DEUS DOS POBRES E DESGRAÇADOS»

fugiu de cruz tão rica, e foi outra vez deitar-se nos linhos brancos do altar.

Temendo offendel-o, ahi o deixaram então, e assim estava havia dois annos, quando o Pedro, o filho do Pedro Cailou, veio dizer ao sr. Truphème que tinha achado na praia a verdadeira cruz de Nosso Senhor.

Este Pedro era um innocentinho, e, como não tinha juizo bastante para tratar da vida, davam-lhe por caridade um pedaço de pão. Gostavam d'elle porque não fazia mal a ninguem; mas, como o viam sempre a desarrasoar, ninguem lhe dava ouvidos.

Entretanto, o sr. Truphème, porque andava sempre meditando no mysterio do Nosso Senhor do Oceano, moveu-se-lhe o coração com o que lhe disse o pobre louco. Com dois irmãos da confraria e o bedel foi-se até o sitio onde o rapaz dizia ter visto a cruz, e achou duas tabuas com pregos, que por muito tempo andariam no mar e que formavam uma cruz realmente.

Eram destroços d'algum antigo naufragio. Ainda n'uma das tabuas se viam duas letras pretas, um J. e um L., e, não havia duvidas, era um pedaço do barco de João Lenoël, que, cinco annos antes, perecêra nas aguas do mar com seu filho Desiderio.

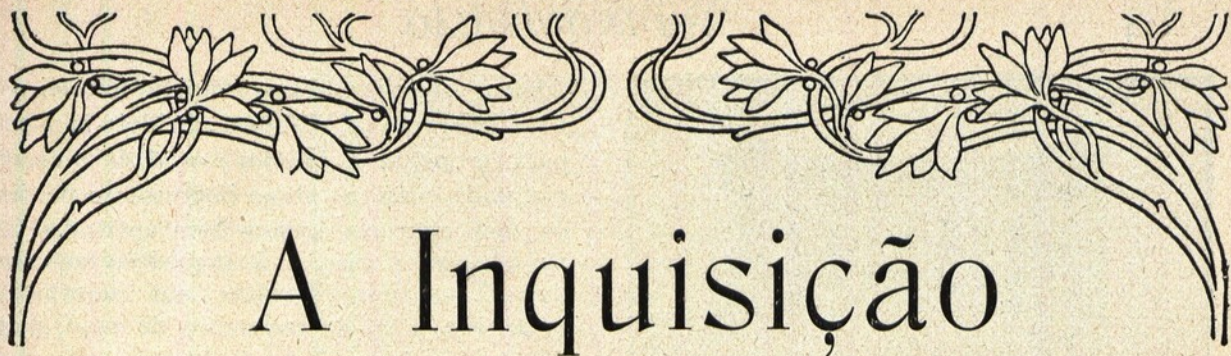
Traducção de D. JOÃO DA CAMARA

Vendo aquillo, puzeram-se o bedel e os irmãos a rir do innocente, que as tabuas d'um barco despedaçado tomava pela cruz de Jesus Christo. Mas o sr. prior Truphème poz-lhes ponto nas zombarias. Muito meditára e rezára desde que aquelle Nosso Senhor do Oceano viera ter com os pescadores, e começava a ver luz no mysterio da caridade infinita. Ajoelhou-se na areia, resou pelos fieis defuntos, e mandou ao bedel e aos irmãos que aos hombros levassem aquelles fragmentos e os depuzessem na egreja. Pegou em Nosso Senhor, que estava no altar, pôl-o sobre as tabuas do barco e, por suas mãos, bateu os pregos que o mar havia enferrujado.

Deu ordem para que, logo no dia seguinte, fosse a cruz alçada sobre o banco da confraria, no logar onde estivera a outra de oiro feita e de pedras precicças. E nunca mais o Senhor do Oceano se despregou. Quiz n'aquella madeira ficar, onde homens haviam morrido invocando-lhe o nome e o de sua mãe. E ali, entreabrindo os labios augustos e dolorosos, parece dizer: «A minha cruz é feita de todas as dôres dos homens, porque, na verdade, sou Deus dos pobres e desgraçados.»

ANATOLE FRANCE.





A Inquisição

Damião de Goes e Fernão d'Oliveira julgados por ella

Este artigo é todo fundado em documentos ineditos e nos processos de Damião de Goes e Fernão d'Oliveira, publicado o primeiro pelo sr. Guilherme Henriques e o segundo pelo sr. Lopes de Mendonça. Os documentos ineditos fazem parte dos cartorios do Santo Officio, secção que na Torre do Tombo pertence ao auctor do artigo, que d'elles faz desenvolvido uso n'um estudo sobre A INQUISIÇÃO NO SECULO XVI, que se está publicando no ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ.



OPACATO homem bom d'alguma villa sertaneja que, por volta de 1540, embrulhado no seu gabão, de barrete e *pelote* novos, descesse o Valverde

—como quem dissera à moderna Avenida da Liberdade,— se descavalgasse no largo do *Rosyo* e attentasse na multidão, que continuamente por alli formigava, havia de notar nas physionomias um ar pavidó, desconfiado e sinistro, como sinistro era um palacio que lá se erguia no fundo, a que chamavam o *Paço dos Estãos*. E se, perdido nas suas serras, lhe não tivessem chegado, havia muito, novas de Lisboa, dentro em breve saberia, que afinal sempre tinha vindo a *Sancta Inquisiçam*.

Tinha custado, mas o escandalo dos christãos velhos e *limpos de sangue* não podia ser maior.

Tão grande era que até, no Dezembargo d'El-Rei, Tribunal Supremo d'então, um tal Licenciado Bugalho se fingia doente, para não ir nos sabbados á Relação e ficar lendo na Bíblia, ao mesmo tempo que sua filha se vestia e endomingava com cadeia d'ouro e *cota de chamallote*; não faltavam *sollorgiões*, que guardassem os sabbados, donas de casa que, na noite de sexta para o sabbado, fizessem accender candeias

com duas *matulas* e esperassem pelo nascer da estrella, para terminar o jejum... Até— era onde podia chegar!— alguns d'esses christãos novos, por noite alta, se junctavam para fazerem as suas rezas em commum numa quinta da Outra Banda, pertencente ao ferreiro Antonio Fernandes, onde tinham a sua *synoga*!

Mas a Inquisição vigilava; não se fossem assustar as crenças do nosso catholico *homem bom*! e o prevaricador ferreiro já estava bem encerrado no carcere inquisitorial.

Era bem possivel que o provinciano, de que vimos fallando, penetrasse nalguma das, então numerosas, vendas do *Rosyo* e, se perguntasse pelo novo tribunal, ouviria lamentar a morte do Montenegro, queimado no primeiro auto da fé, accusado de ter posto, numa noite de tempestade, um pasquim com heresias na porta da cathedral. Se um christão velho estivesse presente, dir-lhe-hia logo que o Montenegro fôra para o inferno e á hora da morte não pudera sequer fitar a cruz de Christo, ao que uma christã nova accrescentaria, semi-chorosa, que um infame preto lhe vasara um dos olhos e o Montenegro estava innocente e fôra martyr.

Nada de sentimentalidades, porém, rude provinciano; se o teu coração se compadece, recalca bem para o intimo esse sentimento, se



O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634

tens algum amor á terra natal, aos passarinhos que chilreiam na tua quinta e queres aproveitar a tua estada em Lisboa para ires assistir nas hortas de Santos o Novo, d'Alcantara, ou de Santo Antão, aos jogos da bola, ou da *tavola*.

Em tenda que supponhas de christã nova não peças carne de porco porque a dona te responderá: *Só um porco pôde comer outro e, se quizeres ver á janella essas tentadoras judias todas enfeitadas, folgando, mas com a tristeza a bailar-lhes nos olhos côr de amora, procura-as aos sab-*

bados, que as has-de ver com as *beatilhas* lavadas, manilhas d'ouro grossas nos braços, e meadas d'aljofar cingindo os pescoços d'alabastro.

Podes ainda assistir ao espectáculo imprevisito d'um auto da fé, mas ahi toda a cautela é pouca, não vá o teu coração, sincero como o vento, que sopra em liberdade nas tuas serranias, ser indiscreto e fazer com que o rapazio te rodeie e grite atrozmente:

Está triste por lhe levarem a queimar os irmãos na fogueira! Que bem lhe havia de ficar uma carocha!...

*

Um dos primeiros cuidados da Inquisição, ao estabelecer-se no nosso paiz, foi, sem duvida, a inspecção ás livrarias de que foram encarregados pelo Inquisidor Geral, D. Henrique, o prior de S. Domingos de Lisboa; Fr.

Aleixo, superior d'esse mesmo mosteiro e Fr. Christovão de Valboena. Sabiam bem que, para propagar a *heretica pravidade e apostasia*, nada como as obras impressas e por isso os dois censores tinham bem apertadas instrucções para chamar á Inquisição todos os livros suspeitos. Quanto aos novamente impressos, a 29 de novembro de 1540, mandava o inquisidor João de Mello notificar os impressores Luiz Rodrigues e Germano Galhardo, sob pena de execução e de dez cruzados para as despesas do Santo Officio que nada se imprimisse sem o *visto* dos revedores.

Não contentes com isto, no Regimento do Conselho Geral de 1 de março de 1570, ainda inedito, expressamente lhe commettiam a visitação das livrarias do reino, não só publicas, como até particulares!

Tal foi pois a asphyxiante atmospherica que

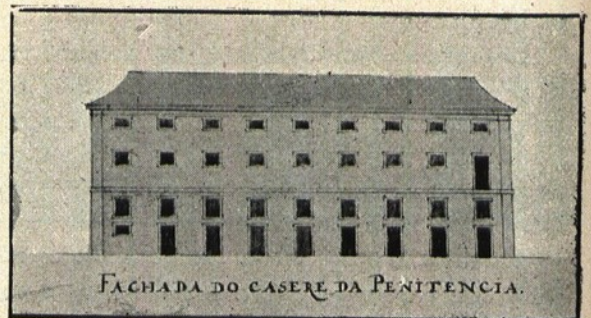
a Inquisição creou aos productos da mentalidade portugueza: por um lado o sequestro do que no estrangeiro se produzia e por outro a repressão de tudo o que pudesse offender os fanaticos ouvi-

dos dos conspicuos *qualificadores*, a repressão de qualquer vôo mais arrojado do espirito luzitano.

E, para se saber como isto se cumpria, basta que digamos que tão fanatisada estava a sociedade lisboeta de meados do seculo XVI, tão instigada por prégãos e *descargos de consciencia*, que os filhos denuncia-



O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634



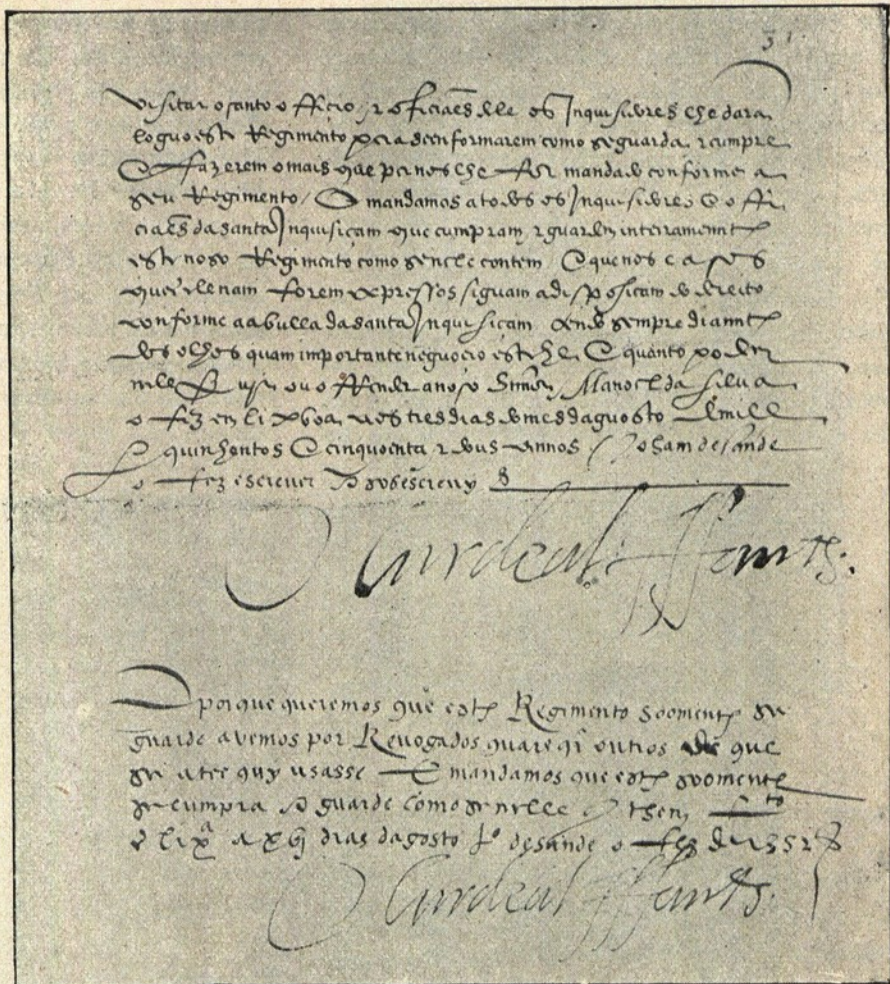
O PAÇO DA INQUISIÇÃO EM 1634

vam os paes, as mulheres os maridos, as amigas umas ás outras e as visinhas faziam orificios no sobrado para espreitarem o que se passava na casa alheia!

Não admira portanto que *Damião de Goes*, ausente da patria havia bastantes annos, tendo exercido missões de confiança juncto do rei de Dinamarca, tendo convivido em Lubeck com João Pomerano, em Utibregue com Melanchton e com o grande reformador Martinho Lutero, cuja igreja visitou, tendo convivido em Friburgo com Erasmo e tendo frequentado as Universidades de Louvain e Padua, visse o seu livro sobre os costumes e religião do rei da Abyssinia, impresso em Antuerpia e escripto em latim, impedido

de circular em Portugal. Em carta de 28 de julho de 1541 explica-lhe o inquisidor geral, D. Henrique, o motivo de tal censura. Era que os graves criticos inquisitoriaes não tinham visto com bons olhos que Damião de Goes tivesse pôsto argumentos mais fortes em defeza da sua religião na pagã bocca do embaixador do Preste João, que na do bispo Adaim... Damião de Goes não se contentou porém com tal resposta e por isso novamente o cardeal D. Henrique lhe replicou, a 13 de dezembro de 1541, que não tinha sido prohibida a venda da primeira parte da sua obra, mas sim da segunda, em que se trata das cousas de fé e superstições que teem os etiopes, accrescentando o inquisidor geral *que huma cousa he relatar simpresmentes os ritos de huma naçam e outra querellos corrobora com razões falsas.*

Era mais uma alma perdida na convivencia com heréges, pensaria comsigo o fanatico Cardeal Inquisidor. E, emquanto ella pairasse distante, o perigo não era de maior; mas quando



PAGINA DO PRIMEIRO REGIMENTO DA INQUISIÇÃO DE LISBOA, DE 1552, AINDA INEDITO, COM DUAS ASSIGNATURAS DO CARDEAL D HENRIQUE, INQUISIDOR GERAL

descesse cá á boa terra luzitana, cheia de céu azul e de sol brilhante, que era preciso defender a todo o transe das heresias, não seria preciso vigia-la com o mesmo cuidado com que os fructos sorvados se devem apartar dos sãos?

Assim era de suppôr.

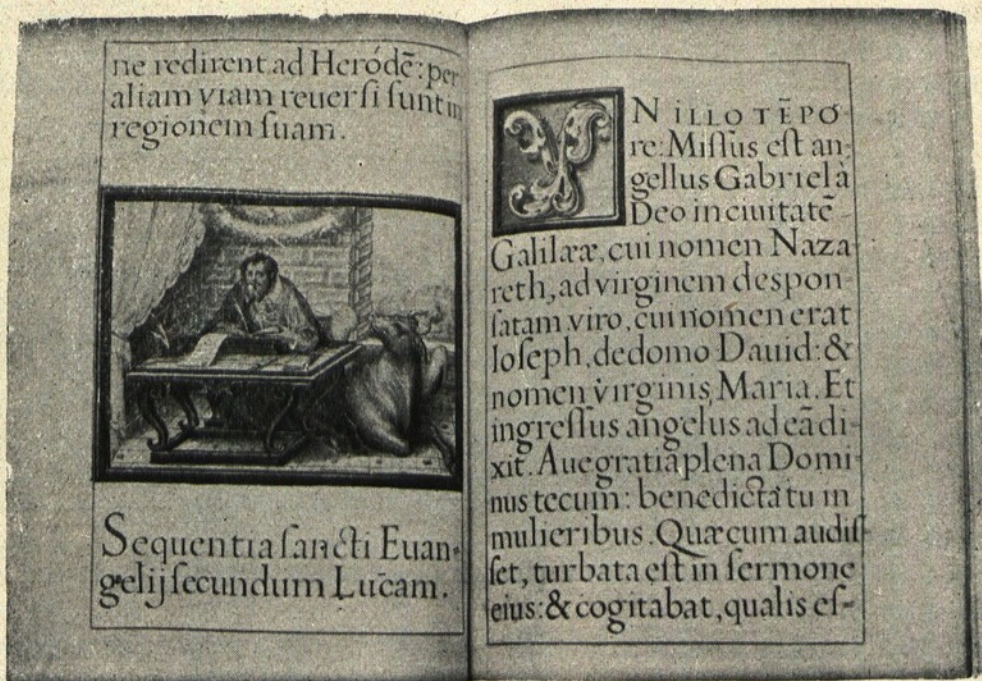
Damião de Goes voltou com effeito a Portugal e é certo que, já a 5 de setembro de 1545 o seu nome era pronunciado, como possuidor de ideias avançadas, perante o Tribunal Inquisitorial de Evora, pelo jesuita Simão Rodrigues, o antigo companheiro de Ignacio de Loyola em Paris, a quem os autos do processo de Damião de Goes chamam *Padre Mestre Simão, da congregação e hordem de Jesus.*

Não se pense porém que o astuto jesuita praticasse este acto por mal: longe d'isso. Não tinha odio nem inimizade ao denunciado — assim expressamente o declarou — e, se subia os degráos da casa do despacho da Inquisição de Evora, era tão sómente por descargo de consciencia e serviço de Nosso Senhor!

Por esse descargo, pois foi contando que, havia já annos, se tinham conhecido em Padua, e nas praticas amigas de ausentes da patria commum, Damião de Goes se mostrava inclinado ás heresias de Luthero, com quem fallara, era grande amigo de um herege de Basilea, Simão Grineus, e fôra discipulo de Erasmo, com quem vivera algum tempo. Não negava Simão Rodrigues o talento do denunciado, mas, exactamente por isso, o achava muito perigoso, por ser *homem avisado* e saber, além do latim, do francez e do italiano, alguma theologia e até lhe

passaram no mesmo estado, sem o processo ter andamento. Entretanto Damião de Goes era nomeado guarda-mór da Torre do Tombo e, em 1558, era o proprio cardeal D. Henrique quem o incumbia de escrever a chronica d'el-rei D. Manoel, seu pae.

Quantas vezes, n'este intervallo, ou subindo as escadarias dos paços da Alcaçova, onde estava então a Torre do Tombo, ou penetrando nos humbraes do collegio jesuitico de S. Roque, não se encontrariam os dois: Damião de Goes, chronista-mór do reino, guarda-mór da Torre do Tombo, o denunciado,



O EVANGELISTA S. LUCAS, ILLUMINURA DO SECULO XVII, EXTRAHIDA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS», PERTENCENTE AO SANTO OFFICIO

parecia que tambem o flamengo e o allemão.

Contente comsigo mesmo, com a consciencia descarregada, retirou-se o *bom* do jesuita, até que, ou em razão da *carga* lhe não parecer sufficiente, ou em razão do *descargo* não ser completo, novamente se apresentou no Tribunal Inquisitorial, a 7 do mesmo mez, para dizer que tinha Damião de Goes por *lutherano* e, a 24 de setembro de 1550, em Lisboa, para declarar que, em Padua, na propria casa do denunciado, tinham tido uma disputa theologica sobre a *certeza da graça*, em que mutuamente se crivaram de textos de S. Paulo.

Como se vê, cinco annos levou Simão Rodrigues a perscrutar a sua memoria, cinco annos em que viu que ainda não tinha obtido o resultado que desejava, e ainda mais 21 se

e Simão Rodrigues, reitor da casa professa de S. Roque, preceptor da doutrina do principe, o delator! E não nos diz a Historia se n'essas occasiões Damião de Goes descortinaria, nos cumprimentos do seu velho compaheiro de Padua, alguma coisa do perfido osculo de Judas a Jesus...

O certo é que, até 1571, ou mercê da influencia do inquisidor Fr. Jeronymo d'Azambuja, parente afim do chronista, ou por qualquer outro motivo até hoje desconhecido, os juizes do Santo Officio dormiram sobre as denuncias apresentadas. Foi o seu proprio genro, Luiz de Castro, thesoureiro do Cardeal Infante e fidalgo da sua casa, provavelmente por questões de familia, quem fez activar o andamento de tal processo, vindo, a 9 de abril

d'esse anno, depôr conta o sogro, a conselho do proprio confessor, accusado de ter dito que houvera muitos papas tyrannos, que a maioria dos ecclesiasticos era hypocrita e que os padres da companhia de Jesus não guardavam a pobreza como lhes ensinara o seu virtuoso instituidor, Ignacio de Loyola.

A esse tempo já o *preso* Damião de Goes gemia nos carcereos secretos, pois tinham-lhe lançado a mão no dia 4 de abril. Successivamente o ouviram depois em dezoito audiencias, umas do estylo e da praxe, outras requeridas por elle.

A principio queria Damião de Goes saber o motivo da sua prisão, mas esse não lhe foi revelado e sómente o admoestaram a que confessasse tudo o que praticara contra a nossa fé catholica, para *podér ser merecedor da misericordia da Santa Madre Igreja, que ella usa com os verdadeiros confitentes e penylentes.*

Damião de Goes passou então em revista toda a sua vida, desde que sahira de Portugal, commissionado por el-rei D. João III, contou as suas viagens pela Europa, as relações *suspeitas* que n'ellas tinha adquirido, os estudos que tinha feito e, por ultimo, de tudo pediu perdão e misericordia. Só com isso, porém, não se contentaram os *senhores inquisidores*, e novamente o admoestaram, pedindo-lhe que examinasse bem a sua consciencia, e que dissesse tudo o *que crera e praticara da seita lutherana.*

Por tal motivo, no dia seguinte, Damião de Goes confessou ter dito que os habitos dos lutheranos, acerca do *criar dos pobres*, eram melhores que os nossos e, días depois, fallava na sua obra sobre os costumes dos ethiopes; suppondo que lhe passariam alguma busca á livraria, foi confessando tambem que n'ella tinha alguns livros prohibidos e algumas cartas de Erasmo.

Como elle estava longe das conversas de Padua com o seu delator, Siñão Rodrigues! E que tratos não daria á imaginação naquelle escuro carcere em que o encerraram, sem saber bem o motivo por que o faziam!

A nova audiencia veiu pois o chronista e nella confessou ter ouvido um sermão a Martinho Lutero. Fôra num Domingo de Ramos, em Witemberg; como o Reformador prégava em allemão, pouco entendera, mas num dos dias seguintes jantara com elle e com Melanchton e, depois de jantar, dirigiram-se os tres a casa de Lutero, onde, servidos pela sua mu-



DAMIÃO DE GOES

lher, em convivo de amigos comeram maçãs e avellãs...

Tambem estivera em casa de Melanchton; mas esse era pobre e quando lá entraram encontraram-lhe a mulher, vestida com uma saia velha de *bocaxim*, fiando...

N'este meio tempo veiu depor contra elle o poeta Pedro d'Andrade Caminha.

Quando Damião de Goes estava escrevendo a *Chronica d'el-rei D. Manoel*, contou elle, pedira a Caminha para, junto da infanta D. Isabel, lhe obter apontamentos ácerca do infante D. Duarte seu marido; a infanta respondeu a Caminha que já tinha dado a Goes apontamentos acerca da forma como elle morrerá, o que Caminha lhe communicou, retrucando então o chronista *que não havia homem que na morte não dissesse quatro parvoices.*

Andrade Caminha não ligou n'essa occasião importancia a esta resposta, mas, sabendo Damião de Goes preso, e sabendo a forma christianissima como fallecera o infante D. Duarte, viu n'ella sombra de heresia e, *por descargo de consciencia*, o veiu dizer.

E' a bem triste historia de se saudar o sol que nasce e de se apedrejar o sol que se occulta!

Com tal e tão depravado testemunho e com estas audiencias se foi passando todo o mez d'abril, até que, no dia 2 de maio, apresentou o *Promotor* o seu libello accusato-

rio, lido deante do réo, no qual apontando a Damião de Goes os erros contra a religião catholica que elle commettera, o increpava por louvar a *maldicta secta de Luthero*, a que tinha querido converter um Padre da Compa-

dre Monserrate, mas, nem por sombras, se lembrou das conversas de Padua, suppostas ou verdadeiras, com o seu delator Simão Rodrigues!

Voltou o chronista para o seu carcere e



UMA BANDEIRA DA INQUISIÇÃO

nhia—está-se a ver que era Simão Rodrigues —e, depois de fallar nos livros hereticos encontrados na sua livraria, terminava pedindo a condemnação do réo como *herege, lutherano, pertinás e negativo*.

N'essa occasião fallou Damião de Goes nas suas conversas com João Decamarty e o Pa-

facilmente se imagina em que abatimento de espirito. Que segredos não possuiriam já os seus severos juizes?! Que testemunhos não haveria contra elle?! Duas noites adormeceu o Guarda-mór da Torre do Tombo—se é que as não velou por completo—a cogitar na sua vida... para vir, no dia 4 de maio, confes-

sar que, em Flandres, tinha tido disputas com diferentes pessoas sobre a validade das indulgencias, que o Papa concedia, sendo então de parecer que ellas eram bem pouco proveitosas, assim como a confissão auricular:

pachassem e, a 17, tornou-a a solicitar com o mesmo fim, allegando que estava velho, muito fraco e mal disposto.

Decididamente Damião de Goes ia-se impacientando com o prolongamento da sua es-



OUTRA BANDEIRA DA INQUISIÇÃO

tambem confessou que, fallando de padres, tinha dito serem elles tyrannos e usarem mal dos seus officios.

A 10 de maio solicitou Damião de Goes audiencia para dizer que já não tinha coisa alguma para confessar e que, por isso, o des-

tada num carcere, que os contemporaneos nos não descreveram, mas que deveria ser bem desabrido e triste. Nelle haviam de lhe chegar aos ouvidos os gritos lancinantes das victimas torturadas!

Entretanto novas testemunhas se iam inter-

Para nós é particularmente interessante este memorial, todo de punho do grande historiador, em que claramente resalta o seu deprimido estado de espirito e o seu precario estado de saude. Com mais de setenta annos, preso ha nove mezes, já sem forças para se sustener nas pernas, descrevia-se o chronista, tão

respeito d'este testemunho lembra que se lhe não deve dar fé, acoimando-o de suspeito; referindo-se a outro testemunho em que era accusado de ter dito mal dos prelados, clérigos e religiosos, Damião de Goes confessou e explica que só se referia áquelles que não cumpriam a sua regra e, quanto á phrase pro-

Pareço que o Reo Damião de Goes por
 suas confissões e outras conveniências
 quanto basta para ser ainda por apuradas
 d'esse e que fosse recebido a mercen-
 traria e unido a ganancia madeira
 e quanto a todos os votos: e a maior parte
 e fosse por cima aliado ^{em nome} na mesa d'inte-
 dos e injunções e a carcer por pe huo no
 lugar e he for ali nado por sua aliter
 onde cumpria sua penitencia e não
 fosse apuradas: virtus e in convenientes
 e se consideraria a qualidade de peccado
 do Reo ser in conhecido nos Reinos e princi-
 pal dos heres e disse se pode engrandecer
 e se conver a Igreja e a Reputação d'esse
 Reio nos confissões d'esse e sempre a carce-
 ter os Reis e em a maior parte do mesmo Reio.
 e se vider e outros e outros em intercessão
 e não se oueram. in li. 2. a. 16.
 Dado em 1522. Simão Rodrigues!

Leão Anzinos
 Jorge de Brito

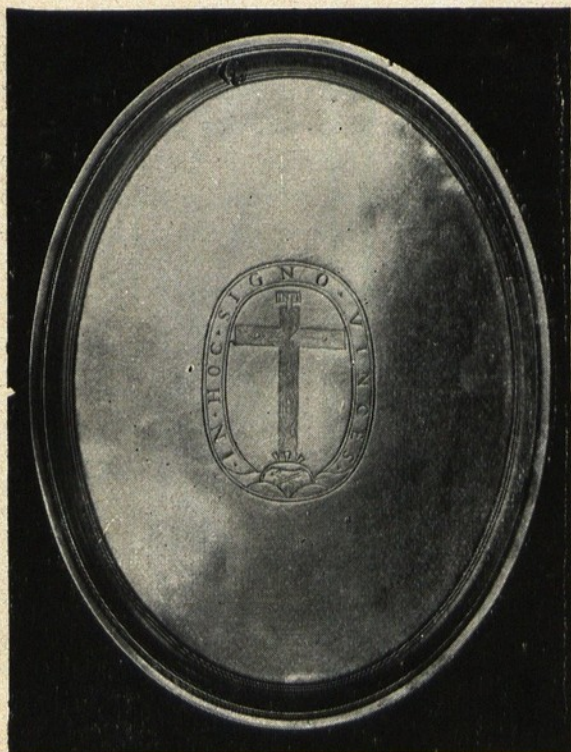
Ant. e Ambrosio
 Luis Alux de Brito
 e Simão da Veiga

PARECER DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO» ACERCA DA CONDENNAÇÃO DE DAMIÃO DE GOES.
 ENTRE OS SIGNATARIOS ESTÁ O JESUITA LEÃO HENRIQUES, CELEBRE PRIVADO DO CARDEAL REI

chejo de usagre e sarna por todo o corpo, que pouco faltava para o poderem considerar como leproso!

Fôra na audiencia de 4 de dezembro que lhe fizeram a publicação dos testemunhos contra elle e por ella viu Damião de Goes como tinha sido delatado por Simão Rodrigues. A

ferida num banquete, a proposito de carne de porco, repete que d'ella se não lembrava, fazendo finalmente tres pedidos: o primeiro que lhe dêem licença para escrever ao Cardeal D. Henrique, o segundo para que o deixem fallar a seu filho Ambrosio de Goes, para saber da sua familia, negocios e fazenda e principalmen-



O PRATO DE PRATA DO TINTEIRO DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO». TEM GRAVADO O SYMBOLO DA INQUISIÇÃO: A CRUZ RODEADA PELA LEGENDA — IN HOC SIGNO VINCES.

te por causa d'uma demanda que lhe moviam: por ultimo pede que lhe emprestem um livro em latim, para ler, *porque estou apodrecendo de ociosidade e com o lêr se me passam muitos pensamentos.*

Nada d'isto porém lhe foi concedido. Era o requinte da crueldade!

Ainda outro memorial elle apresentou, fazendo valer todas as suas confissões e crenças, defendendo-se e terminando por pedir que, attendendo á sua idade, qualidade da sua pessoa e desamparo da sua casa e filhos, o despachassem com brevidade e o restituíssem á sua honra, *da qual está tão menoscabado, escrevia o chronista, que se vossas mercês lha não réstituem, não ousará d'apparecer nem andar entre gente!*

Para attenuante ao seu confessado procedimento heretico solicitou Damião de Goes nova audiencia, a 9 de fevereiro de 1572; então pediu que ao seu processo fosse juncta, como effectivamente foi, uma lista das bemfeitorias praticadas por elle a diversas egrejas e das suas obras pias e termina dizendo que *quem estas obras faz nas Egreijas e outras com hos proximos, que não diguo, catholicos he e não lutherano, pera ho terem aqui preso passa já de dez mezes, pello que pesso a vossas mercês*

que ponhão has dictas obras em uma balança e na outra os erros de que me accusam mais por fallar que pellos usar, porque nunca hos usei e, rebatida huma cousa da outra, me julguem e despachem com brevidade, pelo amor de Deus, porque m'estou aqui consumindo, assi da honra, quomo da saude, quomo da fazenda.

Entretanto novos testemunhos iam apparecendo contra o desventurado prisioneiro. Não bastava os que havia já!

A 12 de abril D. Pedro Diniz vinha dizer que tinha ouvido a João de Carvalho, provedor-mór das obras d'el-rei e visinho de Damião de Goes no Castello, que elle fallava com admiração de Luthero e Melanchton, não o via ir á missa e costumava muito conviver com gente estrangeira. Passado mais de um mez foi chamado João de Carvalho, que confirmou o depoimento anterior, e adeantou-se em pormenores, dos quaes particularmente nos merece interesse, a accusação que elle tinha ouvido aos proprios criados do chronista de que *elle não era muito misseiro...*

Por este motivo nova audiencia teve o encarcerado e, a proposito das visitas de estrangeiros, disse que a sua casa era estalagem d'elles, a quem costumava banquetear; depois de jantar se punham a cantar missas e mottetes, compostos em canto de órgão, por que elle era *muito musico e folgava de cantar e ser muito dado aa musica e passar n'isto o tempo.*

Nada porém Damião de Goes confessou quanto á sua admiração por Luthero e Melanchton e novas accusações lhe foram apresentadas, cuja defesa o seu advogado teve de fazer. Não obstante, Damião de Goes junctou novo memorial, em que recordava diferentes offertas mysticas feitas por elle, taes como um livro de Horas de Nossa Senhora, illuminado por Simão de Bruges, que o illuminador Antonio de Hollanda tinha avaliado em 750 cruzados, offerecido á Rainha, e diferentes imagens offerecidas ao rei, a Pedro d'Alcaçova Carneiro, etc. Ainda antes da sentença, mais duas petições apresentou Damião de Goes, numa das quaes, a 14 de julho de 1572, se dizia tão mal disposto, que não tinha uma só doença, mas sim tres: *vertiguo, rins e sarna, quomo especie de lepra, que qualquer pessoa que me vir, se fôr proximo, se movera ha piedade, porque em meu corpo não ha cousa sam!*

Pobre Damião de Goes! Nemi uma parte do

corpo conservava sã! Quem havia de reconhecer n'elle o antigo representante d'el-rei de Portugal nas côrtes estrangeiras?!

Isto escrevia o chronista, 16 mezes depois de encarcerado... E todavia, ainda quatro mezes teve de esperar, decerto com impaciencia tal que tocara as raias do desespero, até que, em outubro de 1572, proferiram finalmente a sua sentença, em que o mandam abjurar os hereticos erros em fórma, sómente deante dos Inquisidores e o condemnam a carcere penitencial perpetuo, na parte para onde o Cardeal Infante o mandasse.

Com effeito, entre o dia 6 e o dia 16 de dezembro, sahiu o réo Damião de Goes do carcere inquisitorial para o mosteiro da Batalha e não nos diz a Historia qual fosse a sua sensação ao fitar, apoz dezenove annos de clausura, a luz brilhante d'esse sol de Lisboa que, por mal da Humanidade, não raiava só para os espiritos como o do douto pensador quincentista, mas illuminava tambem Simão Rodrigues, Luiz de Castro, Briolanza de Carvalho e João de Carvalho, todos quantos principalmente contribuíram para a condemnação do chronista. Sim, a Historia não nos diz, se nessa occasião Damião de Goes não teria principalmente vontade de não mais o fitar e de morrer...

Mas o que ella nos diz, rehabilitando-o, é que a designação de réos compete exclusivamente aos que tão infamemente o martyrisaram!

*

Retrocedemos agora um pouco para nos encontrarmos com outro homem de letras do seculo XVI, «*Fernão d'Oliveira*», o primeiro grammatico portuguez e afamado nautographo d'esse tempo, num sitio já de nós conhecido, onde elle geme e pena. Seja a 25 de novembro de 1547 e ir-lhe-hemos ouvir o libello do Promotor da Inquisição de Lisboa, em que o accusa de, na Rua Nova, publicamente, ter elogiado o proceder d'esses hereticos inglezes, insubmissos ao Papa, que queimavam os frades, affirmando varios erros lutheranos, e—o que é mais—ameaçando com bofetadas e cutiladas aquelles que o contradissem. Fernão d'Oliveira fôra frade da ordem de S. Domingos; vestido de capa e *pelote* curto, armado de espada, com chapéo e barba comprida, fizera de marinheiro



Initium sancti Evangelij secundum Ioannem.



IN PRINCIPIO ERAT VERBUM:
& VERBUM ERAT
APUD DEUM: &
DEUS ERAT VERBUM. HOC

O EVANGELISTA S. JOÃO, ILLUMINURA DO SECU IO XVII, EXTRAHIDA DO «LIVRO DOS EVANGELHOS» PERTENCENTE AO SANTO OFFICIO.

e piloto, por França e Inglaterra, sem se confessar nem commungar.

Era mais esta accusação que o Promotor inquisitorial lhe dirigia.

Mas como chegariam á Inquisição noticias tão compromettedoras para o nosso grammatico? Fôra que, a 18 de novembro d'este mesmo anno, tres livreiros, João de Borgonha, Francisco Fernandes e Pedro Alvares, abandonando as suas tendas da Rua Nova, vieram, já se vê «*por descargo de consciencia*», contar uma polemica que o primeiro tinha tido com Fernão d'Oliveira, sobre questões religiosas, em que elle se mostrava bastante affecto aos lutheranos.

Maldita hora em que o antigo dominicano viera comprar a *Esphera* de Pedro Nunes, porque, se não fosse isto, talvez o não encontrassemos, oito dias depois, a ouvir ler as tremendas accusações que contra elle forjara a justiça inquisitorial.

André de Rezende, o grande antiquario que fôra seu mestre de grammatica no convento de Evora, tinha-o immediatamente reconhecido; e, escandalizado com a sua attitude, apontara-o a João de Borgonha.

Estes Autos e o que por elles se mostra. Pareceo dos
 Abaixo assignados que se comcrsam que o Ro fernão
 do oliveira a firmou e defendeo era heretico e por
 tal se declaravao dizendo que seby de Ingratera
 e os Inguezes erao boos Xpaos e se podiam salvar
 aajnda que negassem obediencia ao santo padre
 e a prohibicao que se lhe deveo no espirituale como debe
 en principal da Igreja univ. e do dho o que o dito
 Ro a firmou escusando seby de Ingratera da des
 truccam dos mochos e Relegiosos. Cda o Affensa que
 fez do bem a venturado santo thomas Arcaho cham
 turiense. Declarao por Comcrsões temerarias e
 scandalosas. E que o dito Ro deveo particularmte declarar
 as ditas Comcrsões e as Comfesar e dadeira memze
 por hereticas temerarias e scandalosas como dito se
 pedindo perdão do noo do. Com muyto a fepem dho
 e Conhecimto de seus herros o affercendose dos Anathe
 matizar e aburrar em forma de dho. Alias no a fazedo
 do dho se fava o que pareor Justa e Guico de noo
 con.

Diogo de Gouveia
 Olmedo
 Ammanuel do Roz
 Joze mello
 Jorge almeida

PARECER DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO» E DE OUTROS LETTRADOS SOBRE AFFIRMAÇÕES
 DE FERNÃO D'OLIVEIRA. ENTRE OS SIGNATARIOS ESTÃO DIOGO DE GOUVEIA E O MESTRE OLMEDO,
 LENTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Foi a faulta que incendiou o odio do li-
vreur!

Por isso não se desperdiçou o ensejo da vin-
gança e a conspiração arteinamente ur-
dida por elle veiu a surtir o desejado
effeito.

Fernão d'Oliveira, ao ouvir ler a accu-
sção e ao saber d'onde ella partira, con-
tou logo a zanga que com elle tinha tido
um dos livreiros, por causa da impressão
d'um livro seu, dando assim como sus-
peita tal testemunha. Dizia-se vassallo
do rei de Inglaterra, de quem tinha tra-
zido uma carta para o nosso rei e, entre
outras coisas, de que a sua consciencia
o accusava, lembrou-se de ter dito que
havia clrigos que mais serviço fariam a
Deus, lavando e cavando, do que pré-
gando e dizendo missa.

No entretanto dirigia-se por escripto

reje, sendo scismatico, que elle e os inglezes se
podiam salvar apesar de viverem fóra da igreja
catholica e que não era peccado o queimar os

buscar as ovelhas perdidas como em antano, e se per se
 não vem facha como jam agalhados no seu reyno
 homes que folgão de o servir e vir parolle, comp
 muyto na vidade e nobrega de sua s. a quem
 nois ser dea muyto vida e prosperidade.

Criado de sua s. *Fernão d'Oliveira*

LETRA E ASSIGNATURA DE FERNÃO D'OLIVEIRA
 D'UMA CARTA PARA O CONDE DE CASTANHEIRA, QUE FOI APPREHENDIDA

o grammatico ao seu protector conde da Castanheira, confiado em cujo favor elle viera a Portugal. Essa carta porem não conseguiu illudir a vigilancia inquisitorial e, a 23 de dezembro de 1547, respondia Fernão d'Oliveira por escripto ás accusações que lhe fizera o Promotor da Inquisição, taxando de perjuras e suspeitas as testemunhas contra elle, dizendo que tudo o que elle affirmava não eram, de forma alguma, heresias.

Novamente veiu o grammatico á presença do Inquisidor João de Mello, mas nada adeantou, apesar d'elle lhe recommendar que *mete-se a mão na consciencia*, e só, a 4 de agosto de 1548, Fernão d'Oliveira reconheceu como heresia o dizer que o rei de Inglaterra não era he-

ossos do bem-aventurado S. Thomaz, assim como destruir os mosteiros. Por isso os inquisidores o condemnaram sómente a abjuração dos seus erros e a prisão no carcere por tempo indeterminado, mas devendo andar de habito e tonsurado, rezando o officio divino.

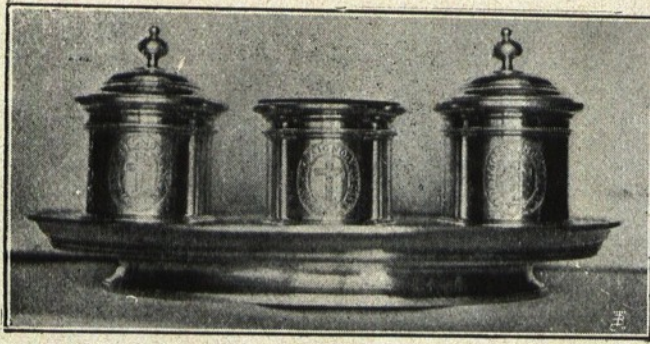
Passados tres annos, Fernão d'Oliveira, *muito pobre e doente de colica*, pedia para ir para algum mosteiro, como effectivamente foi, para o de Belem; um anno

depois, em 1551, era posto em liberdade, não se sabe se sinceramente convertido á fé catholica, se saudoso do tempo em que, vestido de capa e *pe-lote* curto, armado de espada, com chapéo e barba comprida, fizera de marinho e piloto por França e Inglaterra.

E assim se ficam conhecendo as torturas que a justiça do *Paço dos Estãos* infligiu, no seculo

XVI, a dois dos mais notaveis vultos da nossa historia litteraria quinhentista.

ANTONIO BAIÃO.



TINTEIRO DE PRATA DO «CONSELHO GERAL DO SANTO OFFICIO». TEM EM TODAS AS SUAS PEÇAS GRAVADO O SYMBOLO DA INQUISIÇÃO

Clichés de A. Lima.

DESALENTO

«INÉDITO»

*A estrêlla da ventura que guiava
Meu coração nos campos do prazer,
Fê-la, a estrêlla razão, desvanecer.
E eu, pouco a pouco, a vêr que se apagava*

*Uma vez que dos sonhos me apartava
Para um caso da vida resolver,
Foi quando começou de esmorecer,
A' luz razão, a luz que eu tanto amava*

*Ah! Cruel desespero da minha alma
Mas que profundo sofrimento, o meu
Vêr na dura razão sorrir a palma*

*Já a minha estrellinha, lá no Céu,
Não seintilla, suave, doce e calma
A estrêlla da desgraça a escureceu.*



Crepusculo

*Os canticos da tarde, os psalmos do Poente
derramam na amplidão um languido torpôr...
Mergulha o sol no Oceano e a abelha diligente
haure no ultimo sôrvo o mel de flôr em flôr!...*

*Os campos, os vergéis, suspiram vagamente
melodias de paz dizendo em seus rumôres,
e a Ria, a serpear, levada na corrente,
endêchas vae cantando a estremecer de amôres.*

*E o mar, esse gigante azul, côr de saphira,
em doida furia esmaga o dôrso contra a praia
à Lei do Eterno querendo impôr a sua ira!...
Fenece o horisonte. . o dia já desmaia...*

*Todo o Universo entôa um rythmo divino . .
Convinda o Campanario, ao longe, à Oração...
Da alma da Christandade, harmonioso um hymno
se desprende innocente e espalha na amplidão.*

*No bosque a tutinegra, a saltitar, anciosa
seu ninho busca já por entre mil descantes
e Venus, lá do Olympo, a faiscar, radiosa,
ondas de luz dardeja ethéreas, scintillantes! . .*

*Da avena echoa o som do pastor solitario
tocando p'ra o redil as mansas ovelhinhas;
cançado o lavrador repousa do fadario,
indo levar contente o pão ds creancinhas.*

*É prestes a dormir a Natureza inteira! . .
Susurra a viração trazida além do Sul,
e, no entretanto, a Lua — a branca feiticeira —
rôla argentea nos Céus por sobre um véu de tull'*

*beijando carinhosa a linda patria — Aveiro —
que a Ria de cristal reflecte alegre e amena
e a sorrir, a seus pés, n'um extasi fagueiro,
oscula a suspirar, tão meiga e tão serena! . .*



VISTA GERAL DE ARCACHON—PHOTOGRAPHIA TIRADA DO MIRANTE

Arcachon

SE o leitor patricio e amigo quer por este verão abençoado, que ora banha a sagrada fita de terra em que ambos nascemos (louvado seja Deus!), ir mergulhar nas ondas salitrosas do mar, e viver n'um sitio cheio d'encantos, um mez ou dois de repouso d'affazeres não precisa para isso atravessar fronteiras, mudar de lingua e de costumes. Tantas são as praias lindas e alegres que enfeitam, como *bouquet* preciosissimo, a linha sinuosa do nosso littoral!

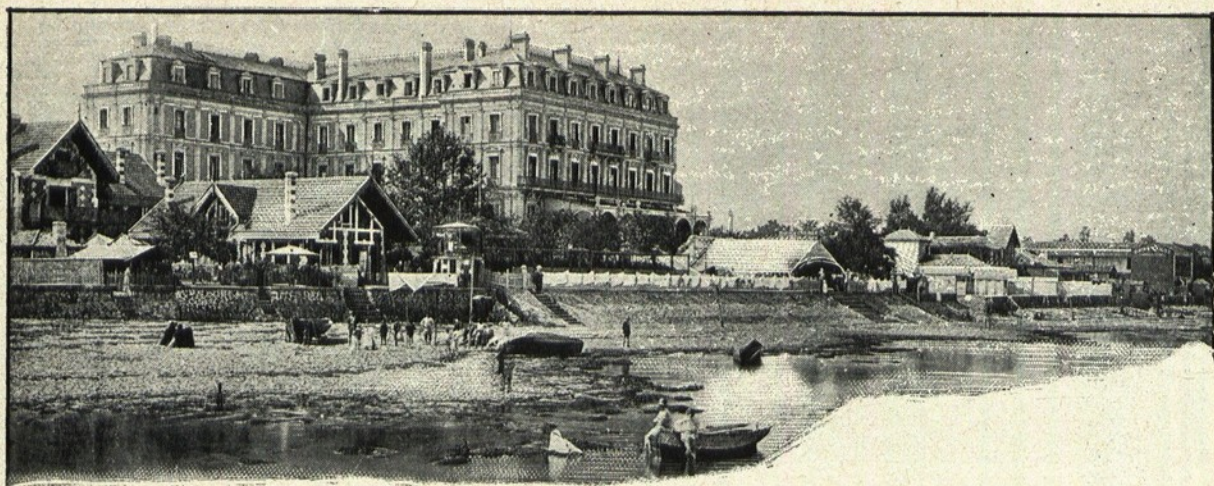
Agora se dispõe de tempo, de saúde e de recursos, e, n'um desejo avido de sensações differentes das que a nossa patria lhe offerece, pretende visitar por esta epocha estival outras plagas, conhecer outros habitos, servir-se d'outro idioma, então indicamos, com conhecimento proprio, Biarritz, San Sebastian, St. Jean de Luz e Arcachon.

Temos o proposito, algum tanto assustador para quem nos vae ler, de falar demoradamente sobre essas praias; por hoje, porem, apenas nos referiremos á ultima, da qual trouxemos finas recordações.

Ha pouco mais d'um mez estavamos nós ainda em Paris, quando Paris subitamente se tornou insupportavel, mercê do calor que d'um dia para o outro ali sentou arraiaes.

Era preciso fugir-lhe. Para onde? Arcachon, indicou-nos uma gentil parisiense. Sigamos o conselho. Horas depois, o rapido Paris-Bordeaux conduzia-nos e a duas pequenas malas, com uma real rapidez. Sete horas leva o trajecto entre aquellas duas primeiras cidades francezas, e uma hora mais da deradeira á estancia referida.

Arcachon divide-se em duas regiões perfeitamente distinctas: a *Villa d'Inverno* e a *Villa de Verão*; esta é a



ARCACHON—VISTA DA PRAIA E DO «GRANDE HOTEL»

praia de banhos; aquella é a povoação serrana. A fantasia local quer ainda uma outra divisão com o accrescimento d'uma *Villa d'Outono*. Achamos demasiado...

samente arborizados, com habitações graciosas e hygienicas que jardins cuidadosamente tratados airosamente rodeiam. Um d'esses montes é inteiramente coberto de pinheiros e destinado



ARCACHON—VISTA GERAL DA PRAIA

O que torna preciosa a chamada *Villa d'Inverno* (na qual fundimos a *de Outono*, se nol-o permittem), é o ser edificada em pequenos montes, por vezes bastante ingremes, todos profu-

exclusivamente a passeios a pé, e jogos gymnasticos ao ar livre. Um sanatorio sem edificios, onde centenas d'anemicos e de tísicos teem encontrado a cura das suas melancolicas enfermidades. E nem



ARCACHON — O NOVO CAES



ARCACHON—UM MIRANTE

um ruído de malheiros nem um leve fumo de chaminés industriaes. Uma quietitude absoluta, uma atmospherá lavada de toda a impureza, por onde o ar do mar, coado atravez a ramaria, circula saudavel e leve. Na construcção dos seus *chalets*, a imaginação exotica dos seus proprietarios vibrou bizarra e ampla. Nas linhas das suas avenidas e pequenos largos ajardinados, a administração publica houve-se com arte e com gosto. Custa a differençar se foi a mão do homem que conduziu a Natureza, ou se se deu o contrario.

No *Casino Mauresque*, onde tão dozes horas passamos, encontra-se todo o conforto, dezenas de divertimentos e golpes de vista sobre o mar, sobre a floresta, e sobre a barra, que delicias o olhar menos extasiavel.

Mas d'onde realmente a vista é maravilhosa, é do alto do *Mirante*, ao qual se sobe só para esse fim, munido de binoculos de grande alcance. Nem

toda a gente se aventura a subil-o por que o ultimo varandim oscilla bastante e lançando de lá os olhos em torno parece cercar-nos um verdadeiro abysmo. Será preciso dizer-lhe que esta villa tem, alem das casas mobiladas para alugar, desde o palacete luxuosissimo até á modesta casa de campo, magnificos hotéis e *restaurants*? Ou não estivessemos em França... A partir de 100 francos por mez, diz a informação official, pode obter-se uma *villa* isolada, contendo tres quartos, uma cozinha e algumas pequenas dependencias mais.

Quanto aos *chalets* de luxo, attingem os preços de 2.000 a 3.000 francos; são porem pequenos palacios ricamente mobilados. E isto, repetimol-o, sem commercio, nem industria de qualidade alguma a materialisar a vida d'este pequeno paraizo. Estabeleci-



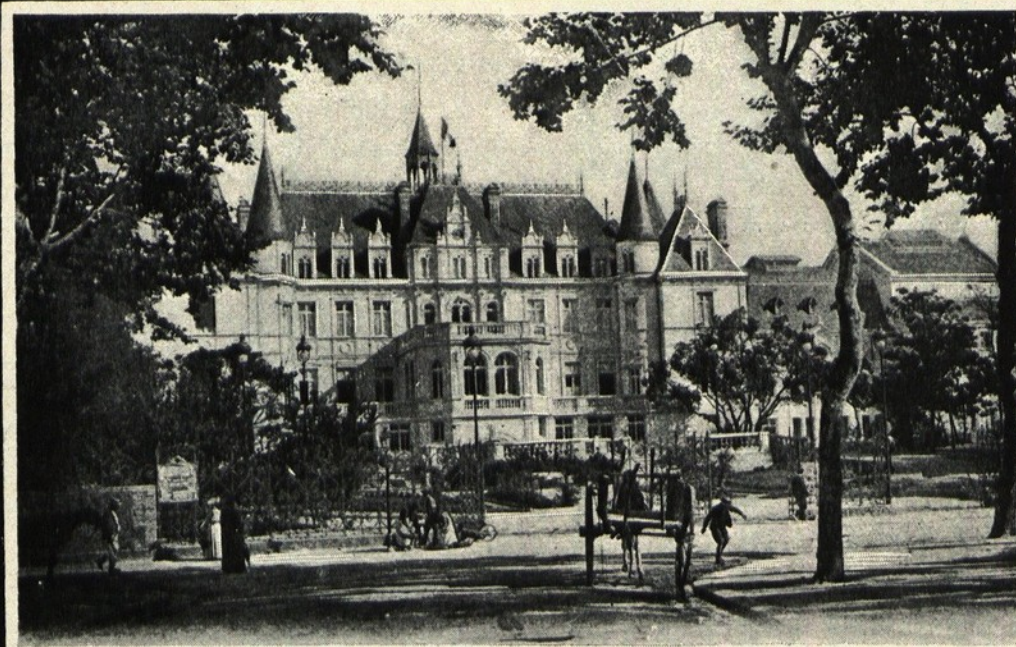
ARCACHON—MULHERES DE PESCA DAS OSTRAS

ARCACHON MIRANTE



mentos, só, absolutamente só, hotéis-restaurants.

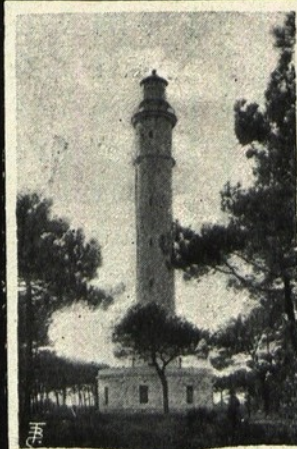
Mas desçamos á *Villa de Verão*. Quanto a d'inverno é accidentada em terreno, quanto esta o não é. Toda plana, cortada de ruas e avenidas em rectas, muitas das habitações com jardins á frente e d'um só andar, quasi todas as vias publicas ladeadas de tilias e acacias, com elegantes e enormes hotéis como o *Grand hotel*, um *Casino da Praia*, que é uma belleza tanto interior como exteriormente, um curioso *Aquarium*, um *Grand Theatre*, enorme e bello na verdade, clubs de todos os *sports*, sobretudo nauticos.



O CASINO DA PRAIA

A praia de banhos, em concha, sem perigos para os banhistas, e onde creanças livre e despreoccupadamente brincam dias inteiros (por isso lhe chamam *Patrie des enfants*), não é mais bella nem mais interessante do que qualquer das nossas: é differente, apenas. Tem ilhas em frente e á direita (*a Ilha dos Passaros*, e outras), e á esquerda a entrada do mar, que o *Phare*, d'um lado, e o *Sémaphore*, do outro, vigiam attentamente.

Originalissima, porem, é a *Nouvelle jetée*, um



O PHAROL



ARCACHON—FLORESTA—PHOTOGRAPHIA TIRADA DO MIRANTE

molhe artificial que vae da praia até grande distancia pelo mar dentro, constituindo o passeio predilecto dos banhistas, depois que o sol perdeu a intensidade de calor.

As mulheres que dão banho ás senhoras uzam não saias mas calção curto, o que á primeira vista nos pa-

rece estranho por falta de habito de as ver assim.

Tambem na floresta da Villa d'Inverno se encontram guardadores de gado em andas bastante altas, o que igualmente nos causa estranheza, embora estes costumes sejam puramente logicos.



CASINO MOURISCO

E para terminar, que isto já vae longo de mais para a nossa maneira de escrever, sempre *á vol d'oiseau*, deixem-me contar-lhes um incidente moral.

Procuravamos, no terceiro dia seguinte ao da nossa chegada, um rapazito que conhecesse a floresta, para nos servir de guia, quando a dona do modesto hotel, onde nos hospedámos, nos disse não ser preciso; iria ella, ou a irmã, ou uma linda afillhada de 18 annos, que tinham creado desde o berço. Agradeçi recusando: era fatigante

para qualquer d'ellas e talvez inconveniente...

Oh, não, meu caro senhor: nenhuma de nós é velha, é certo, mas aqui todos nos respeitamos. Não estamos em Paris. Arcachon tem 2.000 habitantes e todos se conhecem. A Margarida (era a afillhada) ou minha irmã, ou eu, podemos ir sósinhas com o senhor, que nos merece inteira confiança e nos vem recommendado de Bordeaux, sem ninguém ter que dizer ou do que se se admirar.

ALCANTARA CARREIRA.

Segundo Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



«Não chores que tambem vaes...»

Cliché do sr. Victorino Cardoso, Porto.



SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XII

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o lugar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reúne-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, prometendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquisas. para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com recesso de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles.

CAPITULO XV

A perseguição

ERAM de feito, sem sombra de dvida, os matabeles. Não tardou que outros tres homens viessem ter com a sentinella e começassem todos a conversar apontando com

as enormes lanças para a encosta do monte. Evidentemente estavam aprestando uma surpresa, quando houvesse luz sufficiente para a levar a cabo.

—Viram a nossa fogueira—segredou Clifford para Benita—Agora, se desejamos salvar as vidas, ha só uma cousa a fazer: galopar por ahi fora antes de elles se reunirem

O *impí* deve estar acampado da outra banda do monte; portanto, nós devemos tomar o caminho por onde viemos.

—Leva-nos outra vez a Bambatse—tartamudeou Benita.

—Antes Bambatse do que o tumulto—disse elle—Reza a Deus para que lá possamos chegar.

A este argumento não havia resposta. Por



BENITA OUVIU BATER A BALA NO ESCUDO

consequente, depois de beberem uma golada de agua e de engulirem uns motreco de comida, esgueiraram-se na direcção dos cavallos, montaram e começaram a descer pela en-

costa a baixo, o mais caladamente que puderam.

A sentinella ficara de novo sósinha, de costas para elles. Mas d'ahi a um instante, quan-

do elles estavam quasi á beira d'elle, ouviu o tropear dos cavallo sobre o capim, voltou-se para traz, e deu com os olhos nos dois. Em seguida, com grande clamor, ergueu a lança e investiu com elles.

Clifford, que ia na frente, estendeu a carabina a todo o comprimento do braço, pois que nem tempo tinha de a levar ao hombro, e puxou o gatilho. Benita ouviu bater a bala no escudo, e logo a seguir viu o guerreiro matabele cahido de costas, agitando no ar as mãos e os pés. Viu tambem, para alem da espalda do *Kopje*, que elles iam torneando, centenas de homens a marchar, levando atraz de si manadas de gado, lampejantes á luz mortíca as lanças mortíferas e as armaduras dos bois. Olhou para a direita, e viu mais gente. As duas alas do *impí* estavam-se a cerrar sobre elles, deixando apenas a meio uma estreita embocadura. Por ahi deviam passar antes que as paredes humanas se unissem.

—Vamos!—arquejou ella, batendo no cavallo com os calcanhares e a coronha da espingarda, e chicoteando-lhe o focinho.

Clifford, que tudo vira tambem, fez o mesmo, de forma que os animaes romperam n'um galope. Agora, do extremo de cada uma das alas destacavam-se linhas delgadas de homens similhando os ramos de um enorme alicate que tivesse por fito cortal-os.

Poderiam passar por entre elles antes de se encontrarem? Era essa a questão, e da sua solução dependia terem elles ou não mais tres minutos de vida. Era absurdo pensar em misericordia ás mãos d'aquelles selvagens sedentos de sangue, depois de se ter dado a morte a um d'elles na presença de outros. Verdade era que a esse o tinham os europeus fuzilado em defeza propria, mas que importancia dariam a isso os selvagens, que attenção dariam ao facto de serem elles apenas viajantes inoffensivos? A gente branca não tinha por então grande popularidade entre os matabeles, isso bem sabiam elles; alem d'isso, o seu assassinio n'esta paragem remota, tão longe de qualquer outro individuo da sua raça, nem sequer seria conhecido, quanto mais vingado. Seria o mais impune de todos os crimes.

Tudo isto passou pelo espirito dos brancos emquanto galopavam para o intervallo das duas alas que se iam cerrando. Que horror aquelle! Apenas uns duzentos metros a percorrer, e ficaria decidida a sua sorte. Ou escapa-

riam pelo menos por algum tempo, ou tudo para elles acabaria; ou, terceira alternativa, porventura a mais terrivel, seriam feitos prisioneiros. N'um momento, Benita resolveu que tal não seria o seu destino, caso tivesse tempo de o evitar. Tinha a carabina e o revolver que lhe tinha dado Jacob Meyer. Decerto não lhe faltaria um curtó ensejo de se servir de qualquer d'essas armas contra si propria. Cerrou os dentes e estimulou o cavallo. Voavam agora os dois por alli fora. Os soldados matabeles corriam quanto podiam para os alcançar. Cinco segundos que estes ganhassem, eram os dois empolgados com certeza. Mas esses curtos cinco segundos salvaram-lhes as vidas.

Quando se precipitaram a meio do boqueirão aberto entre as duas alas, não se apartavam estas mais de vinte metros. Vendo que elles haviam passado, os negros pararam e arremessaram sobre elles um chuveiro de azagaias. Uma d'ellás lampejou perto da face de Benita, como uma linha de luz; ella sentiu o bafejo do ar deslocado. Outra cortou-lhe o vestido, e uma terceira veiu ferir o cavallo de seu pae, no jarrete trazeiro, mesmo acima da junta do joelho, permanecendo ahi espetada uns momentos e cahindo depois. A começo, o animal pareceu não se sentir muito lezado com a ferida; pelo contrario, até galopou mais depressa, e Benita já se alegrava pensando que não era mais que uma arranhadura. Depois nem mais se lembrou de tal, porque alguns dos matabeles, que tinham espingardas, começaram a disparar sobre elles, e apesar da ruim pontaria, passaram muito perto d'elles uma ou duas balas. Por ultimo, um homem, que era o corredor mais veloz do bando, clamava-lhes na piugada em lingua zulu:

—O cavallo está ferido. Apanhamos ambos antes do pôr do sol.

Passavam então pela crista de um outeiro e por momentos perderam de vista os perseguidores.

—Graças a Deus!—arquejou Benita quando se viram de novo sósinhos no meio do *vald* silencioso.

Mas Clifford abanou a cabeça.

—Julga que elles nos persigam?—perguntou ella.

—Não ouviste o que disse o homem?—repliquou elle evasivamente.—Elles vão com certeza a caminho de assaltar Bambatse, e só

se demoraram para destruir qualquer outra misera tribu, a quem roubaram o gado que nós vimos.

Sim, receio muito que elles não nos larguem. A questão é de quem chegará primeiro a Bambatse, nós ou elles.

—Nós, decerto, que vamos a cavallo, meu pae.

—O caso é que nada aconteça aos cavallos.

Palavras não eram ditas, sentiu a egua que elle montava baquear bruscamente sobre a perna trazeira, a mesma em que acertara a azagaia; em seguida, recuperou forças e continuou a galopar.

—Não viste isto?—perguntou.

Ella acenou affirmativamente; depois acrescentou:

—Não será melhor apeiarmo-nos e examinarmos a ferida?

—Isso é que não!—redarguiu elle.—A nossa unica esperança está em não lhe darmos descanso; uma vez que a ferida arrefeça, estamos perdidos. Não é possível que o tendão fosse cortado, aliás já tínhamos dado por isso.

Continuaram pois a trote largo, toda a manhã, por onde quer que achassem terreno bastante lizo, e, apesar da crescente manqueira da egua, tanto se adeantaram que a meio do dia estavam chegados ao sitio onde tinham feito a primeira paragem ao sahir de Bambatse.

Ahi os forçaram tambem a demorar a fadiga e a sede. Beberam sofregamente da fonte, e abeberaram depois os cavallos; impossível era com effeito afastal-os da agua. Em seguida comeram alguma cousa, não porque tivessem appetite mas para manter as forças, e foram entretanto examinando a egua.

Tinha o jarrete muito inchado, e escorria ainda sangue do rasgão feito pela azagaia. Alem d'isso, a perna estava de tal modo esticada para cima que a extremidade do casco mal pousava em terra.

—Vamo-nos depressa, antes que ella se estropie de todo—disse Clifford.

E cavalgaram de novo. Deus de Misericordia! que succedera? A egua recusava-se a andar. No seu desespero, Clifford castigou-a cruelmente, obrigando-a a dar dois ou tres passos manquejantes sobre as tres pernas, até que estacou de novo. Ou se rompera um tendão offendido, ou tão forte era a inflamação que não deixava curvar o joelho. Perce-

bendo o significado, para elles terrivel, d'este accidente, os nervos de Benita succumbiram finalmente, e ella desatou a chorar.

—Não chores, meu amor—disse elle—seja feita a vontade de Deus! Talvez que elles a estas horas renunciassem á perseguição; em todo o caso, não me faltam ainda as pernas, e Bambatse fica-nos a pouco mais de cinco leguas. Portanto, animo e ávante!

Agarrou-se ao loro do cavallo que ella montava, e foram trepando a compridissima ladeira que conduzia aos montes em derredor de Bambatse.

A vontade d'elles era darem um tiro na egua, mas receiaram attrahir a attenção com o estampido do tiro. Deixaram pois o misero animal entregue á sua sorte, e com elle toda a sua carga, á excepção de uma porção de cartuchos. Mas antes de se afastarem, a pedido de Benita, Clifford levou uns segundos a desfivelar a cilha e a tirar as redeas, para dar ainda á pobre egua uma esperança de salvação. Um pequeno espaço seguiu ella ainda atraz d'elles, a coxear sobre tres pernas, depois, com a sella ainda no dorso, parou relinchando dolorosamente, até que, com grande allivio de Benita, uma volta do caminho fez com que a perdessem de vista.

Cousa de um kilometro mais adiante, ella voltou os olhos para traz, na fraca esperança de que o animal se houvesse restabelecido e os fosse seguindo. Não se via porem signal da egua. O que se via, sim, a tres ou quatro milhas atraz, bastante nitido n'aquella deslumbrante atmospheria, era uma multidão de manchas negras, que de quando em quando pareciam faiscar.

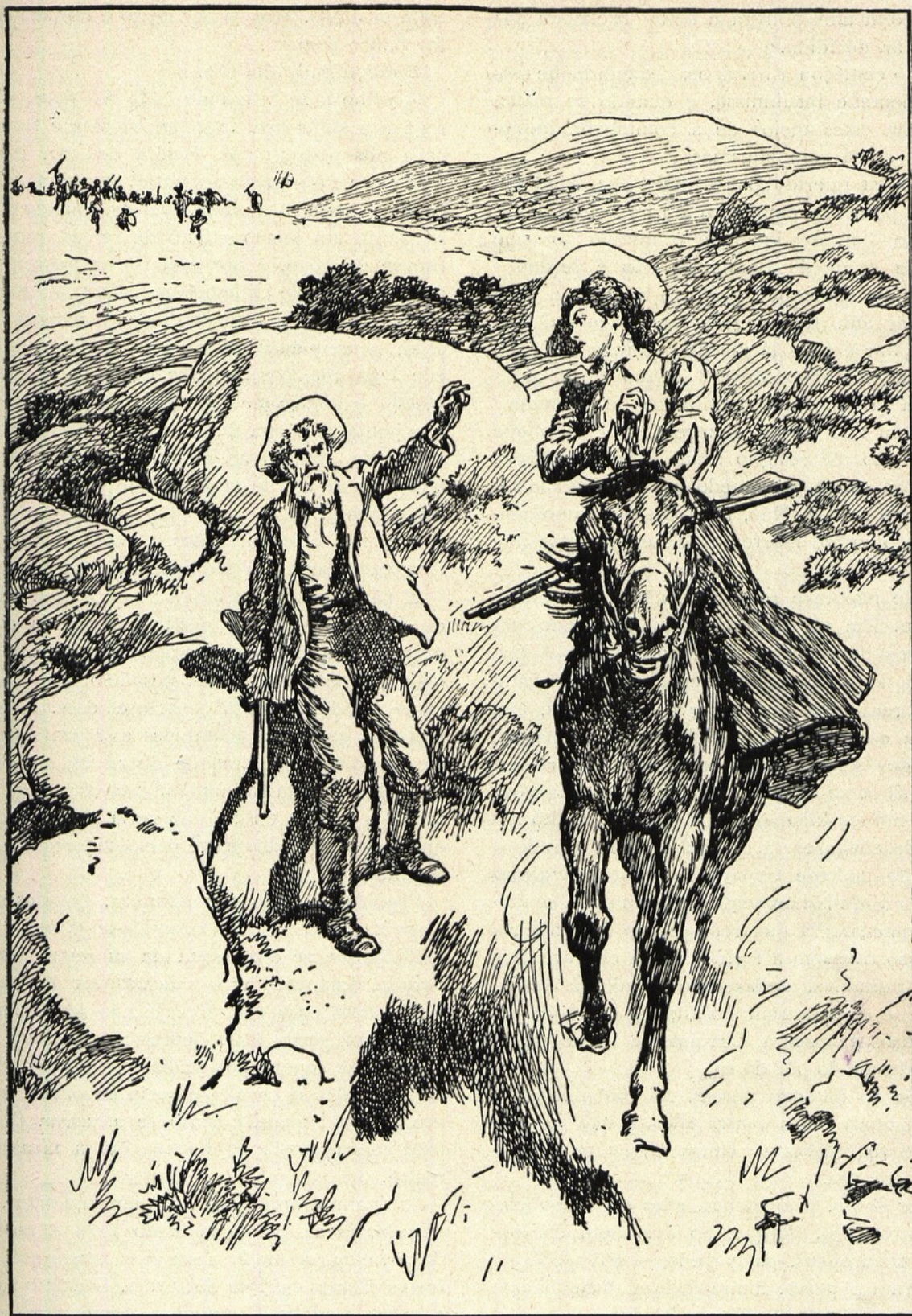
—Que é aquillo?—perguntou ella debilmente, com receio da resposta.

—Os matabeles que nos seguem—respondeu seu pae—ou, para melhor dizer, um bando dos seus corredores mais velozes. São as azagaias d'elles que scintillam.

Agora, meu amor, a situação é esta—proseguiu elle, sem deixar de caminhar—Aqueles homens hão de alcançar-nos muito antes de nós chegarmos a Bambatse; estão exercitados a correr por aquella forma, quinze ou dezeseis leguas se preciso fôr. Mas com a deanteira que levamos não poderão alcançar-te o cavallo; por consequente, deita a galope por ahi fora, e deixa-me a contas com elles.

—Isso é que nunca!—exclamou ella.

—Isso é que ha de ser, e que deve ser.



A RESPOSTA DE BENITA FOI PARAR O CAVALLO

Mando eu, que sou teu pae. Cá por mim, que importa? Pode ser que encontre onde me esconda e que logre escapar. Senão... eu já estou velho, já vivi bastante, ao passo que tu

tens o futuro deante de ti. Adeus, adeus, e segue avante.

Largou o loro. Mas a resposta de Benita foi parar o cavallo.

—Nem uma pollegada mais—exclamou ella com ar decidido.

Elle começou a irritar-se, chamando-lhe desobediente e insubmissa, e quando se mallograram estes meios de a commover, implorou-a quasi com lagrimas.

—Meu querido pae — disse ella, inclinando-se para elle, emquanto iam proseguindo caminho — eu expliquei-lhe o motivo por que queria fugir de Bambatse, não é verdade? Bem lhe disse que preferia arriscar a vida a ficar alli. Julga agora que eu tenho desejo de voltar e ficar lá vivendo sósinha em companhia de Jacob Meyer? Tenho ainda outra cousa a dizer-lhe. Lembra-se de Seymour? Pois eu não posso esquecel-o; por mais que faça, não me resigno á sua perda; por isso, embora esteja com medo, isso estou, não me importa a vida. Não, não! Ou escapamos ambos, ou ambos morremos. Se escaparmos, melhor.

Elle não teve remedio senão ceder, suspirando. Em voz offegante, foi discutindo com ella os meios possiveis de salvamento. A primeira ideia foi esconderem-se, mas na campina raza, com poucas arvores isoladas, não havia esconderijo possivel. Pensaram nas ribas do Zambeze, mas entre elles e o rio erguia-se uma montanha escavada e fragosa com muitos kilometros de encosta. Muito antes de chegarem á cumiada, ainda quando o cavallo pudesse trepar até lá, seriam alcançados irremissivelmente. Em summa, o unico remedio era puxarem para o desfiladeiro, e, caso tivessem a fortuna de lá chegar antes dos matabeles, deitarem o cavallo á margem e procurarem occultar-se entre os escombros da casaria. Era possivel conseguirem isto depois do pôr do sol.

Não se illudiam porem. As probabilidades eram quasi todas contra elles, a não ser que os perseguidores se cançassem e os deixassem em paz.

Por então, pelo menos, elles não denunciavam canção, porque, ao avistarem de longe os europeus, os corredores selvagens estugaram o passo, diminuindo a distancia que os separava da ambicionada preza.

—Meu pae—disse Benita—é preciso que entenda bem isto. Eu não quero cahir com vida nas mãos d'esses selvagens.

—Mas como queres que eu? . . . — tartamudeou elle.

—Não lhe peço nada—redarguiu ella.—Eu

tratarei d'isso. Mas se por acaso a minha mão for pouco segura . . .

E olhou para elle fito.

O velho ia-se fatigando cada vez mais. Offegava a subir pela ingreme encosta e tropeçava nos pedregulhos. Benita deu por isso. Apeiou-se e obrigou-o a montar, emquanto ella corria á beira do cavallo. Depois, quando elle se sentiu um pouco refeito de forças, renderam-se de novo, e por esta forma venceram uns poucos de kilometros. Mais adeante, quando ambos se sentiram quasi exhaustos de todo, experimentaram cavalgar ambos, indo elle á garupa, por isso que ha muito haviam alijado a bagagem. Mas o animal, esfalfado, não podia com esta dupla carga, e, umas centenas de metros andados, tropeçou, cahiu, poz-se outra vez de pé conforme poude, e por fim estacou.

Viram-se pois obrigados a voltar á primitiva: cavalgar e marchar a pé alternadamente.

Já não lhes restava muito mais de uma hora de dia, e o apertado desfiladeiro ainda distava d'elles uma boa legua. Que medonha legua aquella! Foi um pesadelo que mais tarde obsidiou Benita constantemente. A começo os guias dos matabeles estavam a cerca de dois mil metros de distancia; a meio caminho, já distavam uns mil metros; ao encetarem a ultima milha, não seria de mais de quinhentos o espaço entre perseguidores e perseguidos.

Prodigiosa cousa é a natureza, grandes os seus recursos n'uma extremidade d'estas. Á medida que se abeiravam da suprema crise, parecia desaparecer o canção dos dois, ou pelo menos esqueciam-n'o. Já não se sentiam exhaustos; nem mais depressa galgariam a encosta, se repousados se houvessem erguido do leito. Até o cavallo parecia encontrar novos alentos; quando acaso se atrazava, Clifford espicaçava-lhe o flanco com a faca de matto.

Offegantes, anhelantes, ora um, ora outro, a cavallo, lá se iam arrastando para a crista da penedia, sentindo apoz si a morte sob a forma d'esses sabujos do sertão. Descia o sol, e sobre o globo flammejante viam elles, ao relancearem para traz os olhos, o contorno dos vultos negros; as largas folhas das azagaias avermelhavam-se, como se houvessem sido mergulhadas em sangue. Podiam até ouvir-lhes os clamores de sarcasmo, a bradar-lhes que se deixassem cahir por terra, para que mais de-

pressa os matassem, para acabarem com aquella correria insana.

Já não distavam d'elles trezentos metros, e a cumiada do desfiladeiro ainda lhes ficava a cousa de um kilometro. Passaram cinco minutos, e como o terreno era assaz escabroso, o cavallo trepava vágorosamente. Ia então Clifford montado, e Benita corria ao lado d'elle, agarrada ao loro do estribo. Olhou para traz. Os selvagens, receiosos de que as suas victimas topassem abrigo no cimo do monte, desataram á desfilada, e era impossivel ao cavallo apressar mais a andadura. Um dos selvagens, um homenzarrão, destacou-se do grupo, e correu mais avante. D'ahi a dois minutos, não estava a mais de cem passos dos europeus, um pouco mais proximo do que elles estavam do cimo do desfiladeiro. Foi então que o cavallo estacou e se recusou a dar mais passo.

Clifford saltou abaixo da sella, e Benita, sem poder dar palavra, apontou para o matabele. Clifford sentou-se n'uma pedra, assestou a carabina, tomou folego, fez a pontaria e disparou sobre o soldado que se approximava descuidado pelo campo largo. Era um bom atirador, e, apezar do alvoroço, n'esse momento supremo não lhe falhou a pericia habitual. O homem foi attingido algures; vacillou e cahiu por terra; depois ergueu-se a custo, e começou a retroceder, coxeando, em direitura dos companheiros, os quaes, ao renirem-se a elle, pararam um minuto para lhe prestar o possivel soccorro.

Essa paragem foi a salvação dos dois, porque lhes deu tempo a tentarem uma ultima e desesperada carreira, e chegarem á testa do *poort*. Não que isso os salvasse desde logo, visto que os matabeles podiam segui-os e havia ainda claridade bastante para que os pudessem descortinar. Com effeito, os selvagens, deixando o homem deitado no chão, precipitaram-se para deante com uivos de raiva, em numero de cincoenta ou mais.

Sobre a cumiada, pae e filha iam seguindo com esforços, Clifford a pé, Benita a cavallo; apoz elles, talvez a uns sessenta metros, corriam os matabeles, agglomerados agora no antigo e estreitissimo atalho, marginado de alcantiladas encostas.

Então, de repente, de todos os lados em volta d'elles, segundo se afigurou a Benita, rebentou a chamma e o estampido de carabinas, rapido e continuo. Aos dois e aos tres

foram cahindo os matabeles, até que por ultimo pareceu que poucos d'elles ficavam de pé, e esses mesmos não se approximavam mais; voltaram costas e fugiram da garganta do desfiladeiro para a encosta aberta que ficava alem.

Benita deixou-se cahir no chão, e a ultima cousa que lhe chegou aos ouvidos foi a voz suave de Jacob Meyer, a dizer-lhe:—Até que voltou do seu passeio, Miss Clifford. Ainda bem que recebi o reçado que em pensamento me deu: de que desejava que eu viesse ao seu encontro a este sitio exactamente onde estamos.

CAPITULO XVI

Outra vez em Bambatse

Como é que elles chegaram a Bambatse, eis o que nunca lembrou a Benita; só mais tarde soube que tanto ella como seu pae foram levados em tipoias, feitas de escudos de couro. Quando voltou a si, achou-se deitada na sua barraca de campanha, fora da bocca da caverna, na terceira cerca da fortaleza-templo. Tinha os pés doridos e os ossos n'um feixe, e esses incommodos physicos trouxeram-lhe á memoria, n'um relampago, todos os terrores por que havia passado.

Tornou a ver os ferozes perseguidores matabeles; tornou a ouvir o seu barbaro alarido e os tiros de carabina que lhes responderam; de novo, no meio do tumulto e da treva incipiente, distinguiu a voz branda e estrangeirada de Meyer pronunciando phrases de saudação sarcastica. Em seguida cahiu sobre as suas idéas o veu do esquecimento, e depois occorreu-lhe a vaga reminiscencia de ser levada pelo monte acima, sentindo violenta soalheira no dorso, e ajudada a trepar pelos ingremes degraus da muralha por meio de uma corda atada á cintura. Depois, varreu-se-lhe de novo a memoria.

O cortinado da tenda estava aberto. Ella deixou-se cahir sobre o leito, fechando os olhos com receio de que elles encontrassem o rosto de Jacob Meyer. Sentindo que não era elle, ou percebendo-o talvez pelas passadas, descerrou-os um pouco, espreitando o intruso por entre as compridas pestanas. Com effeito, nem era Jacob nem seu pae, mas o velho molemo, que se acercou d'ella, tendo na mão uma cabaça cheia de leite de cabra.



CLIFFORD DISPAROU SOBRE O SOLDADO QUE SE APPROXIMAVA

Depois ella sentou-se na cama e sorriu para elle, porque Benita affeiçãoara-se muito a esse velho, tão differente de toda a gente que ella até então conhecera.

—Salve, senhora!—disse elle brandamente, correspondendo ao sorriso d'ella com os labios e os olhos sonhadores, sem que o resto da enrugada physionomia parecesse mover-se

—Trago-te leite. Bebe; está fresco e tu precisas de alimento.

Ella agarrou na cabaça e sorveu até á ultima gota; parecia-lhe que nunca saboreara bebida tão deliciosa.

—Bem, bem!—murmurou o molemo.—Estás aqui, estás boa de todo.

—Decerto!—retorquiu ella.—Mas meu pae, como está?

—Não tenhas receio; ainda está enfermo, mas ha de restabelecer-se em breve. Não tarda que o vejas.

—Bebi todo o leite—atalhou ella.—Não lhe deixei nem uma gota.

—Leite não falta—redarguiu elle, agitando a mão macilenta.—Havia duas vasilhas cheias, uma para cada um de vós. Não temos lá em baixo muitas cabras, mas o leite melhor para vós se guarda.

—Conta-me tudo que succedeu, pae.

O velho sacerdote, que gostava que ella o tratasse assim, sorriu de novo com os olhos, e agachou-se a um canto da barraca.

—Fostes vós que quizestes partir, lembra-te bem, comquanto eu vos prevenisse que em breve voltarieis. Não destes ouvidos á minha sabedoria, e já sei tudo quanto vos aconteceu e como por um triz vos salvastes do *impi*. Ora bem! N'aquella noite, vendo que não voltaveis, veio o Homem Negro... sim, é de Meyer que eu falo, assim lhe chamamos por causa da sua barba e—acrescentou elle com circumspecção—da sua alma. Veiu a correr pelo monte abaixo, inquirindo por vós, e foi então que eu lhe entreguei a carta.

«Leu-a, e ficou como doido. Praguejou na sua lingua; deu por paus e por pedras; pegou n'uma carabina e quiz dar-me um tiro, mas eu deixei-me ficar sentado e silencioso, a olhar para elle, até que socegou. Perguntou-me depois por que motivo lhe armara eu esta traição. Eu respondi que não era traição minha, visto que eu não tinha direito de vos reter como prisioneiros a ti e a teu pae, contra a vossa vontade; que, no meu pensar, vós tinheis partido por medo d'elle, o que não espantava em vista do modo por que elle a vós se referia. Disse-lhe tambem, pois que sou medico, que elle se arriscava a endoidecer se não tivesse cautela comsigo; que já nos olhos lhe via a loucura. Em vista d'isto, elle socegou de todo, porque o atemorizaram minhas palavras. Depois perguntou o que havia a fazer. Nada n'aquella noite, respondi eu, visto que

vós devieis já estar longe, e seria escusado perseguir-vos, mas que melhor fôra ir ao vosso encontro quando estivesseis de volta. Perguntou-me o que entendia eu por estas palavras, e eu redargui que ellas tinham clara significação, que vós regressarieis a toda a pressa e sob a imminencia de um grave perigo, embora vós não me houvesseis dado credito, porque me dera este aviso o Munwali, de quem tu és filha.

«Mandei pois fóra os meus espias, e passou aquella noite, e passou o dia seguinte, e chegou outra vez a noite, e quietos permanecemos, sem fazer cousa alguma; só o Homem Negro queria por força sahir a pairar sózinho em cata de vós. Mas na manhã seguinte, ao romper do dia, appareceu um emissario, referindo-nos que de seus irmãos, escondidos por montes e valles, leguas e leguas por ahi fora, soubera ter o *impi* dos matabeles destruido outra tribu dos makalangas a juzante do Zambeze e avançar para nós afim de nos destruir tambem. E de tarde chegou outro espia, contando que vós dois havieis sido cercados pelo *impi*, mas que tinheis rompido por meio dos inimigos, e cavalgaveis para aqui na ancia de salvar a vida. Então eu escolhi cincoenta entre os melhores do nosso povo, e mandei-os, sob o commando de Tamas, meu filho, embuscarem-se no disfiladeiro, porque nós, que não somos homens de guerra, não arrostamos em campina raza os guerreiros matabeles.

«Foi com elles o Homem Negro, e ao ver quão melindroso era o vosso aperto, queria correr ao encontro dos matabeles, porque é valente deveras. Eu porem tinha dito a Tamas: Não tentes pelejar contra elles em campo razo, porque elles vos matariam sem duvida a todos! Alem d'isso, senhora, eu tinha a certeza de que vós chegarieis ao cume do *poort*. Por uma unha negra lá chegastes com effeito, e meus filhos fizeram fogo com as novas espingardas, e, como o sitio era apertado, elles não podiam errar a pontaria e mataram um grande numero d'essas hyenas de amandabeles. Mas matar matabeles o mesmo é que matar pulgas no lombo de um cão; cada vez apparecem mais. Ainda assim, conseguiu-se o que se desejava: tu e teu pae foram salvos, e nós não perdemos um só homem.

—Então onde param agora os matabeles?—perguntou Benita.

—Fóra das muralhas, um regimento inteiro: tres mil homens ou mais, commandados por

Maduna, que é de sangue regio, por cuja vida tu pediste, mas que apesar d'isso te perseguiu como se foras um cabrito montez.

—Talvez ignorasse quem era—suggeriu Benita.

—E' possível—respondeu o molemo, esfregando o queixo—porque em casos d'esses até um matabele guarda lealdade, e deves lembrar-te de que elle te prometteu vida por vida. Comtudo, elles andam ahi a pairar á laia de leões em torno das muralhas, e por isso é que eu vos trouxe para o cimo do monte, para ficardes a salvo d'elles.

—E tu estás em segurança, meu pae?

—Creio que sim—replicou elle com uma risadinha abafada—Quem quer que fez esta fortaleza, fel-a solidá deveras, e nós entupimos as portas. Elles não pilharam lá fora nenhum de nós; estavamos todos dentro das muralhas, mais as ovelhas e as cabras. Por ultimo, mandámos a maior parte das nossas mulheres e creanças para a outra banda do Zambeze em almadias, para esconderijos que nós conhecemos e onde os amandebelles não poderão dar com ellas, porque não ousam navegar pelo rio. Por conseguinte, para os que restam temos tres mezes de mantimentos, e antes d'isso as chuvas hão de expulsar o *impi*.

—Porque não foram todos para a outra banda do rio, meu pae?

—Por dois motivos, senhora. O primeiro é que, se abandonassemos a fortaleza que desde que tempos está em nosso poder, Lobengula se apossaria d'ella e a guardaria, e nós nunca mais tornaríamos a entrar na posse do nosso patrimonio, o que seria uma vergonha e sobre nossas cabeças acarretaria a vingança dos nossos maiores. O segundo é que, visto que para nós voltaste, temos obrigação de te proteger.

—Como sois bondosos para mim!—murmurou Benita.

—Não! A este logar te trouxemos, e cumprimos as ordens que lá de cima eu recebi. É possível que ainda te sobrevenham desgostos; sim, creio que virão, mas ainda uma vez te rogo não tenhas receio, porque d'esta ruim raiz brotará uma flor de alegria.

E o velho ergueu-se para sahir.

—Espera!—disse Benita—O chefe Meyer já encontrou o ouro?

—Não, nada encontrou; mas anda a revolver tudo, como um chacal esfaimado em cata de um osso. Mas o tal osso não será para elle; é para ti, senhora, para ti sómente. Oh! bem

sei que tu não procuras, mas serás tu que has de encontrar. Mas para a outra vez, quando precisés de soccorro, não fujas para o sertão. Escuta o verbo de Munwali, dito por sua bocca, o molemo de Bambatse!

E com estas palavras, o velho sacerdote foi recuando até á sahida, parando por vezes para fazer venia a Benita.

Passados alguns minutos, entrou Clifford, com aspecto de fraqueza e de abatimento, arriando-se a um cajado. Abraçaram-se os dois cheios de jubílio, dando graças por escaparem a tamanhos perigos.

—Bem vês, Benita, não podemos sahir d'aqui—disse Clifford—Temos que encontrar o thesouro.

—Maldito thesouro!—respondeu ella—Até me faz asco falar n'elle. Quem pode pensar em thesouros com tres mil matabeles á espreita para dar cabo de nós?

—Esses já quasi não me mettem medo. Tiveram nas mãos o ensejo, e deixaram-n'o perder. Os makalangas protestam que, com as armas que teem para defeza das portas, a fortaleza não pode ser tomada de assalto. Mas de alguém tenho receio ainda.

—De quem?

—De Jacob Meyer. Tenho-o visto algumas vezes, e parece-me que vae dando em doido.

—O mesmo disse o molemo; mas por que razão?

—Pelos gestos d'ella. Senta-se por ahi, resmungando; fusilam-lhe os olhos negros; ás vezes geme, outras vezes desata ás gargalhadas. Isto é quando lhe sobrevem o accesso, porque em geral parece que está de juizo perfeito. Levanta-te se podes, e verás.

—Não me appetitece—respondeu Benita debilmente—Meu pae, cada vez tenho mais medo d'elle. Oh! porque é que não me deixou ficar lá em baixo, no meio dos makalangas, em vez de me trazer outra vez para aqui, onde temos de viver a sós com esse terrivel judeu?

—Era o que eu desejava, minha querida, mas o molemo disse que estariamos mais seguros cá em cima e deu ordem á sua gente que te transportasse. Alem d'isso, Jacob protestou que, se não te trouxessem, me daria a morte. Percebes agora porque elle me parece doido.

—Porquê, porquê?—gaguejou de novo Benita.

—Deus o sabe!—respondeu elle com um suspiro—Segundo penso, elle está persuadido que sem ti nunca poderemos topar o ouro; affirmou-lhe o molemo que esse ouro é para ti, e só para

ti, e elle diz que o velho tem dupla vista, ou cousa que o valha. O que é certo é que elle era capaz de me assassinar. Li-lh'o eu nos olhos. Foi por isso que me pareceu melhor ceder, para não te deixar aqui doente e desamparada. Elle, a falar a verdade, ainda havia um meio...

Suspendeu-se. Ella encarou-o e perguntou:

—Que meio era?

—Matal-o, antes que elle me matasse—respondeu elle em voz ciciante—Mas a isso não pude eu resolver-me.

—Não!—exclamou ella com arripio—Isso não! Isso não! Antes morrermos nós, que ficarmos com as mãos tintas no sangue d'elle. Eu já me levanto, e esforçar-me-hei por não mostrar medo. Estou que é o melhor, e talvez encontremos maneira de escapar. Entretanto, convem fazer-lhe boa cara, e fingir que continuamos na pesquisa d'esse excommungado thesouro.

Ergueu-se pois, percebendo que, a não ser por um tal ou qual entorpecimento, não se sentia peor que o usual. Com o auxilio de seu pae, tratou de cozinhar a refeição da tarde, como era costume. Quanto a Meyer, não o viu, comquanto por mãos d'elle por certo houvesse encontrado todas as cousas dispostas ao seu serviço.

Antes de cahir a noite, appareceu elle, como ella aliás suppunha. Apezar de não lhe ouvir os passos e de estar de costas, sentiu a presença d'elle; uma sensação que sobre ella cahiu como uma sombra frígida. Voltou-se e olhou para elle. Estava de pé, perto d'ella mas sobranceiro, em cima d'um grande penedo de granito, para onde trepara sem ruido, com os movimentos felinos que lhe eram habituaes. Batiam-lhe em cheio os raios derradeiros do sol poente, delineando no fundo do ceu os seus contornos ageis e nervosos, e n'essa intensa luz vermelha que sobre elle chammejava, tinha uma apparencia temerosa. Parecia uma panthera armando o salto; como de panthera lhe brilhavam os olhos, e Benita comprehendeu ser ella a preza que elle cobiçava. Mas, lembrando-se da sua resolução, tratou de disfarçar o terror, e dirigiu-lhe a palavra:

—Muito boa tarde, sr. Meyer. Estou tão moida que nem posso levantar o pescoço para o ver—acrescentou ella rindo.

Elle pulou rapidamente do penedo abaixo, sempre á laia de panthera, e poz-se em frente d'ella.

—Devia dar graças ao Deus em que cré—disse elle—por não estar a estas horas moida deveras, o pedaço que tivesse escapado á fúria dos chacaes.

—Agradeço a Deus com effeito, e ao sr. Meyer tambem. Foi um acto de heroismo ter vindo em nosso soccorro. Meu pae—chamou ella—venha dizer ao sr. Meyer que lhe estamos em extremo gratos.

Clifford sahio muito tropego da sua cabana sobre a arvore, exclamando:

—Já lh'o disse, minha querida.

—Sim—redarguiu Jacob—já m'o disse. Escusa de repetir. Pelo que vejo, a ceia está prompta. Vamos comer, que devem estar com fome. Temos que conversar depois.

Comeram sem grande appetite. Meyer mal tocou em comida, mas bebeu bastante, primeiro café muito forte, e depois genebra e agua. Mas offereceu a Benita os melhores bocados que pode escolher, olhando muito para ella, e dizendo-lhe que devia alimentar-se bem para que a sua formosura não soffresse nem as suas forças diminuissem. Benita recordou-se dos contos da sua infancia, nos quaes o papão abarrotava de comida a princeza a quem tencionava devorar.

—Melhor fôra que pensasse nas suas forças, sr. Meyer—disse ella—Não é possivel sustentar-se só com café e genebra.

—Esta noite nada mais preciso. Sinto-me admiravelmente desde a sua volta. Nunca, que me lembre, me senti com tanta saude e tantas forças. Olhe! Por exemplo, esta tarde passei-a eu a acarretar provisões e diversas cousas para riba d'aquella empinada muralha, por isso que temos todos de nos preparar para um prolongado cerco. Pois nem sequer dei pelo esforço de levantar um cabazito que fosse. Mas enquanto andaram lá por fora, isso sim! então é que eu me sentia fatigado.

Benita mudou de assumpto, perguntando se elle tinha feito alguma descoberta.

—Por enquanto nada, mas agora, que voltou, não tardam ahi as descobertas. Nada receio; tenho um plano que não pode falhar. Além d'isso, era uma tristeza estar a trabalhar n'aquelle antro sem a sua companhia. Pouco fiz enquanto não chegou a occasião de ir ao seu encontro e atirar sobre os matabeles. Não sei se sabe: só á minha conta, matei sete. Para a salvar, podia lá errar a pontaria.

Sorriu para ella. Mas Benita arredou-se



PARECIA UMA PANTHERA ARMANDO O SALTO

d'elle, visivelmente incommodada, e Clifford com irritação:

—Não alluda a similhantes horrores deante de minha filha. Já basta o ver-se obrigado a praticar taes cousas, é escusado falar depois n'ellas.

—Tem razão—replicou elle reflexionando—e peço desculpa, embora nada me tivesse dado mais prazer do que fuzilar esses matabelles. Acabámos com elles, mas lá fóra ha muitos e muitos mais. Escute! Lá estão elles a cantar o seu hymno da noite!

E com o dedo alongado foi marcando o rythmo ás retumbantes notas do tremendo canto de guerra dos matabeles, as quaes vinham da campina adjacente.

—Tem um sabor religioso, não lhes parece?—continuou elle.—As palavras é que... Mas será melhor que as não traduza. Nas nossas condições, assumem um sentido em demasia pessoal.

«Mas agora tenho uma cousa a dizer-lhes. Foi barbaro da sua parte irem-se embora e deixarem-me assim; foi pouco homoso até. A falar a verdade—acrescentou elle com um impeto de ferocidade, como de panthera—se apenas de vossê se tratasse, Clifford, declaro-lhe francamente que lhe daria um tiro, quando tornassemos a encontrar-nos. Os traidores o que merecem é serem fuzilados, não é verdade?

—Tenha a bondade de não falar d'esse modo a meu pae—ataltou Benita com voz as-

pera, em que se sentia ter a colera dominado o terror.—A mim cabem egualmente as suas accusações.

—É prazer obedecer-lhe—respondeu elle curvando-se.—Nunca mais alludirei a tal assumpto. Não a accuso, Miss. Quem seria capaz de a accusar? Jacob Meyer, não, por certo. Comprehendo bem que achou isto aqui muito aborrecido, e não ha remedio senão sujeitarmo-nos aos caprichos femininos. Alem do que, visto que voltaram, não vale a pena falar mais em tal. Mas escute. Ha um ponto em que eu tomei uma resolução inabalavel: não sahirá d'aqui, emquanto não sairmos juntos. Quando acabei de trazer os mantimentos, dispuz tudo n'esse sentido. Á manhã de manhã verá que ninguem mais pode subir a esta muralha, e, o que é mais, ninguem a poderá descer. Alem d'isso, para ficar tranquillo de todo, de futuro tenciono dormir junto da escada.

Benita e seu pae entreolharam-se com espanto.

—O molemo tem direito de aqui vir—disse ella.—É o seu santuario.

—Pois que celebre por uns tempos o seu culto lá por baixo! O velho pateta tem presumpção de saber tudo, mas nunca suspeitou das minhas tenções. Demais, nós dispensamos que elle se metta na nossa intimidade, não é assim? Podia dar-lhe na vista o ouro, quando nós o encontrassemos, e roubar-nos depois

(Continua)



OVAR

Praia do Furadouro



OVAR — EGREJA MATRIZ — SAHIDA DO SAGRADO VIATICO



povo portuguez sente-se bem junto do mar — junto d'esse leão indomavel e magestoso que por vezes se declarou vencido na lucha gigantesca travada com alguns dos seus mais audazes navegadores.

Foi assim que os frageis e pequenos baixéis do immortal Vasco da Gama singraram, orgulhosos, "*por mares nunca d'antes navegados*", sem recear as ameaças do féro Adamastor. Dir-se-hia que as alterosas vagas do grande Oceano até então mysterioso, que elle foi desvendar, obedeciam á sua voz de marinheiro forte e audaz, baixando, timidas, as suas cristas espumantes.

É que o povo portuguez está verdadeiramente identificado com esse colosso

eternamente irrequieto e feroz, mas desde sempre e para sempre bello — o mar!

Não ha duvida de que a este heroico povo ainda qualquer coisa resta, mais do que reminiscencia vaga, da raça phenicia, d'essa raça aventureira e laboriosa que invadiu a Luzitania pela primeira vez, ao que se suppõe, pelos annos de 954 antes de Jesus Christo — 201 annos antes da fundação de Roma.

Esses arrojadissimos habitantes d'aquella parte do littoral do Mediterraneo fechada ao oriente pelas elevadas cordilheiras do Libano, alargando as suas vistas pela grande superficie das aguas, calcularam que ellas lhe poderiam dar um grande predominio e, se bem pensaram



PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA «ESPERANÇA», DIRIGINDO-SE AO LANÇAMENTO DAS REDES

no seu engrandecimento, logo puzeram em pratica tão grandiosa ideia.

Não possuíam cartas hydrographicas nem agulhas de marear, mas a boa vontade e tenacidade haviam de supprir essas faltas aos primeiros navegadores do mundo. Os remos eram a força impulsora dos seus navios e as suas viagens realisavam-se ao longo das costas e á vista de terra. Atravessaram todo o Mediterraneo, fundaram, diz-se, Carthagená e foi Cadiz o seu principal emporio commercial. Navegando para o norte, percorreram todo o littoral luzitano, que fundamente os maravillhou, e desde logo resolveram assen-

tar seus arraiaes por tão formosas paragens.

Mas se a raça phenicia, installando-se na antiga Luzitania e cruzando-se com os habitantes d'esta parte occidental da Europa, perpetuou nos seus filhos a arte da navegação e o arrojo e valentia de que estes sempre deram e ainda hoje dão provas, a raça pelasgiana veio, mais tarde, por intermedio do pescador provençal, implantar o systema da pesca em varios pontos da costa luzitana, transformando-o n'uma industria que dia a dia augmentou extraordinariamente, chegando a ser hoje uma verdadeira fonte de riqueza de Portugal.



PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA DA COMPANHIA «BOA ESPERANÇA», DIRIGINDO-SE PARA A PESCA

Um d'esses pontos escolhidos pelos pescadores provençaes foi a praia que actualmente se denomina "Furadouro" e que dista apenas quatro kilometros da villa d'Ovar.

Ao habitante d'esta villa dá-se, em geral, o nome de *vareiro*, e assim deve ser chamado, apesar de serem tambem conhecidos pelo mesmo nome todos os habitantes da beira-mar, desde S. Jacintho (Aveiro), até á praia d'Espinho. Claramente se vê que o primitivo nome de Ovar devia ter sido Var, por isso que se diz *vareiro* ou *varino*, e não *ovareiro* ou *ovarino*,⁽¹⁾ e em reforço d'esta opinião, que é uma das que Pinho Leal apresenta no seu notavel "*Diccionario de Portugal antigo e moderno*", vem o saber-se que na costa maritima da Provença ha uma cidade, um rio e um cantão denominado Var, e que o pescador provençal aportou ás nossas costas e em algumas d'ellas se estabeleceu, deixando, para prova d'isso, uma certa afinidade de modos

e costumes que de todo ainda se não dissiparam da nossa classe piscatoria.

Que mais preciso é para chegarmos á conclusão de que, por semelhança, dessem os provençaes ao sitio onde hoje se encontra a villa o nome de Var? E tendo sido esta a povoação *do Var*, que coisa póde haver de mais natural do que denominar-se, com o decorrer dos tempos, a povoação *d'Ovar*?

E tanto isso se podia dar e ter hoje como certo, que não resta duvida, como o affirma Pinho Leal, de que os antigos juntavam sempre a preposição ao nome proprio, fazendo, por exemplo, de *de Ornellas*, Dornellas; de *la Cerda*, Lacerda; de *dos Ruivos*, Durruivos, etc.⁽²⁾ Sobre a afi-



OVARINA

(1) O Dr. João Frederico Teixeira de Pinho, nas suas "*Memorias e datas para a historia da villa d'Ovar*", affirma que a villa deriva o seu nome do verbo absoluto — *Ovar* —, porque multidão de aves palustres punham

ovos e creavam aqui, onde os moradores da vetusta Cabanões vinham a elles.

Pinho Leal insurge-se contra esta opinião, dizendo que, a ser assim, a villa deveria ter o nome de *Desovar* e não *Ovar*.

Outras opiniões se apresentam ainda sobre o mesmo assumpto, quasi destituidas de fundamento, mas eu sigo apenas aquella que deixo exposta, como mais racional e consentanea com os factos historicos.

(1) Apenas a mulher d'Ovar é tambem conhecida pelo nome de *ovarina*, sobretudo em Lisboa, mas chama-se mais propriamente, e em geral, *varina* ou *vareira*.

nidade do vareiro com o provençal, não deixaremos de transcrever textualmente o que aquelle mesmo auctor nos diz: — *“O pescador provençal, como o vareiro, com as suas calças largas e curtas, com a sua faixa e com a sua grande capuça, recorda-nos a sua procedencia e a pasmosa semelhança com o pescador das*

epoca da pesca da sardinha, que decorre de maio a dezembro, conservam ainda d’um modo nota velo typo primitivo, em que predomina a regularidade das formas e o desenvolvimento muscular.

A vareira, que em varias terras do paiz e sobretudo em Lisboa é, como já dissemos, mais conhecida pelo nome de



PRAIA DO FURADOURO—BARCO DE PESCA NO REGRESSO DE LANÇAR AS REDES AO MAR E NO MOMENTO EM QUE ARRIBAVA

Ilhas Fonicas, no modo de vestir e viver; devemos, porem, confessar que o cruzamento com as diferentes raças peninsulares fez, em grande parte, perder ao vareiro a sua primitiva belleza de formas, que tem degenerado menos entre o provençal.”

Assim é, realmente, mas ainda hoje se reconhece na raça vareira propriamente dita, isto é, na classe piscatoria, uma organização forte e sadia, capaz de arrostar com as maiores intemperies da vida.

Os pescadores, que raramente abandonam a praia do Furadouro durante a

ovarina ou mais propriamente *varina*, é uma mulher inconfundivel não só pela sua energia, graça e vivacidade, como pela belleza e perfeição da sua plastica. A vareira não é a mulher chlorotica e enfezada, embora com uns laivos de formosura, que nós estamos hoje habituados a vêr a cada passo, porque não quer sujeitar-se ao martyrio do espartilho e dos mais requisitos da moda tão inflexivel, quanto perigosa.

Ella é, pelo contrario, a mulher forte, activa, desenvolta e agil que, para ganhar honestamente o seu pão, vae correndo sobre a areia da beira-mar, ou



PRAIA DO FURADOURO—RUA DÁ CAPELLA VELHA

atravez das povoações, canastra á cabeça, lenço solto ao vento, peito á vontade e as saias ensacadas nos largos quadris, e soltando o característico pregão com toda a força dos seus robustos pulmões: — *“vvinha da costa! . . . E’ d’agora viva! . . .”*

E quem bem se puzer a contemplar o perfil de muitas d’essas mulheres, lem-

brar-se-ha, sem duvida, dos perfís hellenicos que arrancaram á estatuaria d’esse povo de artistas a formosa cabeça de Aphrodite.

Mas voltemos á beira-mar.

O Furadouro (corrupção de Aforadouro), é uma linda praia a quatro kilometros de distancia do extremo poente da villa d’Ovar e a esta ligada por uma



OVAR — CHALUPA «ESTEVAM» EM OCCASIAO DO LANÇAMENTO Á AGUA NA RIBEIRA DO MOURÃO



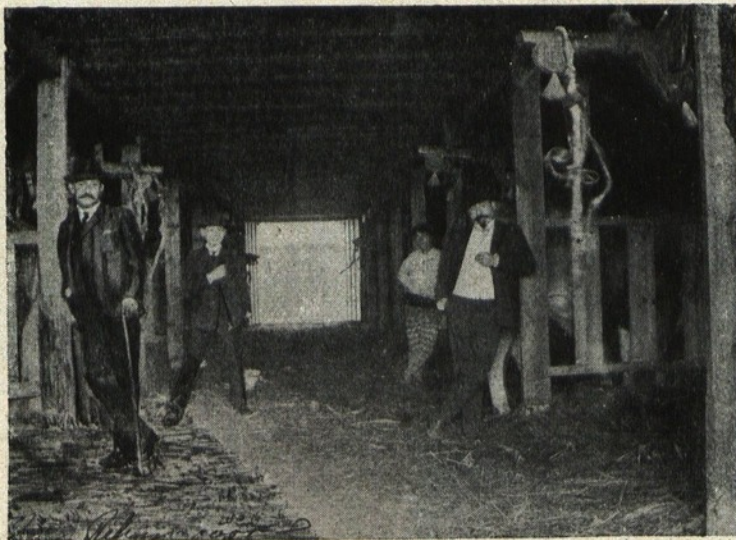
PRAIA DO FURADOURO—ORIGINAL CASA DO PESSOAL, ARRECADAÇÃO DE REDES E ABEGOARIA DA COMPANHIA «BOA ESPERANÇA»

formosa estrada orlada de eucalyptos e marginada por diversas propriedades de vinha e de pinhal. Victima de varios incendios, dos quaes o primeiro e mais importante foi em 31 de julho de 1881, o Furadouro perdeu a sua feição antiga, desalinhada e pobre, sobretudo do lado do norte e parte do lado sul da praia, onde agora se vêem muitas ruas perfeitamente alinhadas e algumas macdamisadas, com bons predios de pedra e cal, espaçosos e elegantes. A maior animação da praia é nos mezes de agosto, setembro e outubro, não só por serem esses, em geral, os de mais abundante e melhor pesca, como pela concorrência que

então se nota de muitas familias que d'Ovar e outros pontos do districto d'Aveiro e mesmo de fóra d'elle alli veem gosar a epoca balnear.

No Furadouro já hoje não escasseiam commodidades para se viver regularmente e até com certo prazer, durante essa

epoca, pois, a par dos diversos estabelecimentos onde se encontram todos os generos de primeira necessidade, possui, ha já alguns annos, um bem montado hotel, café e bilhares, e tem passatempos admiraveis e hygienicos, taes como a caça nas mattas que lhe ficam proximas e a pesca na lindissima ria do Carregal, que fica apenas a dois kilometros da praia e que é um dos braços da celebre ria d'Aveiro.



INTERIOR DA ABEGOARIA

O Furadouro tem duas capellas — a do Senhor da Piedade e a da Senhora do Livramento, ou das Areias. A primeira, muito pequena e já restaurada, foi construida em 1776, apesar de existir já como oratorio de madeira desde outubro de 1759, e a segunda, de recente construcção, é espaçosa, embora de traça simples e modesta.

Muito teriamos que dizer sobre estas e outras particularidades que se prendem com a historia d'Ovar, mas reservar-nos-

hemos para logar mais apropriado e occasião mais oportuna.

Não deixaremos, comtudo, de fallar aqui nas companhias de pesca — o principal ramo de commercio da gente da beira-mar, que hoje tão desenvolvido se encontra por todo o paiz

Actualmente trabalham na costa do Furadouro quatro companhias — a de S.

gerente o sñr. Francisco de Mattos, bem-quisto commerciante da Praça de Ovar.

D'aquellas sociedades de pesca, que no fim de cada *safra* podem apresentar, em media, uma receita não inferior a cincoenta contos de reis, a mais recentemente fundada foi a «Boa Esperança», pois que a sua organização data de 16 de fevereiro do corrente anno. A mon-



OVAR—PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DO PARTO NO REGRESSO Á SUA CAPELLA NO LARGO DOS CAMPOS

Pedro ou do *Guincho*, a de S. Luiz ou a *Camona*, a da Senhora do Socorro ou do *Massaroca*, e a «Boa Esperança», empreza que gira sob a firma de Pinto Palavra & C.^a L.^a

Das tres primeiras companhias são respectivamente senhorios os srs. João Pacheco Polonia, Francisco Ferreira Coelho e Joaquim Valente d'Almeida, e da empreza de pesca «Boa Esperança» é

tagem d'esta companhia e o seu processo de trabalho são notaveis e dignos de minucioso exame por parte de todas as pessoas que se interessam pela arte da pesca.

Ao sul da praia e em terreno cedido pela fabrica de conservas *A Varina*, que tem a sua séde na villa d'Ovar, e cuja filial, para o fabrico da sardinha, alli se encontra muito bem montada, está

feita a installação da nova companhia, que se compõe de grandes armazens de madeira, divididos em tres corpos solidamente construidos: um ao fundo para habitação do pessoal e dois aos lados, sendo d'estes um para abegoaria e outro para guarda de apparatus, alem de outras dependencias de somenos importancia.

Para quem nunca viu a pesca *d'arrasto* em algumas das costas do norte de Portugal, torna-se um passatempo cheio de curiosidade o presenciar toda essa scena d'um pittoresco e d'um sabor local inexcediveis. Desde o lançar dos barcos ao mar até ao sahir das rêdes, succedem-se interessantissimas manobras que, apesar de rotineiras, são d'uma grande utilidade e precisão.

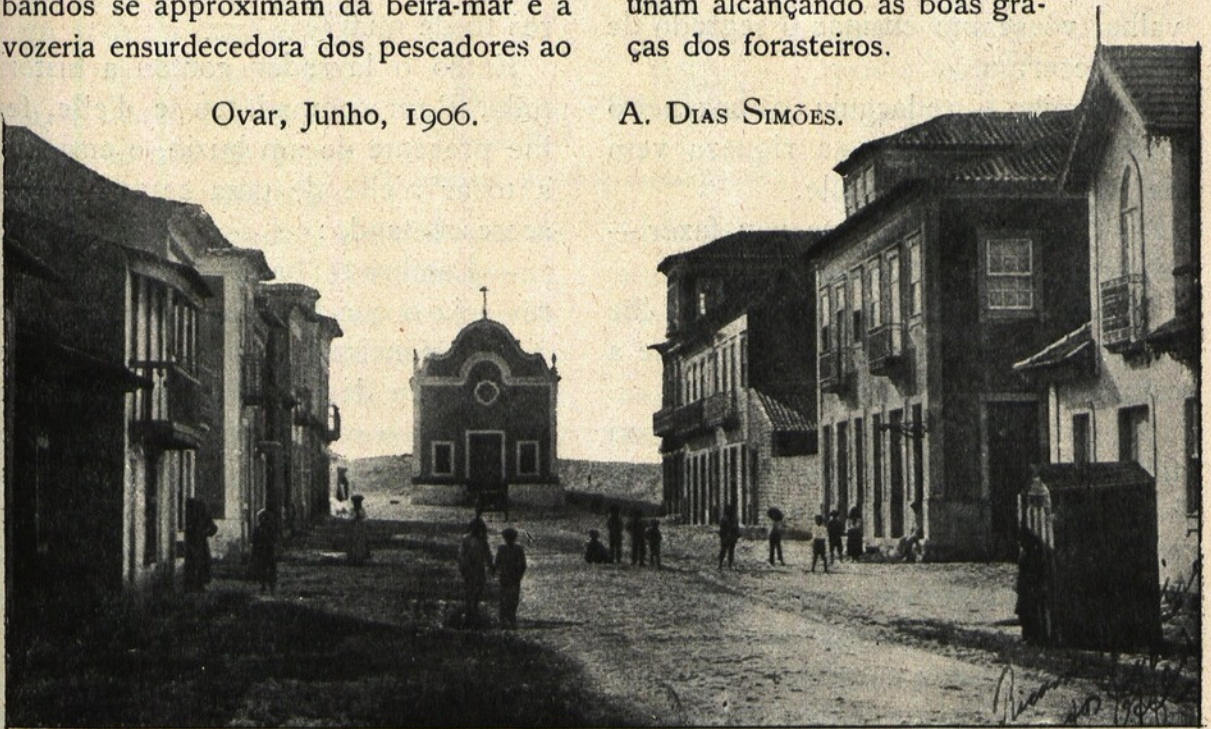
A praia, em dias de pesca abundante, é extraordinariamente movimentada e sobretudo no momento em que as rêdes chegam a terra. O espectáculo então é maravilhoso e sempre bello. O susurro monotono das vagas, o piar agudo e incessante das gaivotas que em enormes bandos se approximam da beira-mar e a vozeria ensurdecidora dos pescadores ao

puxar as rêdes para fóra d'agua produzem uma musica extranha, que se ouve a muita distancia e cuja toada não deixa de ter uma certa harmonia que deliciosamente encanta os que a escutam. Logo que a sardinha sáe das rêdes e é comprada por varios *mercanteis*, são as vareiras encarregadas da sua conducção para os palheiros dos compradores, depois de a escorcharem com uma rapidez assombrosa.

E' então que a vareira se mostra tal qual é: — forte, desenvolta, agil e corajosa, trabalhando sem descanso, correndo sobre a areia como ligeira arveloa, mettendo-se pela agua do mar até á cintura para lavar os *rapicheis* da sardinha, cantando sempre, rindo sempre e aspirando a plenos pulmões o ar forte e sadio da beira-mar. Na praia do Furadouro tudo isto se vê, todas estas bellezas se gozam e pena é que ella tão desconhecida seja ainda n'este nosso paiz, quando é certo que outras praias muito inferiores e sem bellezas naturaes teem alcançado e continuam alcançando as boas graças dos forasteiros.

Ovar, Junho, 1906.

A. DIAS SIMÕES.





O lavrador e o onzeneiro



TIHA cahido nas unhas de um onzeneiro um desgraçado lavrador. Por boas ou más que fossem as colheitas, o lavrador ficava sempre

na mesma pobreza, ao passo que o onzeneiro enriquecia. Por fim, quando já não tinha um ceitel de seu, o lavrador foi ter com o onzeneiro, e disse-lhe assim :

— Por mais que se exprima uma pedra, não ha meio de lhe arrancar pinga de agua. Assim estou eu. E visto que de mim não podes tirar cousa que valha, vê se me ensinas o segredo de enriquecer.

— Amigo — redarguiu o onzeneiro com ar de piedade — a riqueza vem de Ram. Pede-lh'a a elle.

— Obrigado. É o que vou fazer — replicou o ingenuo lavrador.

E vae, arranjou tres bolos que lhe chegassem para a jornada, e poz-se a caminho em cata de Ram.

A primeira pessoa que encontrou foi um brahmane, a quem deu um dos bolos, pedindo que lhe ensinasse o caminho para ir ter com Ram; mas o brahmane guardou o bolo e seguiu por alli fóra sem dar palavra. D'ahi a pouco o lavrador encontrou um jogue muito devoto, a quem deu outro bolo, sem receber em troca o mais leve au-

xilio. Por fim, topou com um pobre homem que estava assentado á sombra de uma arvore, e, como visse que elle tinha fome, o caridoso lavrador deu-lhe o ultimo bolo, sentou-se ao lado d'elle a descansar e travaram ambos conversação.

— Aonde vaes tu? — perguntou o pobre.

— Ora! tenho que andar! Vou em procura de Ram — respondeu o lavrador — Com certeza que não poderás dizer-me se vou por bom caminho.

— Talvez que possa — disse o pobre, sorrindo — Ram sou eu. Que queres tu de mim?

Então o lavrador contou a historia toda. Ram compadeceu-se d'elle, fez-lhe presente de um buzio, e ensinou-o a tocar n'elle de uma certa maneira, accrescentando:

— Lembra-te bem! Quando desejares seja o que for, basta que assopres d'esta maneira no buzio, e será satisfeito o teu desejo. Mas vê lá! acaute-la-te com o onzeneiro, porque nem os feitiços estão á prova das suas manhas!

Voltou o lavrador muito contente para a sua aldeia. O espertalhão do onzeneiro logo ficou com a pedra no sapato, e disse lá consigo:

— Alguma cousa boa aconteceu a este pateta, para elle estar assim de cabeça no ar.

E vae d'ahi, foi logo a casa do lavrador, a dar-lhe parabens pela sua fortuna, com palavras tão astuciosas, como de quem estava informado de tudo, que d'alli a nada estava o lavrador a contar-lhe o succedido — tudo, afora o segredo de assoprar no buzio, porque, com toda a sua parvoice, não foi tão tolo que chegasse a ensinar-lh'o.

Mas o onzeneiro fez logo protesto de apanhar o buzio, a mal ou a bem, e, como era um maroto que não se prendia com bagatelas, esperou por ensejo propicio, e furtou o buzio.

Assoprou, tornou a assoprar, quasi que deitou os bofes pela bocca fora, e nada. Palpitou-lhe que aquillo era pantomimice do lavrador. Mas como estava resolvido a conseguir o que desejava, foi outra vez ter com o lavrador, e disse-lhe com todo o desplante:

— Olha lá! quem furtou o buzio fui eu. É certo que não me serve de nada. Mas como tu não

o tens em teu poder, claro é que de nada tambem te serve. Por conseguinte, nada adeantaremos, a não ser fazendo um contracto. Prometto restituir te o buzio e deixar que te sirvas d'elle á tua vontade, mas com uma condição, que é esta: quanto ganhares com elle, ganho eu o dobro.

— Recuso! — exclamou o lavrador — Assim voltavamos ao que era d'antes.

— Qual historia! — replicou o astucioso onzeneiro — Tu sempre ficas com a tua parte. Não sejas como cão de fila,

que nem come nem deixa comer. Em tu tendo o que precisas, que te importa a ti que eu seja rico ou seja pobre?

Finalmente, por mais que lhe custasse fazer o mais leve beneficio a um usurario, o lavrador não teve remedio senão ceder, e d'ahi por deante, qualquer cousa que elle ganhasse pelo poder do buzio, ganhava o onzeneiro o dobro. E tanto e tanto se ralava com isto o lavrador que não havia nada que lhe desse alegria.

Até que n'um certo anno veiu uma secca terrivel; secca foi ella que as searas do lavrador queimaram-se todas á mingua de chuva. Então elle assoprou no buzio, e pediu um poço para as regar. Dito e feito. Apareceu o poço, mas ao maldito onzeneiro surdiram logo dois, dois bellos poços novinhos e cheios de agua. Era de mais! O lavrador já não podia supportar aquella situação; tanto parafusou, tanto parafusou, que afinal occorreu-lhe uma

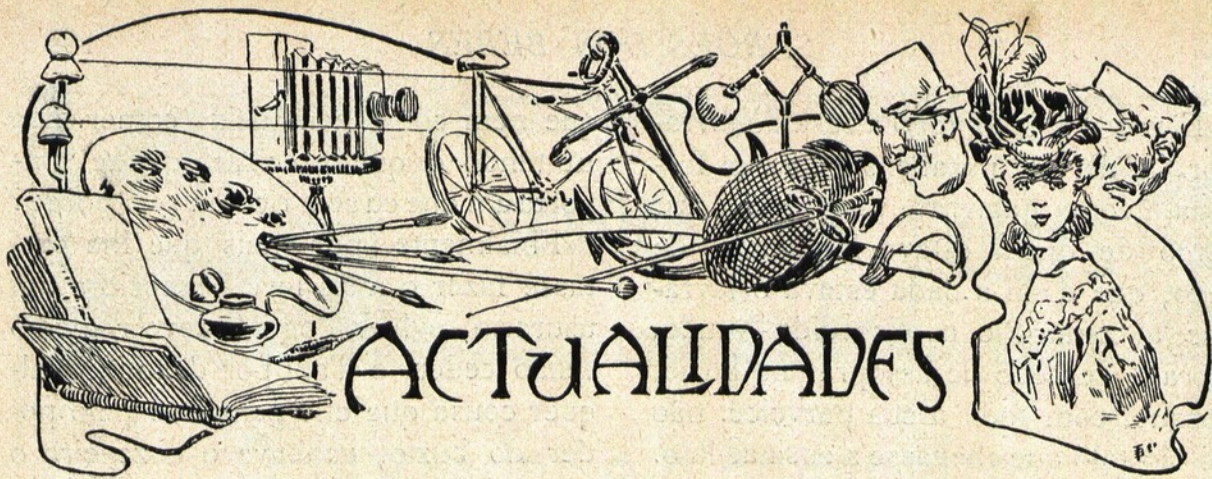


ASSOPROU. TORNOU A ASSOPRAR E NADA

ideia excellente. Agarrou no buzio, assoprou com toda aforça e bradou: — Ram, desejo ficar cego de um olho.

N'um abrir e fechar de olhos, viu-se com effeito o lavrador sem um d'elles, mas ao mesmo tempo o onzeneiro ficou cego dos dois. E quando procurava encaminhar-se por entre os dois poços, cahiu n'um d'elles, e afogou-se.

Mostra esta verdadeira historia como um lavrador conseguiu uma vez levar a melhor de um usurario, mas para isso teve de perder um olho.



Grandes topicos

Dreyfus
rehabilitado

Após 12 annos de uma lucta feroz que chegou a interessar e mesmo a commover todo o mundo, fez se finalmente justiça! Alfred Deyfrus, a pobre victima do Estado Maior de 1894, encontra-se, enfim, rehabilitado e de novo incluído nas fileiras do exercito francez.

Como se previra, o Supremo Tribunal annullou a sentença que condemnara Dreyfus, reconhecendo o que todo o mundo reconhecera já —

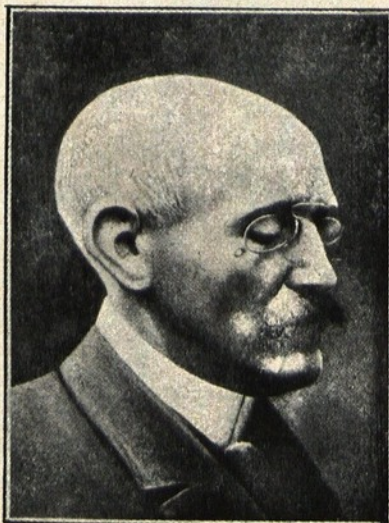


O ACORDO ANGLO-RUSSO

Graças ás intervenções externas, a baleia ingleza e o urso russo começam a dar-se á maravilha
Do «Kladderadatsch»

que ella fôra baseada em documentos falsos, e que o homem contra quem a haviam pronunciado era um innocente.

Ficou assim de vez e oficialmente destruida a cabala architectada e mantida ha doze annos, recebendo ao mesmo tempo uma retumbante consagração a gloriosa campanha em que tantos altos espiritos se empenharam e á frente dos quaes a Historia inscreverá em letras d'ouro



O MAJOR DREYFUS

o nome de Zola! — o grande apostolo que a morte, metendo-se estupidamente de permeio, não permitiu que visse o fructo da sua obra colossal de justiça, que corre parellhas com o brilho da sua obra litteraria.

Na Russia

DEU-SE o que todo o mundo previra: a Duma foi dissolvida e immediatamente se revolucionou todo o imperio mos-

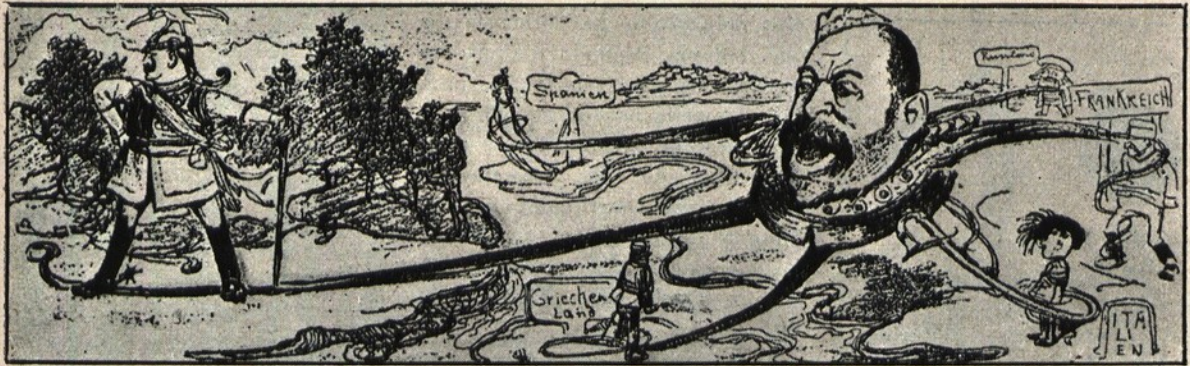
covita. Diz o dictado latino que Deus dementa os que quer perder. Com effeito, é preciso que os dirijentes da Russia tenham comple-



LEALDADE MECHANICA

Apesar de todas as precauções policiaes, ainda ha gente em Berlim que se deixa ficar sentado nos bancos de Unter den Linden quando passa o automovel imperial. Poze por fim termo a esta attitude pouco respeitosa. De futuro, sempre que a imperial machina appareça no horisoute, o policia de serviço prime um botão, e logo surge a desejada expressão de lealdade ao monarcha, em consequencia do movimento automatico dos bancos. Vê-se que isto tem a vantagem excepcional de levantar os gestos festivos dos assistentes ao mais elevado acume de patriotismo.

tamente perdido a noção das coisas para que o seu sobretudo imprudente procedimento encontre uma certa justificação.



O TIO EDUARDO, O POLYPO DA EUROPA

Do «Kikireki»

Todo o mundo o previra, dissémos nós e é a verdade, que uma vez dissolvida a Duma, o povo se revoltaria. Para a minoria intelectual e politica, aquella caricatura de parlamento representava pouco, mas representava alguma coisa: era uma concessão, ou antes, uma capitulação da autocracia; para o grosso do publico, ignaro e miseravel, absolutamente dominado pela religião, era uma dadiva de Deus que lhe fôra feita por intermedio do czar, mas que, por isso mesmo, este não podia depois tirar-lhe e sob pena de incorrer nas proprias iras divinas... e humanas. A questão estava, portanto, posta com a maior clareza e simplicidade para toda a gente, e toda a gente supôz que tambem o estaria para o czar e os seus aulicos. Parece, porem, que não era assim, visto o que acaba de se passar.

Entre a evolução, mais ou menos agitada pela legitima impaciencia dos expoliados durante seculos, e a revolução a ferro e fogo, o czar preferiu esta ultima em que arrisca o seu throno e a propria vida. Pois lá a tem. Não está, por ora, organizada de forma a poder levar de vencida, de um momento para ou-

tro, o regimen, porquanto os proprios revolucionarios não contavam

cedio, o cháos. D'elle certamente farão os russos uma patria nova, como do outro fez Deus o mundo.



A SAUDE DO PAPA

Pio X — *Ou Castel Gandolfo... ou morrer.*

Merry del Val — *Antes morrer, Santissimo Padre, do que ir metter-se no meio dos lobos.*

Do «Paschino»

com este verdadeiro *coup de théâtre*. Mas lá chegará. Entretanto, é o vandalismo, a devastação cega e brutal, o morticínio, o saque, o in-

Os direitos da mulher

A CABA de constituir-se em França um grupo

parlamentar para a defeza dos direitos da mulher, de que fazem parte algumas individualidades mais notaveis da politica franceza, como Chaumié, Viviani, Siegfried, Chéron, Cruppi, etc. O programma traçado consiste no de todas as questões relativas ás reivindicações femininas, sob o ponto de vista da educação, dos direitos politicos, da capacidade civil da mulher e da sua condição social.

O grupo tomará brevemente a iniciativa de dois projectos de lei,

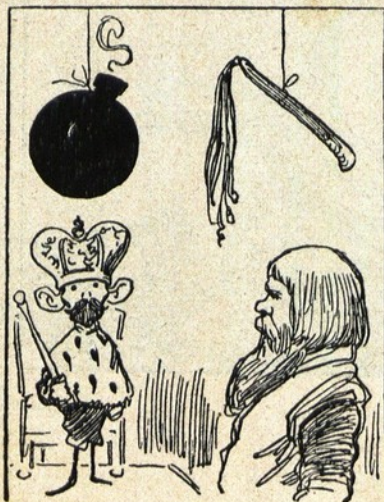
tendentes, o primeiro a impedir o rompimento dos contractos de trabalho durante os dois mezes que procedem o termo presumivel da gravidez e o que segue ao parto; e o segundo a abrogar o artigo 340 do Codigo Civil e a instituir a investigação da paternidade. Este movimento é de prever que se reproduza pelo mundo civilizado, abalado pelas reivindicações do feminismo.



A TRIPlice ALLIANÇA

Enchendo mais uma vez os pneumáticos. Quanto tempo durará

Do «Kladderatsch»



QUAL CAHIRÁ PRIMEIRO?
A BOMBA OU O KNOUT?

Do Neve "Glühlichter"

As reformas militares inglesas **H**A muito tempo que a Inglaterra reconhece a necessidade de reorganizar o seu exercito, não tendo, todavia, ainda tomado a resolução de o fazer, em virtude de varias circunstancias de bastante monta, entre as quaes avulta a de o caracter e os costumes ingleses serem inconciliaveis com a organização dos exercitos modernos. Parece, porém, que alguma coisa se vae fazer agora n'esse sentido, porquanto o actual ministro da guerra, sr. Haldane, annunciou ha dias que se propõe apresentar brevemente ao parlamento um largo projecto de reformas militares.

Segundo elle, o exercito soffre



UMA PARTIDA ALEGRE

O KAISER — *Então nunca mais querem jogar comigo*

Do "La Silhouette"

uma redução de 20.000 homens, o que, todavia, segundo o Conselho superior de guerra inglez, permitirá ao governo britannico mobilisar, em caso de guerra, forças mais numerosas do que artigamente. Ficará assim constituido um corpo expedicionario de 150.000 homens, comprehendendo 50.000 nas fileiras. 70.000 reservistas e 30.000 das milicias.

O resultado d'esta reforma será elevar de 50 por cento a força de combate da artilharia de campanha, realisando-se ao mesmo tempo uma economia de 15 milhões de francos. Quanto aos voluntarios passarão a servir nas fortalezas navaes, formando uma segunda reserva. A cavalaria é que fica tal qual está.

Communismo em acção

NA livre Inglaterra acabam de realizar-se duas interessantes experiencias de communismo pratico. A primeira foi em Manchester, onde um pequeno grupo de operarios sem trabalho se apoderou de uma parcella de terreno pertencente á abbadia, passando a cultivar-o por conta propria.

Encorajados com este exemplo, os sem-trabalho de Londres resolveram seguir-o. Um bello dia, quatorze d'esses infelizes, empunhando instrumentos do trabalho agricola, appareceram junto de um terreno que a municipalidade de West Ham possui cerca de Plaistow e, destruindo a respectiva vedação, penetraram n'elle e lançaram-se a cultivar-o, depois de construir algumas tendas para se abrigarem durante a noite.

O mais curioso do caso é que o grupo é dirigido por um proprio conselheiro municipal, Mac Cuning, que fez a um jornalista as seguintes declarações:

«Fui eu quem organisou esta expedição e tomo d'isso toda a responsabilidade. Pediu-se ao Conselho municipal que desse o terreno aos sem-trabalho. Como recusasse, resolvemos apoderar nos d'elle. E cá estamos,

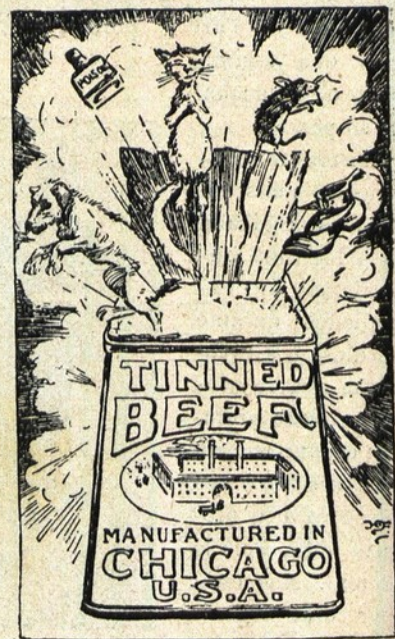
Esperamos que muitos outros camaradas venham juntar-se a nós,



O CZAR E O REI DA BELGICA COMPARAM AS ARMAS COM QUE TENTAM IMPOR AO POVO AS SUAS RESPECTIVAS VONTADES.

Do De "Weekland voor Nederland"

de maneira que, dentro em pouco veremos uns 200. Alem d'isso, tentamos apoderar-nos de um outro terreno, que custou ao Conselho municipal 2.500 libras, visto que na Sociedade de socorros de West-Ham estão inscriptos 4.000 operarios sem trabalho e é preciso socorrer-os. Entretanto, até que possamos colher o fructo do nosso trabalho, iremos vivendo da caridade publica.»



UM PRATO MAGNIFICO

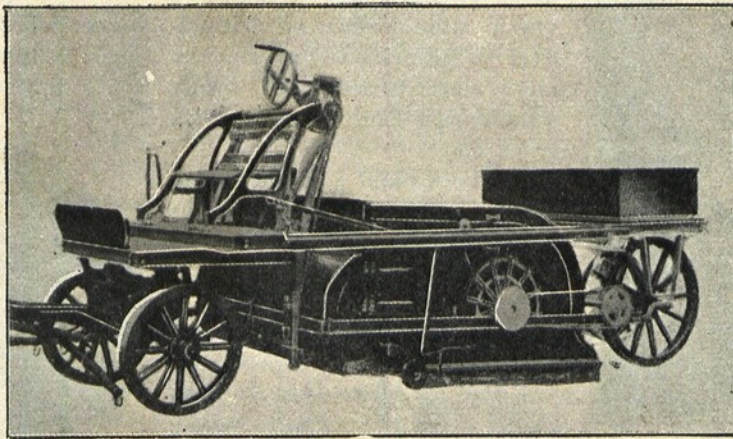
Em se abrindo a lata...

Do "Morning Leader"

Vida na sciencia e na industria

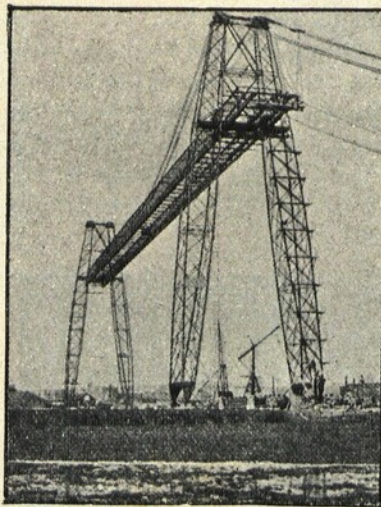
Machina
varredora

INVENTOU-SE uma nova machina de varrer as ruas e de juntar as poeiras, a qual póde revolucionar os serviços de limpeza urbana. A machina contém um cylindro com grandes vassouras ou escovas. Quando trabalha, recolhe do solo toda a immundicie e todo o pó: as immundicies são depositadas n'um receptaculo especial, e as poeiras entram n'um tanque de agua. A immundicie recolhida póde remover-se em sacos, o que evita a accumulção de montes de lixo pelas ruas.

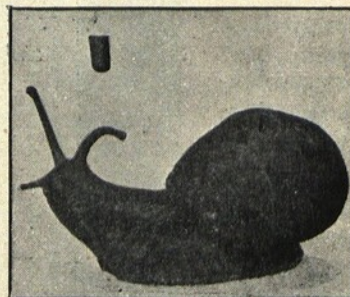
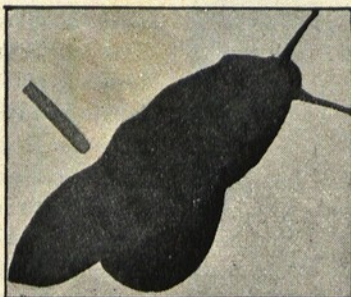


NOVA MACHINA VARREDORA

Nova ponte de transporte **F**oi construida ha pouco em Newport uma nova ponte de transporte, a segunda d'esta especie feita em Inglaterra. Consiste em torres de aço, de cerca de 84 metros de altura, de cada lado do rio, separadas entre si pela distancia de 195 metros. Atravez d'este espaço a uma altura de 56 metros acima do nivel da preamar, ha uma trave segura por fortes cabos, no qual existe um trolley actuada por motores electricos. Suspenso d'este trolley, por correntes de aço, ha um carro de 13 metros de comprido por 10 de largo, que serve para transporte de carga. Compreendem-se facilmente as vantagens d'este systema, que aliás já está em pratica em alguns pontos da França e de outros paizes.



PONTE DE TRANSPORTE EM NEWPORT



EFFEITOS DO CHEIRO DA MACELLA SOBRE UM CARACOL

O olfacto
dos caracoes

O caracol comum apresenta um exemplo interessante da maneira curiosa por

que se exerce o sentido do olfacto em alguns animaes inferiores. Nos animaes superiores, tem este sentido centro proprio e especial, mas, no que

respeita ao caracol, por exemplo, este sentido distribue-se por todo o corpo. O grau mais alto que esse sentido attinge é nos tentaculos, nos labios e nas bordas dos pés. Na nossa gravura da direita, vê-se o caracol deflectindo um tentaculo quando se lhe colloca proximo um tubo de vidro mergulhado em camomilla

(a macella commum). Na gravura da esquerda, o corpo retrae-se todo quando o tubo se lhe approxima, mostrando assim que o sentido do olfacto se estende por toda a superficie.

Um barometre
economico

SIMPLESMENTE uma chavena de café, onde se deite um torrão de assucar, sem se mecher. Surdem logo do assucar umas bolhas de ar que são excellentes indicadores meteorologicos.

Se acaso se ajuntam no meio da chavena, pode-se contar com um bello dia. Mas se, ao contrario, adherirem ás paredes da chavena, formando uma especie de anel

com um espaço claro no centro, preparem-se com o guarda-chuva, porque está imminente uma aguada. Se as bolhas se espalharem irregularmente pela superficie do café, indicam tempo variavel.

É tambem proprio d'este tempo a colheita das batatas, que se póde conhecer estarem promptas a ser retiradas da terra pelo acabamento da vegetação da planta, ou secca da rama.

O meio mais vulgar de fazer esta colheita é revolver a terra á enxada, retirando os tuberculos, enterrando a rama e dando assim um amanho muito util á terra.

Nos paizes em que a cultura da batata está muito aperfeiçoada, emprega-se n'esta cultura muitos apparelhos para se obter perfeição e economia em todas as operações que lhe são indispensaveis, como plantação, sacha, irrigação, colheita, lavagem, classificação, etc.

Entre nós, infelizmente, tudo parece desnecessario.

No jardim **H**A n'este mez pouco a fazer nos jardins; abrigam-se as flores da ardencia do sol e regam-se um pouco mais frequentemente.

O pó é grande inimigo das plantas. Além da apparencia feia que lhes dá, impede a respiração da planta, o que prejudica fundamente a sua existencia. As regas com regador de ralo teem a vantagem não só de refrescar a planta e a terra em que ella vive, mas tambem de assentar o pó, evitando que o vento o levante e o faça depositar sobre ella.

É conveniente não molhar as flores, que assim perdem facilmente o seu aroma e brilho.

Semêa-se n'este mez as cinerarias, goivos, cravos, verbenas, campanulas, resedás etc.

Passado o meado do mez, pode fazer-se a plantação de estacas de qualquer planta que possa florescer mais tarde, como secias, crysanthemos, etc.

Transfere-se para vasos as que seja conveniente abrigar durante o rigor do inverno em sitio especial.

Escolhe-se para isso um vaso de tamanho relativo ao tamanho ou desenvolvimento da planta; na abertura ou furo do fundo colloca-se

uma pequena pedra para impedir que a terra molhada tape essa saída, e enche-se o vaso com uma mistura da melhor terra do jardim com terriço. Ao meio d'essa terra abre-se uma cavidade, que, segundo a planta a que se destina, poderá ir até a meia altura do vaso, e ahi se calca a planta com as suas raizes, em volta das quaes se vae deitando a terra, calcando-a levemente até acima, devendo mesmo ficar amontoada em volta da haste. Rega-se amiudadamente ao principio, sem exaggear a quantidade de agua de cada vez, e deixa-se estar nas mesmas condições em que a planta estava, até que ella adquira a sua vida normal na nova instalação, depois do que pode ser transferida para qualquer outro ponto.

Nos jardins deve continuar-se as sachas para facilitar a penetração do sol, do ar e da agua ao interior da terra e assim manter-se melhor a vida das diversas plantas durante os rigores do verão.



MARTYRIO

Episodio da morte de Jeanne d'Arc. — Quadro exposto no ultimo salon da Royal Academy, de Londres